



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**O PAPEL MEDIADOR DO JULGAMENTO MORAL NA RELAÇÃO
ENTRE EMPATIA E AGRESSÃO EM ADULTOS**

Marília Pereira Dutra

João Pessoa – PB

Julho de 2024

O PAPEL MEDIADOR DO JULGAMENTO MORAL NA RELAÇÃO ENTRE EMPATIA E AGRESSÃO EM ADULTOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Cleonice Pereira dos Santos Camino, como requisito final para a obtenção da aprovação no exame de defesa final de Doutorado em Psicologia Social.

Doutoranda: Marília Pereira Dutra

Orientadora: Cleonice Pereira dos Santos Camino

João Pessoa, Paraíba

Julho de 2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D978p Dutra, Marília Pereira.

O papel mediador do julgamento moral na relação
entre empatia e agressão em adultos / Marília Pereira
Dutra. - João Pessoa, 2024.

158 f. : il.

Orientação: Cleonice Pereira dos Santos Camino.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Agressão - adultos. 2. Empatia e agressão. 3.
Julgamento moral. 4. Mediação. I. Camino, Cleonice
Pereira dos Santos. II. Título.

UFPB/BC

CDU 343.615(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Marília Pereira Dutra

Título: O papel mediador do julgamento moral na relação entre empatia e agressão em adultos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profª. Drª. Cleonice Pereira dos Santos Camino, como requisito final para a obtenção da aprovação no exame de defesa final de Doutorado em Psicologia Social.

Aprovada em: 31/07/2024

Banca Examinadora

Profª. Drª. Cleonice Pereira dos Santos Camino (Orientadora)

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Documento assinado digitalmente

LEONARDO RODRIGUES SAMPAIO

Data: 14/08/2024 08:36:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leonardo Rodrigues Sampaio (Examinador Externo à Instituição)

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Documento assinado digitalmente

PABLO VICENTE MENDES DE OLIVEIRA QUEIROZ

Data: 16/08/2024 20:54:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pablo Vicente Mendes de Oliveira Queiroz (Examinador Externo à Instituição)

Instituição: Faculdade de Ciências da Saúde do Trairí (FACISA)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)



Documento assinado digitalmente

ROMULO LUSTOSA PIMENTEIRA DE MELO

Data: 25/08/2024 20:33:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rômulo Lustosa Pimenteira de Melo (Examinador Interno)

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Documento assinado digitalmente

LILIAN KELLY DE SOUSA GALVAO

Data: 26/08/2024 12:02:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Lilian Kelly de Sousa Galvão (Examinadora Interna)

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

*Com o coração cheio de gratidão,
dedico este trabalho aos meus pais que,
com muito zelo e dedicação,
me ensinaram o valor da compaixão
ao invés da agressão.*

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço à minha ilustríssima orientadora **Cleonice Camino** e à minha querida colaboradora de pesquisa **Lilian Galvão**, sem as quais esta tese não seria possível. A **professora Cleonice**, mais do que orientar a construção deste trabalho, ajudou na minha construção profissional e humana ao demonstrar, através de suas ações, tamanho cuidado e dedicação ao próximo, inspirando a percepção da forma como as relações humanas deveriam ser efetivadas. E a **professora Lilian**, minha mãe acadêmica, com a qual tive a benção de estar trilhando esse percurso acadêmico, iniciado na graduação em Psicologia com o PIVIC/PIBIC, me ensina diariamente que o afeto, junto com a confiança depositada em um aluno e o desprendimento das orientações necessárias, são capazes de transformar suas inseguranças em possibilidades, fazendo com que esse aluno possa alçar altos voos. Foi graças ao afeto, a confiança e as valorosas orientações que Lilian me ofereceu, que consegui chegar até aqui.

Agradeço aos queridos professores **Pablo Queiroz** e **Rômulo Lustosa**, pelas assertivas contribuições dadas a este trabalho durante a banca de qualificação e por terem aceitado participar novamente da avaliação final desta tese. Obrigada pelo tempo investido na leitura cuidadosa e nas valiosas colaborações que contribuíram para este trabalho chegar em sua versão final. Agradeço conjuntamente ao querido professor **Leonardo Sampaio**, por ter se disponibilizado para leitura e avaliação final desta tese, além de já ter contribuído com suas imprescindíveis sugestões de como conduzir a pesquisa, enquanto esta ainda se encontrava na sua etapa de estudo piloto.

Agradeço aos membros do **Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Sócio Moral (NPDSM)**, por todo apoio dado para a elaboração desta tese em etapas fundamentais como a coleta e análise de dados, com também pelo companheirismo e amizade desenvolvida nesses quatro anos.

Agradeço aos **professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social** da UFPB, por todos os ensinamentos transmitidos e pelas contribuições dadas a minha formação nessa área encantadora da Psicologia.

À minha **família**, em especial aos meus pais **João Bosco** e **Edileide**, meu irmão **João Pedro**, meus avós paternos (*in memoriam*), meus avós maternos, minhas tias e tios, primos e primas, eterna gratidão. O amor transmitido por vocês em forma de mensagens, orações, visitas e comidinhas do meu amado Seridó, foi primordial para eu conseguir concluir esse longo percurso. Mesmo com os inúmeros quilômetros que nos distanciam fisicamente, vocês

se fizeram presentes a cada instante oferecendo a base substancial para a construção deste trabalho.

A todos os meus amados **amigos**, vocês me ofereceram apoio significativo e fundamental para a condução deste trabalho. Serei para sempre grata a cada um de vocês, seja os que estão comigo desde a infância, seja aquelas que foram cruzando o caminho comigo ao longo da vida, seja aqueles que vieram com a pós-graduação, em especial a **Albert, Edna, Isa, Karol e Viviane**, gratidão por não terem soltado a minha mão. Como diz Clarice Lispector: “amizade é matéria de salvação”.

Finalmente, saliento que o trabalho que emerge dessas páginas denota a junção da contribuição de todos aqui mencionados. Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Dutra, M. P. (2024). *O papel mediador do julgamento moral na relação entre empatia e agressão em adultos*. Tese de Doutorado, Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.

Pesquisas recentes indicam que a agressão tem aumentado, configurando-se em uma problemática social que precisa ser atenuada. Para a proposição de estratégias de enfrentamento a agressão, é necessário compreender como diferentes variáveis psicológicas podem estar relacionadas a esse comportamento. Uma variável que tem sido sugerida como possível redutora da agressão é a empatia. Entretanto, estudos recentes demonstram que a capacidade empática pode funcionar tanto como inibidora, quanto como facilitadora da agressão. Para compreender como é a relação entre a empatia e a agressão, além de verificar que outras variáveis poderiam estar interferindo nessa relação, foi que essa tese foi construída. A primeira pesquisa, que compõe o primeiro capítulo da tese, teve como objetivo realizar uma revisão integrativa sobre a relação entre empatia e agressão com participantes de diferentes faixas etárias nos anos de 2010 a 2020. Os resultados desse estudo demonstraram que a força da relação entre a empatia e a agressão era, predominantemente, fraca. Além de que variáveis relacionadas a moralidade e a fatores sociais poderiam estar interferindo nessa relação. Diante desses resultados e partindo da teoria de M. Hoffman sobre a relação entre julgamento moral e empatia, levantou-se a hipótese que o julgamento moral poderia funcionar como mediador da relação entre empatia e agressão. Para investigar essa hipótese, foram conduzidas mais duas pesquisas. A primeira pesquisa, referente ao segundo capítulo desta tese, foi desenvolvida por meio de dois estudos que tratam do processo de construção e verificação das evidências de validade e confiabilidade de instrumentos para mensurar níveis de julgamento moral, empatia e agressão, frente a um caso da vida real. O primeiro estudo foi composto por 2 grupos: 5 juízes especialistas que fizeram uma análise de conteúdo dos itens das escalas propostas e 32 participantes da população geral. Os dois grupos de participantes avaliaram as seguintes escalas: Medida de Avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - Caso Henry (MJMCH), Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry (ESECH), Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH) e Medida de agressão frente ao Caso Henry (MACH). Os resultados da análise do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) indicaram que todas as medidas construídas apresentaram valores adequados. No segundo estudo, participaram 300 adultos com idades de 18 a 78 anos ($M = 32,7$; $DP = 12,3$), que responderam aos instrumentos mencionados no primeiro estudo, além de outros três instrumentos já validados no Brasil, considerando a realização da validade convergente. Com os instrumentos finalizados e adequados para medir as variáveis de interesse, a última e principal pesquisa da tese, explicitada no capítulo 3, buscou investigar o papel do julgamento moral na relação entre empatia e agressão. Participaram da terceira e última pesquisa, 1023 adultos brasileiros, majoritariamente do sexo feminino, com idades variando de 18 a 75 anos ($M_{idade} = 29,96$; $DP = 11,20$). Estes participantes responderam ao MJMCH, a ESECH, a EEACCH, a MACH e a um questionário sociodemográfico. Para atingir o objetivo proposto foram realizadas análises de regressão e análises de mediação utilizando o *software Jamovi* (versão 2.3.28). Essas análises demonstraram que a raiva empática ($\beta = -0,052$; $p = 0,011$), a empatia cognitiva pelo agressor ($\beta = 0,062$; $p = 0,001$) e a empatia afetiva pelo agressor ($\beta = 0,050$; $p = 0,011$) foram preditoras significativas do julgamento moral. Ademais, as análises de mediação evidenciaram que o julgamento moral

media parcialmente as relações: entre raiva empática e agressão, aumentando a agressão quando impactado pelo aumento da raiva empática; e entre empatia cognitiva pelo agressor e agressão e empatia afetiva pelo agressor e agressão, reduzindo a agressão quando impactado pelo aumento da empatia cognitiva e/ou afetiva pelo agressor. Outra análise feita, a do modelo integrativo com as variáveis que foram mediadas significativamente pelo julgamento moral evidenciou que, quando analisados em conjunto, o julgamento moral se mantinha como mediador apenas da relação entre raiva empática e agressão. Em conjunto, os resultados da tese demonstram que o julgamento moral explica parte da relação entre empatia e agressão, entretanto, de forma complexa e ambivalente, pois quando combinado com a empatia cognitiva e afetiva pelo agressor, promove menor agressão, mas quando associado à raiva empática pode aumentar a agressão. Com base nesses resultados, sugere-se que as intervenções destinadas à redução da agressão, por meio do desenvolvimento da empatia e do julgamento moral, sejam cuidadosamente planejadas para evitar a promoção da raiva empática, a qual pode, inadvertidamente, incitar comportamentos agressivos.

Palavras-chave: Agressão; Empatia; Julgamento Moral; Mediação, Adultos.

ABSTRACT

Dutra, M. P. (2024). The mediating role of moral judgment in the relationship between empathy and aggression in adults. Doctoral Thesis, Post-graduation in Social Psychology, Federal University of Paraíba, João Pessoa-PB.

Recent research indicates that aggression has increased, becoming a social problem that needs to be mitigated. To propose strategies for coping with aggression, it is necessary to understand how different psychological variables may be related to this behavior. One variable that has been suggested as a possible reduction of aggression is empathy. However, recent studies demonstrate that empathic capacity can function both as an inhibitor and as a facilitator of aggression. To understand what the relationship between empathy and aggression is like, in addition to checking what other variables could be interfering in this relationship, this thesis was constructed. The first research, which makes up the first chapter of the thesis, aimed to carry out a systematic review on the relationship between empathy and aggression with participants of different age groups from 2010 to 2020. The results of this study demonstrated that the strength of the relationship between empathy and aggression were predominantly weak. In addition, variables related to morality and social factors could be interfering in this relationship. Given these results and based on M. Hoffman's theory on the relationship between moral judgment and empathy, the hypothesis was raised that moral judgment could function as a mediator of the relationship between empathy and aggression. To investigate this hypothesis, two more studies were conducted. The first research, referring to the second chapter of this thesis, was developed through two studies that deal with the process of construction and verification of evidence of validity and reliability of instruments to measure levels of moral judgment, empathy and aggression, in the face of a case of real life. The first study was composed of 2 groups: 5 expert judges who carried out a content analysis of the items in the proposed scales and 32 participants from the general population. The two groups of participants evaluated the following scales: Moral Judgment Assessment Measure Based on a Real-Life Dilemma – Henry Case (MJMCH), Scale of Empathic Feelings towards the Henry Case (ESECH), Affective and Cognitive Empathy Scale towards the Henry Case (EEACCH) and Measure of Aggression towards the Henry Case (MACH). The results of the Content Validity Coefficient (CVC) analysis indicated that all constructed measures presented adequate values. In the second study, 300 adults aged 18 to 78 years participated ($M = 32.7$; $SD = 12.3$), who responded to the instruments mentioned in the first study, in addition to three other instruments already validated in Brazil, considering the of convergent validity. With the instruments finalized and suitable for measuring the variables of interest, the last and main research of the thesis, explained in chapter 3, sought to investigate the role of moral judgment in the relationship between empathy and aggression. 1023 Brazilian adults participated in the third and final survey, mostly female, with ages ranging from 18 to 75 years old ($M_{age} = 29.96$; $SD = 11.20$). These participants responded to the MJMCH, the ESECH, the EEACCH, the MACH and a sociodemographic questionnaire. To achieve the proposed objective, regression analyzes and mediation analyzes were carried out using the Jamovi software (version 2.3.28). These analyzes demonstrated that empathic anger ($\beta = -0.052$; $p = 0.011$), cognitive empathy for the aggressor ($\beta = 0.062$; $p = 0.001$) and affective empathy for the aggressor ($\beta = 0.050$; $p = 0.011$) were significant predictors of moral judgment. Furthermore, mediation analyzes showed that moral judgment partially mediates the relationships: between empathic anger and aggression, increasing aggression when impacted by an increase in

empathic anger; and between cognitive empathy for the aggressor and aggression and affective empathy for the aggressor and aggression, reducing aggression when impacted by increased cognitive and/or affective empathy for the aggressor. Another analysis carried out, that of the integrative model with the variables that were significantly mediated by moral judgment, showed that, when analyzed together, moral judgment remained as a mediator only of the relationship between empathic anger and aggression. Taken together, the results of the thesis demonstrate that moral judgment explains part of the relationship between empathy and aggression, however, in a complex and ambivalent way, as when combined with cognitive and affective empathy for the aggressor, it promotes less aggression, but when associated with anger Empathy can increase aggression. Based on these results, it is suggested that interventions aimed at reducing aggression through the development of empathy and moral judgment be carefully designed to avoid promoting empathic anger, which may inadvertently incite aggressive behavior.

Keywords: Aggression; Empathy; Moral Judgment; Mediation; Adults.

LISTA DE TABELAS

Capítulo I – Artigo I – A relação entre Empatia e Agressão: uma Revisão Integrativa da Literatura

Tabela 1 – Instrumentos utilizados com maior frequência para mensurar empatia nos artigos revisados.....39

Tabela 2 – Instrumentos utilizados com maior frequência para mensurar agressão nos artigos revisados.....40

Capítulo II – Artigo II – Construção e Análise das Propriedades Psicométricas de Medidas para Avaliar Julgamento Moral, Empatia e Agressão em um Caso da Vida Real

Tabela 1 – Estrutura fatorial da Escala de Sentimentos Empáticos.....79

Tabela 2 – Estimativas de eficácia e qualidade do escore fatorial para a Escala de Sentimentos Empáticos.....80

Tabela 3 – Estrutura fatorial da Escala de Empatia Afetiva e Cognitiva.....81

Tabela 4 – Estimativas de eficácia e qualidade do escore fatorial para a Escala de Empatia Afetiva e Cognitiva.....82

Capítulo III – Artigo III – Papel Mediador do Julgamento Moral na Relação entre Empatia e Agressão

Tabela 1 – Características da amostra (N=1023).....101

Tabela 2 – Coeficientes do Modelo de regressão para a predição do nível de Julgamento Moral.....106

Tabela 3 – Estimativas de Mediação para Raiva Empática.....108

Tabela 4 – Estimativas de Mediação para Empatia Cognitiva (Mãe).....109

Tabela 5 – Estimativas de Mediação para Empatia Afetiva (Mãe).....111

Tabela 6 – Estimativas do Modelo Integrativo.....112

LISTA DE FIGURAS

Capítulo I – A relação entre Empatia e Agressão: uma Revisão Integrativa da Literatura

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos.....37

Capítulo III – Artigo III – Papel Mediador do Julgamento Moral na Relação entre Empatia e Agressão

Figura 1 – Modelo de mediação do JM na relação entre raiva empática e agressão.....108

Figura 2 – Modelo de mediação do JM na relação entre empatia cognitiva (Mãe) e agressão.....110

Figura 3 – Modelo de mediação da JM na relação entre empatia afetiva (Mãe) e agressão..111

Figura 4 – Modelo integrativo para a predição dos níveis de Agressão.....113

LISTA DE SIGLAS

ACME - Affective and Cognitive Measure of Empathy (Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia)

AFE - Análise Fatorial Exploratória

AP - Análise Paralela

AP - Angústia Pessoal

BES - Basic Empathy Scale (Escala Básica de Empatia)

BPAQ - Buss-Perry Aggression Questionnaire (Questionário de Agressão de Buss-Perry)

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBCL - Child Behavior Checklist (Lista de Verificação de Comportamento Infantil)

CE - Consideração Empática

CEP – Comitê de Ética em Pesquisas

CFI - Comparative Fit Index (Índice de Ajuste Comparativo)

CTS2 - Revised Conflict Tactics Scales (Escala de Táticas de Conflito Revisadas)

CVC - Coeficiente de Validade de Conteúdo

DIT - Defining Issues Test (Teste de Definição de Questões - Versão Adaptada)

DP – Desvio Padrão

EAM – Empatia Afetiva pela Mãe

ECM – Empatia Cognitiva pela Mãe

EEACCH - Escala de Empatia Afetiva e Cognitiva frente ao Caso Henry

EETS - Emotional Empathy Tendency Scale (Escala de Tendência Empática Emocional)

EP – Erro Padrão

EQ-C - Empathy Quotient-Child Version (Quociente de Empatia - Versão Infantil)

ESECH - Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry

FDI - Factor Determinacy Index (Índice de Determinação de Fatores)

FS - Fantasia

HIFDS - How I Feel in Different Situations (Como Eu Me Sinto em Diferentes Situações)

IC – Intervalo de Confiança

IECA - Índice de Empatia por Crianças e Adolescentes

MJMCH - Medida de Avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - Caso Henry

IRI - Índice de Reatividade Interpessoal

IVE - Inventory for the Assessment of Impulsivity, Risk Behavior and Empathy (Inventário para Avaliação de Impulsividade, Comportamento de Risco e Empatia)

JASP - Jeffrey's Amazing Statistics Program

JM – Julgamento Moral

KMO - Kaiser-Meyer-Olkin

M - Média

MACH – Medida de Agressão frente ao Caso Henry

MIREAL - Mean of Item Residual Absolute Loadings (Média das Cargas Absolutas Residuais dos Itens)

PRISMA - Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises)

QA-R - Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida

RE – Raiva Empática

RJ – Rio de Janeiro

RMSEA - Root Mean Square Error Approximation (Erro Quadrático Médio de Aproximação)

RPQ - Reactive-Proactive Aggression Questionnaire (Questionário de agressão reativa-proativa)

STJ - Superior Tribunal de Justiça

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TLI - Tucker-Lewis Coeficiente (Índice de Tucker-Lewis)

TP - Tomada de Perspectiva

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Organização das Nações Unidas para a Infância

UniCo - Unidimensional Congruence (Congruência Unidimensional)

VD – Variável Dependente

VI – Variável Independente

WRMR - Weighted Root Mean Square Residual (Resíduo Quadrático Médio Ponderado)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
OBJETIVOS E HIPÓTESES DA TESE.....	28
CAPÍTULO I - ARTIGO I: A relação entre Empatia e Agressão: uma Revisão Integrativa da Literatura	30
Resumo.....	31
Abstract.....	31
Resumen.....	32
Introdução.....	32
Método.....	36
<i>Material.....</i>	<i>36</i>
<i>Procedimento de coleta e seleção dos estudos.....</i>	<i>36</i>
<i>Procedimento de análise.....</i>	<i>38</i>
Resultados.....	38
Discussão.....	44
Considerações Finais.....	48
Referências.....	49
CAPÍTULO II - ARTIGO II: Construção e Análise das Propriedades Psicométricas de Medidas para Avaliar Julgamento Moral, Empatia e Agressão frente a um Caso da Vida Real.....	58
Resumo.....	59
Abstract.....	59
Resumen.....	60
Introdução.....	60
Estudo 1: Construção e Evidências de Validade de Conteúdo de medidas para avaliar Julgamento Moral, Empatia e Agressão frente a um Caso Real.....	65
Método.....	65
<i>Delineamento.....</i>	<i>65</i>
<i>Participantes.....</i>	<i>65</i>
<i>Instrumentos de coleta de dados.....</i>	<i>66</i>
<i>Procedimento de coleta de dados.....</i>	<i>69</i>

<i>Análise de Dados</i>	70
<i>Aspectos Éticos</i>	70
Resultados	70
Estudo 2: Evidências de Validade e Confiabilidade de instrumentos para avaliar Julgamento Moral, Empatia e Agressão frente a um Caso Real	71
Método	72
<i>Participantes</i>	72
<i>Instrumentos de coleta de dados</i>	72
<i>Procedimentos de coleta de dados</i>	74
<i>Análise dos dados</i>	74
Resultados	76
Discussão	84
Referências	88
CAPÍTULO III - ARTIGO III: Papel Mediador do Julgamento Moral na Relação entre Empatia e Agressão	93
Resumo	94
Abstract	94
Resumen	95
Introdução	95
Método	100
<i>Delineamento</i>	100
<i>Participantes</i>	100
<i>Instrumentos de coleta de dados</i>	102
<i>Procedimentos de coleta de dados</i>	105
<i>Análise de dados</i>	105
<i>Aspectos Éticos</i>	106
Resultados	106
Discussão	114
Referências	122
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO GERAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	135

APÊNDICES.....	141
Apêndice I – TCLE para o Artigo II.....	142
Apêndice II – TCLE para o Artigo III.....	143
Apêndice III – Questionário Sociodemográfico dos Artigos II e III.....	144
ANEXOS.....	146
Anexo I – Medida de Avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - Caso Henry (MJMCH).....	147
Anexo II – Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry (ESECH).....	148
Anexo III – Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH).....	149
Anexo IV – Medida de agressão frente ao Caso Henry (MACH).....	150
Anexo V — Versão adaptada do <i>Defining Issues Test</i> (DIT) – Dilema do Prisioneiro Foragido.....	151
Anexo VI – <i>Interpersonal Reactivity Index</i> (IRI).....	152
Anexo VII - Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R).....	156

Vive-se, de acordo com a *Human Rights Watch*, um momento de supressão dos direitos humanos ao redor do mundo, tendo em vista as atrocidades geradas pelas guerras, as hostilidades renovadas entre alguns países, o crescimento da desigualdade econômica e o aumento dos casos de agressão. Nesse tocante, cada vez que os princípios universais são ignorados, alguns grupos pagam com a sua liberdade, saúde ou, até mesmo, com suas vidas (Hassan, 2024).

Entre os grupos afetados com as privações de seus direitos e assolados pelos índices alarmantes de agressão estão as crianças. Dados da Organização das Nações Unidas para a Infância (Unicef) mostram que, entre 2005 e 2022, houve 315 mil violações graves contra crianças em todo o mundo. As novas estimativas da Unicef para o presente ano revelaram que quase 400 milhões de crianças sofriam, regularmente, agressão psicológica ou castigo físico em casa (Unicef, 2023).

A nível nacional, uma pesquisa realizada pela *Child Fund* Brasil em parceria com outras organizações sociais sobre a situação de violência contra as crianças, entre outubro de 2022 e janeiro de 2023, com base nos dados de entrevistas realizadas com famílias e professores de todas as regiões do país, mostrou que mais de 90% dos casos de violência e agressões contra as crianças brasileiras ocorrem dentro de casa (Barreto & Mour, 2023; Child Fund Brasil, 2022).

Resultados do relatório parcial dessa mesma pesquisa alertaram para a necessidade de considerar o período da pandemia como crucial para a elevação dos índices de violência contra as crianças nas mais diferentes facetas, tendo em vista que houve um aumento considerável nas taxas de atendimento às crianças vítimas de abuso sexual de 2020 para 2021, assim como de atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar, na maior parte dos casos, violência física ou psicológica (Child Fund Brasil, 2022).

Mais recentemente, em janeiro de 2024, o Brasil registrou por hora 11 casos de agressão contra crianças, o que corresponde a aproximadamente 270 casos diários de violações de direitos de crianças de 0 a 6 anos. Esses casos acontecem, de acordo com o Atlas da Violência (Cerqueira & Bueno, 2024), predominantemente, tendo os pais, padrastos, madrastas ou avós como principais suspeitos. Dentre os tipos de crimes mais prevalentes estão o abandono material, maus-tratos, lesão corporal, estupro e exploração sexual (Faria, 2024).

Ao considerar os diversos casos de agressão contra crianças notificados diariamente, verificou-se que o assassinato do menino de 4 anos de idade, chamado Henry Borel, que ocorreu no Rio de Janeiro em 8 de março de 2021, gerou grande repercussão a nível nacional e internacional. Acerca deste caso, Henry já chegou morto ao Hospital Barra D'Or, onde foi levado por sua mãe Monique Medeiros e seu padrasto Jairo Souza, conhecido como Jairinho, ambos acusados pela morte da criança (Ferreira, 2021). Inicialmente, o caso foi tratado pela polícia que o investigava como tendo sido um acidente, conforme o relato do casal de que o menino havia caído da cama. No entanto, os peritos verificaram múltiplos sinais de trauma, como hemorragia interna e ferimentos no fígado, que os levaram a concluir que Henry havia sido vítima de agressões e torturas ocorridas dentro do apartamento onde ele morava junto com a mãe e o padrasto. Diante dos fatos, o ex-casal foi preso de modo preventivo, acusados de tortura e homicídio doloso. Contudo, em setembro de 2022, a prisão preventiva da mãe de Henry foi revogada e apenas o padrasto (Jairinho) continuou preso. O caso permanece, mesmo após 3 anos do acontecido, sem previsão de data de julgamento para os suspeitos (O Globo, 2024).

No que diz respeito a emergência dos dados apresentados acima, fica inegável a necessidade de fomentar ações de enfrentamento a todas as formas de agressão, principalmente aquelas com índices crescentes, como as direcionadas às crianças, para que

não se alastrem ao ponto de se tornarem violências extremas. No entanto, para propor essas ações, é necessário, antes de tudo, compreender quais as variáveis psicológicas que estão relacionados à agressão (Staub, 1975).

Acerca do conceito de agressão, é válido destacar que são inúmeras as conceituações existentes para defini-la, a depender da perspectiva teórica adotada, tendo em vista que esse é um construto complexo e multideterminado (Anderson & Bushman, 2002; Bandura, Ross & Ross, 1961; Berkowitz, 1993; Crick & Dodge, 1994; Dollard *et al.*, 1939). Nesse sentido, esta tese adota a teoria de Staub (1975), por considerar a agressão dentro do esquema de desenvolvimento moral e comportamento moral, e por defini-la como um comportamento intencional que procura infligir sofrimento ou dor ao outro.

No que se refere ao aumento da agressão, diversos estudos têm apontado motivadores para esse comportamento, como Borsa e Desousa (2018) que abordam a agressão associada a desfechos negativos em diferentes etapas do ciclo vital, podendo ser derivada de problemas relacionais, como dificuldades nos relacionamentos com amigos e familiares, além de problemas funcionais, como dificuldades pessoais para executar atividades diárias.

Outro estudo que apresenta as causas da agressão é o de Bushman e Huesmann (2010). Segundo eles, a agressão é o produto de fatores situacionais, como eventos desagradáveis, temperaturas quentes, ruídos altos, rejeição social, provocação, e fatores ambientais predisponentes, como o ambiente familiar, o ambiente cultural e comunitário que pode ser violento, a pobreza comunitária e o acesso a violência da mídia de massa. Staub (1975) também aborda os determinantes da agressão, frisando que a frustração, a ameaça à satisfação de necessidades básicas, estímulos externos, a necessidade de equilíbrio frente a um dano ou injustiça sofrida, a probabilidade de um prêmio pelo comportamento ou a observação de modelos agressivos não castigados, seriam fatores que contribuiriam para o aumento da agressão.

Em relação a diminuição da agressão, uma vasta esteira literária também aponta fatores que colaboram com a sua redução. Nesse tocante, tanto para Staub (1975), como para Bushman e Huesmann (2010) e Borsa e Desousa (2018), o desenvolvimento de habilidades sociais pode evitar o uso da agressão e aumentar a cooperação. Dentro do cenário das habilidades sociais, destaca-se o uso da empatia como possibilidade para a redução da agressão (Garaigordobil & Galdeano, 2006; Jolliffe & Farrington, 2011; Moreno & Fernández, 2011; Nickerson, Mele & Princiotta, 2008; Pavarino Del Prette & Del Prette, 2005; Pires, 2019; Scrimgeour, 2007).

Em relação a empatia adota-se, neste trabalho, a teoria de Hoffman (1989). Para esse autor, empatia é “a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar do outro, inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada à situação do outro do que para sua própria situação” (Hoffman, 1989, p. 285). Essa capacidade para considerar os fatos do ponto de vista dos outros e sentir indiretamente as emoções deles, possibilita a redução da agressão, devido a experiência indireta da dor e do sofrimento do outro, ou seja, reduz a disposição para infligir sofrimento ao outro (Staub, 1975).

Essa resposta empática se apresenta a partir de diversos sentimentos empáticos que surgem diante de encontros sociais em que se observa ou se imagina as reações emocionais dos outros. Esses sentimentos empáticos surgem desde o nascimento do bebê, quando ele reage ao choro de outro bebê, revelando um estado que Hoffman (2003) chama de angústia empática. Essa angústia, ao passar por um processo de diferenciação do self, pode tornar-se angústia simpática, que se caracteriza por uma tendência do indivíduo apresentar motivação para comportamentos pró-sociais em relação ao outro (Hoffman, 2003).

É importante ressaltar que dentre os sentimentos que podem ser gerados, Hoffman (2003) explicita alguns, como a raiva empática, culpa empática, injustiça empática e tristeza

empática. Segundo esse autor, a raiva empática é o sentimento de raiva do observador direcionada a um transgressor. Esse sentimento dá margem ao observador desejar ou agir em defesa da vítima (pessoa que foi ofendida, prejudicada ou machucada). A culpa empática se refere ao sentimento que ocorre quando o observador não age para mudar o sofrimento da vítima quando era possível agir. A injustiça empática ocorre quando o observador vê uma vítima considerada como uma boa pessoa, passar por uma situação de incômodo, desconforto ou sofrimento indevidamente. E o sentimento profundo de tristeza – tristeza empática – é sentido ao presenciar o sofrimento de uma vítima.

A experiência desses sentimentos empáticos pode, de acordo com a teoria de Hoffman (2003), preceder e se correlacionar positivamente com o comportamento de ajuda. A esse respeito, Hoffman (2003) observou que as pessoas empáticas se sentem melhor quando sabem que a sua ajuda reduziu o sofrimento da vítima, o que significa que para elas importa as consequências finais de suas ações.

Uma pesquisa realizada por Sampaio et al. (2013) buscou entender se os sentimentos empáticos variavam em função da idade dos indivíduos que os sentiam. Para tanto, esses autores compararam as respostas empáticas de crianças, adolescentes e adultos do sexo masculino e do sexo feminino às notícias transmitidas na televisão. Os resultados mostraram que, conforme a faixa etária, os participantes diferiam quanto ao tipo e a intensidade dos sentimentos empáticos. Com relação aos adultos, os autores encontraram que muitos dos relatos trazidos pelos respondentes, evidenciavam informações que não estavam explícitas nas situações-estímulos, o que pode ter sido ocasionado pelo avanço no desenvolvimento cognitivo que permitiu aos sujeitos coordenarem múltiplos elementos diante de uma situação complexa. Outro aspecto que pode ter influenciado os resultados dos adultos foi o avanço do desenvolvimento linguístico, que permitiu diversos tipos de respostas e que vários

sentimentos empáticos fossem elencados, diferentemente do que ocorreu com as crianças que focaram mais nos sentimentos primários.

Entretanto, apesar de diversos estudos demonstrarem empiricamente o papel da empatia na redução da agressividade e a teoria de Hoffman (2003) mostrar que a empatia pode reduzir as respostas agressivas, alguns estudos contestam esses resultados e mostram que indivíduos com alta empatia também podem responder com alta agressividade (Athanasiades et al., 2016; Chan & Wong, 2019; Garner & Dunsmore, 2011; Leemis et al., 2019). Além do mais, a depender do sentimento empático despertado (angústia empática, por exemplo), uma resposta agressiva pode ser gerada (Buffone & Poulin, 2014).

Uma pesquisa realizada na Grécia, por Athanasiades et al. (2016) para identificar potenciais fatores de risco longitudinais para *cyberbullying* (ato agressivo repetido por indivíduos ou grupos com a intenção de infligir dano ou desconforto a outros por meio de tecnologias de informação e comunicação contemporâneas) entre estudantes do ensino médio, encontrou que esse tipo de agressão se correlacionou positivamente com a empatia. Resultado semelhante foi visto entre os estudantes estadunidenses praticantes de *bullying* avaliados no estudo elaborado por Leemis et al. (2019). O estudo executado por Garner e Dunsmore (2011) também encontrou relação positiva entre empatia e agressão, mas, neste caso, em uma amostra de crianças da primeira infância.

Diante desses resultados contrastantes são feitos os seguintes questionamentos: Qual é a relação entre empatia e agressão? Essa relação será positiva ou negativa a depender dos tipos de variáveis que estejam correlacionadas a ela? Que outras variáveis estariam interferindo na relação entre empatia e agressão? Seria o nível de julgamento moral? É com o intuito de responder a essas questões que se realiza a presente tese.

Acerca da moralidade, Kohlberg (1976; 1984), teórico que adota a perspectiva cognitiva-evolutiva nesse campo de estudo, investigou o papel do sujeito como agente do

processo moral, ou seja, no julgamento moral, em relação àquilo que ele conhece, acha e/ou julga como certo e errado (Kohlberg, 1976). Essa decisão foi baseada na teoria de Piaget (1932) que aborda a evolução do julgamento moral segundo o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, processo semelhante ao que Hoffman (2003) defende sobre o desenvolvimento empático. Na evolução do julgamento moral, Kohlberg (1971) concebe que o sujeito passa por níveis de moralidade, a saber: nível pré-convencional, característico de indivíduos que ainda não entendem e respeitam normas morais, sendo então as regras externas ao *self*; nível convencional, no qual o sujeito possui um sistema de regras morais e de normas internalizadas e compartilhadas socialmente; e nível pós-convencional, em que os indivíduos entendem as regras e normas sociais, porém eles julgam essas normas em consonância com os seus princípios e não mais somente por ser uma convenção social, ou seja, eles julgam por valores baseados em princípios próprios.

Salienta-se, de acordo com Biaggio (1998), que esses níveis refletem raciocínios de justiça, pois a preocupação de Kohlberg era com a moralidade e não com sentimento ou comportamento, o que está em conformidade com Piaget (1932), que vê a moral como atitude de respeito pelas pessoas e pelas regras. No que tange ao comportamento, uma análise sobre as formulações mais recentes da teoria de Kohlberg (1976) denota a existência de alguma relação entre julgamento moral e ação moral.

No tocante ao estudo dessas variáveis, uma pesquisa recente foi desenvolvida por Gao et al. (2017) para investigar a relação existente entre a empatia, agressão e moralidade. Os resultados dessa pesquisa evidenciaram: (1) uma interação entre a empatia e a moralidade de um indivíduo, na qual os jogadores que desempenhavam papéis vistos como moralmente justos tinham agressão implícita maior do que aqueles que desempenhavam papéis injustos; (2) a empatia diferia em função da moralidade do personagem do jogo. A razão para isso foi atribuída a empatia e as características morais do personagem no jogo. Ou seja, se é visto

como moralmente justo aumenta a motivação para a agressão, se é visto como injusto, diminui essa motivação. Dessa forma, a moralidade do personagem no jogo moderou a relação entre empatia e agressão dos jogadores.

Ainda no que diz respeito a relação entre essas variáveis, um estudo realizado por Wang et al. (2017) para examinar a associação entre empatia e agressão e investigar qual papel uma variável do campo da moralidade, denominada desengajamento moral, exercia nessa relação, em uma amostra de delinquentes jovens chineses, encontrou que o desengajamento moral funcionava como mediador da relação entre empatia e agressão, ou seja, indivíduos com altos níveis de empatia foram associados negativamente à agressão e os benefícios da empatia em termos de redução da agressão poderiam ser explicados pela diminuição do desengajamento moral. Além do mais, o desengajamento moral, processo sociocognitivo por meio do qual as pessoas racionalizam e justificam atos prejudiciais contra os outros, também moderou a influência da empatia na agressão, na qual altos níveis de desengajamento moral enfraqueciam a associação entre empatia e agressão (Bandura, 1991).

Perante os estudos apresentados, observa-se que diferentes variáveis podem estar interferindo na relação entre empatia e agressão. Foram enfatizadas aqui duas dessas variáveis quanto ao campo da moralidade, o desengajamento moral que já possui consistência de resultados na literatura (Bussey, Quinn & Dobson, 2015; Haddock & Jimerson, 2017; Ouvrein, De Backer & Vandebosch, 2018; Renati, Berrone & Zanetti, 2012; Wang et al., 2017) e o julgamento moral que pouco tem sido pesquisado quanto a essa relação, como mostra os resultados da revisão sistemática (capítulo 1) da presente tese. Sendo assim, complementando os questionamentos feitos anteriormente, pergunta-se: O julgamento moral seria uma variável que explicaria a relação entre a empatia e a agressão?

Foi visando responder a esse questionamento que surgiu esta tese, que teve como objetivo primordial investigar como a variável julgamento moral media a relação entre

empatia e agressão em adultos. Acredita-se que a compreensão dessa relação poderá favorecer a elaboração de estratégias de intervenção eficazes na diminuição de diferentes formas de agressão.

Com vista a concretização desse objetivo, esta tese foi estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo consta de uma revisão sistemática da literatura nos anos de 2010 a 2020 e objetiva analisar a relação entre empatia e agressão, bem como a relação de outras variáveis com a agressão. O segundo capítulo volta-se para a construção e validação de instrumentos capazes de mensurar o julgamento moral, sentimentos empáticos, empatia afetiva, empatia cognitiva e a agressão, frente a um contexto específico de agressão, tendo como base um caso da vida real. E no terceiro capítulo, que corresponde ao objetivo principal desta tese, foca-se na testagem de modelos de mediação para avaliar a relação entre as variáveis empatia e agressão, mediadas pelo julgamento moral. Para a mensuração das medidas investigadas foram utilizados os instrumentos construídos e apresentados no capítulo 2: o julgamento moral foi avaliado frente a um dilema moral da vida real; a empatia foi mensurada pelas perspectivas afetiva e cognitiva direcionadas a uma vítima de agressão e ao agressor, assim como por meio dos sentimentos empáticos; e a agressão foi avaliada frente a um caso real de agressão.

Além dos três primeiros capítulos, este trabalho de tese também foi composto por um capítulo destinado a discussão geral dos resultados encontrados, que levou em consideração as bases teóricas e os estudos empíricos abordados ao longo da tese, e pela exposição das considerações finais frente ao trabalho executado.

OBJETIVOS E HIPÓTESES DA TESE

Objetivos

Objetivo geral:

Investigar, em adultos, o papel mediador do julgamento moral na relação entre empatia e agressão.

Objetivos específicos:

- 1) Analisar como a literatura científica aborda a relação entre empatia e agressão, bem como a relação de outras variáveis com a agressão.
- 2) Construir e validar instrumentos capazes de avaliar o julgamento moral, a empatia afetiva, a empatia cognitiva, os sentimentos empáticos e a agressão, frente a um caso real de agressão.
- 3) Verificar o poder preditivo das variáveis empatia afetiva, empatia cognitiva, sentimentos empáticos e julgamento moral sobre a agressão.

Hipóteses

Partindo do pressuposto de que a natureza da empatia é, potencialmente, vulnerável a diferentes vieses, pontua-se que a empatia pode ser necessária diante de casos de agressão, porém pode não ser suficiente, precisando estar conectada a princípios morais, para ganhar robustez e para que a sua tendenciosidade diminua (Hoffman, 2003, 2011). Desse modo, acredita-se que:

H0: O julgamento moral não atuará como um mediador da relação entre empatia e agressão. Ou seja, independentemente do nível de julgamento moral, a relação entre empatia e agressão não será explicada por ele.

H¹: O julgamento moral funcionará como um mediador da relação entre a empatia e a agressão. Ou seja, a empatia impactará o julgamento moral que, por sua vez, impactará a agressão, de modo que a relação entre empatia e agressão será influenciada pelo julgamento moral.

Empatia e Agressão: Revisão Sistemática desses Conceitos e de suas Relações

Empathy and aggression: Systematic Review of both Concepts and their Relationships

Empatía y agresión: Revisión Sistemática de estos Conceptos y de sus Relaciones

Resumo: A agressão tem aumentado, nos últimos anos, de forma alarmante, e suas consequências podem gerar prejuízos sociais significativos. Uma estratégia considerada para a diminuição da agressão é o desenvolvimento da empatia. Contudo, as evidências a esse respeito são contraditórias. Assim, o objetivo deste estudo é realizar uma revisão sistemática sobre a relação entre empatia e agressão com participantes de diferentes faixas etárias em bases de dados nacionais e internacionais. Para tanto, utilizou-se as bases de dados do Portal de Periódicos da CAPES para revisar estudos publicados nos anos de 2010 a 2020, a partir dos seguintes descritores e do operador booleano: empathy AND agress*. Os artigos foram selecionados mediante critérios de inclusão e de exclusão. Através da busca realizada, 105 artigos atenderam aos critérios de elegibilidade e compuseram a presente revisão. Os dados foram analisados a partir de quatro categorias: (1) Aspectos gerais dos estudos - os resultados mostraram uma diversidade de tamanhos amostrais e o amplo interesse por amostras de crianças e adolescentes; (2) Conceitos utilizados para definir os diferentes tipos de empatia e agressão - observou-se uma ampla variabilidade de definições e classificações para ambos os construtos, destacando-se a empatia afetiva e a cognitiva, e o bullying e o cyberbullying; (3) Tipo de relação encontrada entre empatia e agressão - 84,7% dos artigos apresentaram correlação negativa fraca a moderada entre esses construtos; (4) Variáveis analisadas na relação entre empatia e agressão - variáveis como sentimentos, ausência de moralidade e fatores sociais se destacaram. Considera-se que os achados desta revisão ampliam a compreensão acerca da relação entre empatia e agressão, evidenciando que, embora a empatia tenda a exercer efeito inibitório sobre a agressão, essa relação é influenciada por múltiplos fatores contextuais e individuais. Tais resultados reforçam a importância de investigações futuras que busquem elucidar os mecanismos mediadores e moderadores dessa relação, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias preventivas e interventivas mais eficazes.

Palavras-chave: empatia, agressão, revisão, relação, conceitos.

Abstract: Aggression has increased alarmingly, and its consequences may generate significant social harm. One strategy considered for decreasing aggression is developing empathy. However, the evidence in this regard is contradictory. Thus, the aim of this study is to conduct a systematic review on the relationship between empathy and aggression with participants of different age groups in national and international databases. The application of inclusion and exclusion criteria resulted in 105 articles that were analyzed in four categories: (1) General aspects of the study - the results showed a diversity of sample sizes and the broad interest in samples of children and adolescents; (2) Concepts used to define the different types of empathy and aggression – a wide variability of definitions and classifications was observed for both constructs, with emphasis on affective and cognitive empathy, as well as on bullying

and cyberbullying; (3) Type of relationship found between empathy and aggression - 84.7% of the articles showed a weak to moderate negative correlation between these constructs; (4) Variables analyzed in the relationship between empathy and aggression - such as feelings, lack of morality and social factors stood out. It is considered that the findings of this review broaden the understanding of the relationship between empathy and aggression, showing that although empathy tends to exert an inhibitory effect on aggression, this relationship is influenced by multiple contextual and individual factors. These results reinforce the importance of future research aimed at elucidating the mediating and moderating mechanisms of this relationship, contributing to the development of more effective preventive and intervention strategies.

Keywords: empathy, aggression, review, relationship, concepts.

Resumen: La agresión ha aumentado de manera alarmante y sus consecuencias pueden generar importantes prejuicios sociales. Una estrategia considerada para disminuir la es el desarrollo de la empatía. Todavía, las evidencias a este respecto son contradictorias. Así, el objetivo de este estudio es realizar una revisión sistemática sobre la relación entre empatía y agresión con participantes de diferentes grupos de edad en bases de datos nacionales e internacionales. La aplicación de los criterios de inclusión y exclusión resultó en 105 artículos que fueron analizados a partir de cuatro categorías: (1) Aspectos generales del estudio – los resultados demostraron una diversidad de tamaños muestrales y el amplio interés por muestras de niños y adolescentes; (2) Conceptos utilizados para definir los diferentes tipos de empatía y agresión – se observó una amplia variabilidad de definiciones y clasificaciones para ambos constructos, destacándose la empatía afectiva y la cognitiva, así como el acoso escolar y el ciberacoso; (3) Tipo de relación encontrada entre empatía y agresión – 84,7% de los artículos demostraron correlación negativa débil a moderada entre estos constructos; (4) Las variables analizadas en la relación entre empatía y agresión – como sentimientos, falta de moralidad y factores sociales se destacaron. Se considera que los hallazgos de esta revisión amplían la comprensión sobre la relación entre empatía y agresión, evidenciando que, aunque la empatía tiende a ejercer un efecto inhibitorio sobre la agresión, esta relación está influenciada por múltiples factores contextuales e individuales. Estos resultados refuerzan la importancia de futuras investigaciones que busquen esclarecer los mecanismos mediadores y moderadores de esta relación, contribuyendo al desarrollo de estrategias preventivas e intervenciones más eficaces.

Palabras-clave: empatía, agresión, revisión, relación, conceptos.

Introdução

A agressão pode ser definida como o ato de afetar outra pessoa de forma prejudicial, incluindo danos físicos e psicológicos (Anderson & Bushman, 2002; Bandura, 1973; Buss & Perry, 1992). Além dessa definição mais global, existem ainda tipos específicos de agressão,

como a reativa, definida como um comportamento defensivo em reação à provocação externa real ou percebida, sem pensar em ganho pessoal (Crick & Dodge, 1996); agressão proativa, conceituada como um comportamento negativo com a intenção de obter um recurso ou atingir uma meta desejada à custa de outra pessoa (Crick & Dodge, 1996) e agressão relacional, que se refere a manipulação intencional que visa prejudicar as relações sociais de outras pessoas e causar danos a sua posição social por meio da divulgação de fofocas, rumores ou ameaças indiretas (Crick & Grotpeter, 1995).

Também se destaca na literatura o *bullying*, definido como um comportamento intencional e repetitivo que causa angústia na vítima e que ocorre em uma relação interpessoal marcada por um desequilíbrio de poder (Olweus, 1993). Além do *cyberbullying*, que tem as mesmas características do *bullying*, porém realizado por meio de tecnologias de informação e comunicação contemporâneas (Patchin & Hinduja, 2006).

O que é comum a todas as definições supramencionadas é o caráter relacional da agressão, ou seja, acontece direcionada ao outro e, nesse sentido, pode promover danos sociais significativos (Staub, 1975). Dados do relatório sobre a situação mundial acerca da agressão escolar, estimaram que, todos os anos, 246 milhões de crianças e adolescentes sofrem algum tipo de agressão, com destaque para o *bullying*, além de que o *cyberbullying* atinge 5% a 21% das crianças e adolescentes (Unesco, 2019).

A agressão contra a mulher também tem sido prevalente, como demonstra uma pesquisa de abrangência nacional, elaborada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e pelo Instituto Datafolha no ano de 2019, na qual identificou-se que quase 60% da população, reportou ter visto algum tipo de agressão contra mulheres em seu bairro ou comunidade (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019).

Diante de dados alarmantes como esses e com base no pressuposto teórico de que a empatia pode favorecer a redução da agressão (Hoffman, 2000), algumas estratégias

interventivas têm sido planejadas com o objetivo de desenvolver essa habilidade (Eisenberg, Eggum & Di Giunta, 2010; Vachon & Johnson, 2014). Nessa perspectiva, Hoffman (1989) define a empatia como a capacidade de colocar-se no lugar do outro e compreender seus sentimentos, possibilitando uma resposta afetiva mais adequada à situação alheia do que à própria. Essa capacidade pode se manifestar em diferentes formas, destacando-se a empatia afetiva e a empatia cognitiva (Hoffman, 2003).

Contudo, apesar da empatia ser considerada como inibidora da agressão, tanto do ponto de vista teórico, quanto interventivo, as evidências de que esses dois construtos estão negativamente relacionados são confusas (Maibom, 2012). Na tentativa de compreender melhor essa relação, alguns estudos de revisão sistemática e meta-análise foram realizados.

Um dos primeiros trabalhos encontrados nessa perspectiva foi o de Miller e Eisenberg (1988) que objetivou examinar se os indivíduos que são relativamente agressivos em suas interações tendem a apresentar baixos níveis de respostas empáticas. Para isso, analisaram 43 estudos realizados com crianças, adolescentes e adultos, com questionários que operacionalizaram a empatia como puramente afetiva. Os resultados dessa revisão evidenciaram que a resposta empática foi negativamente relacionada, de forma significativa, à agressão e à comportamentos antissociais e externos, como agressões verbais e físicas.

Jolliffe e Farrington (2004) também realizaram uma revisão sistemática que relacionou medidas de empatia cognitiva e afetiva ao ato de ofender, baseando-se apenas em estudos que utilizavam questionários objetivos. Os 35 estudos revisados indicaram que a empatia cognitiva apresentou uma forte relação negativa com o ato de ofender, enquanto a empatia afetiva mostrou uma relação negativa mais fraca.

Ademais, Lovett e Sheffield (2007) examinaram a relação entre empatia afetiva e comportamentos agressivos e delinquentes em crianças e adolescentes, a partir da revisão de 17 estudos que mostraram uma relação negativa entre empatia afetiva e agressão, de forma

mais consistente em adolescentes do que em crianças. Para os autores, essa diferença pode ser devido a distinção entre as medidas utilizadas nesses dois grupos, visto que entre os adolescentes foram mais utilizadas as medidas de empatia de autorrelato, enquanto nas crianças foram utilizadas mais medidas comportamentais.

Mais recentemente, Vachon e Johnson (2014) realizaram uma meta-análise com o objetivo de avaliar se os déficits na empatia de adultos estavam associados aos seus comportamentos agressivos. Para tanto, avaliaram a força da correlação de 86 estudos que envolviam 106 tamanhos de efeito. Os resultados evidenciaram que houve uma fraca correlação negativa ($r: -.11$) entre empatia e agressão, quando consideradas todas as amostras dos estudos. Em uma outra análise realizada, os autores verificaram o efeito de variáveis sociodemográficas na relação entre a empatia e a agressão. Coletivamente, os resultados dessa análise mostraram que apenas 1% da variação na agressão foi explicada pela empatia, o que revela que a relação entre essas variáveis é, surpreendentemente, fraca, principalmente quando se refere à agressão verbal, agressão física e agressão sexual. Frente a esses resultados, os autores consideraram que a relação entre a empatia e agressão pode ter sido diminuída por problemas de medição e por questões conceituais.

Ao analisar o conjunto de revisões feitas por Miller e Eysenck (1988), Jolliffe e Farrington (2004) e Lovett e Sheffield (2007), observa-se o predomínio de uma relação negativa entre empatia e agressão, embora o valor dessas correlações varie em função das medidas que estejam sendo utilizadas para avaliar a empatia. Já na meta-análise realizada por Vachon e Johnson (2014), os resultados também mostraram relação negativa, porém muito fraca, além de que pouca variação da agressão podia ser explicada pela empatia. No entanto, é importante lembrar que a meta-análise foi realizada apenas com estudos cujos participantes eram adultos, de modo que não se sabe se esses resultados seriam encontrados em amostras em que os participantes tivessem outras idades.

Nesse sentido, os estudos provenientes das revisões sistemáticas, bem como da meta-análise, mostraram uma consistência no quesito relação negativa entre os construtos empatia e agressão, entretanto, sente-se a necessidade de entender melhor o que ocorre com amostras envolvendo diferentes faixas etárias, além de verificar o que demonstram estudos mais recentes sobre essa relação. Assim, este artigo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a relação entre empatia e agressão em variados contextos e em participantes de várias faixas etárias. Para tanto, foram contemplados os artigos publicados nos anos de 2010 a 2020, em bases de dados nacionais e internacionais. Além disso, foram adotados os múltiplos tipos de empatia e de agressão, de forma a tornar a revisão mais ampla.

Método

Material

Foi selecionado para este estudo artigos que objetivaram investigar a relação entre as variáveis empatia e agressão em várias faixas etárias. Como fonte de análise, foram utilizados os artigos empíricos publicados na íntegra em inglês, português ou espanhol em um intervalo de 10 anos (2010 a 2020), nas bases de dados indexadas no Portal de Periódicos da CAPES. Essa base possui ampla cobertura no âmbito da psicologia e das ciências sociais, como Scopus (Elsevier), Web of Science, PubMed, PsyARTICLES e Springer (Carvalho, Pianowski & Santos, 2019).

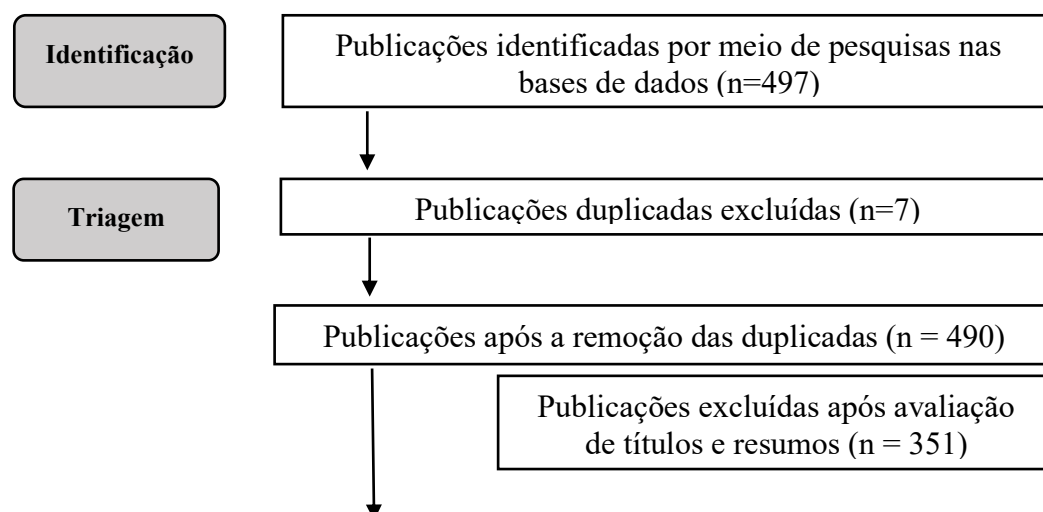
Procedimento de coleta e seleção dos estudos

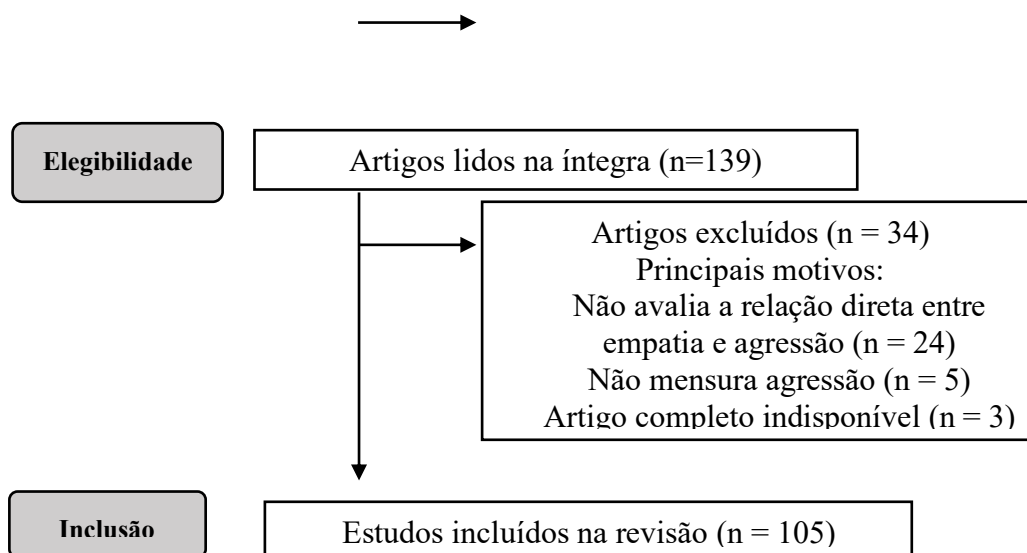
A busca foi realizada por meio dos seguintes descritores e operadores booleanos: (1) “*empathy*” AND (2) “*aggress**” nos resumos. O recurso do asterisco (*), após a palavra *aggress*, possibilitou recuperar artigos que incluíssem categorias como: *aggressive*, *aggression*, *aggressive behavior*, entre outras.

Os critérios de inclusão dos artigos foram que: (1) abordassem a relação entre as variáveis empatia e agressão, (2) estivessem disponíveis de 2010 a 2020, (3) fossem publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol e (4) fossem publicados em revistas revisadas por pares. Tendo em vista a realização da busca, foram encontrados 497 artigos nas bases indexadas no Periódicos CAPES, sendo 7 artigos duplicados que foram removidos, resultando em 490 artigos. Os resumos desses artigos foram submetidos a análise de dois juízes (com índice de concordância de 95%) que realizaram uma nova seleção com base nos seguintes critérios de exclusão: (1) ausência de operacionalização das medidas de empatia e agressão, (2) artigos de revisão sistemática ou da literatura ou de validação de instrumentos, (3) estudos que não fossem realizados com seres humanos e (4) artigos com texto completo indisponível.

Com base nesses critérios, foram excluídos 351 artigos. Os artigos selecionados (N=139) foram, então, lidos na íntegra e alguns deles (N=34) foram removidos pelos mesmos critérios de exclusão aplicados na etapa anterior. Isto é, somente com a leitura dos resumos não ficou clara a necessidade de excluí-los. De modo que ficaram 105 artigos para a análise final. O fluxograma (Figura 1), construído conforme os itens do relatório PRISMA (Moher et al., 2009), apresenta os números de artigos selecionados e eliminados em cada uma das etapas da busca na literatura.

Figura 1
Fluxograma do processo de seleção dos estudos





Procedimento de análise

Conforme os objetivos do estudo e na busca da sistematização dos dados obtidos, foram propostas as seguintes categorias de análise: (1) Aspectos gerais dos estudos; (2) Conceitos utilizados para definir os diferentes tipos de empatia e agressão; (3) Tipo de relação encontrada entre empatia e agressão e; (4) Variáveis analisadas na relação entre empatia e agressão. Devido a grande quantidade de dados, definiu-se que serão apresentados apenas os resultados que obtiveram maior frequência.

Resultados

Aspectos gerais dos estudos

A busca realizada apresentou um número final de 105 artigos científicos que foram publicados com maior frequência nos anos de 2016 (15,23%) e 2019 (13,33%). Esses artigos estão publicados em 70 diferentes revistas científicas, com maior número de artigos publicados na *Aggressive Behavior* (8,57%). No que concerne ao contexto geográfico, os estudos foram realizados em 29 países diferentes, com destaque para os Estados Unidos (24,76%), seguido da Holanda (7,61%), Inglaterra (7,61%), Espanha (6,66%), Alemanha

(5,71%), China (5,71%) e Turquia (5,71%). O idioma mais frequentemente utilizado nas publicações foi o Inglês (98,09%), sendo os outros em Espanhol (1,91%).

Em relação ao número de participantes, a menor amostra foi composta por 38 crianças do ensino fundamental (Sahin, 2012) e a maior por 53.316 crianças e adolescentes de escolas colombianas (Chaux & Castellanos, 2014). Quanto à faixa etária, a maior prevalência foi de pesquisas realizadas com adolescentes (30,47%), seguida de estudos realizados com adultos (26,6%) e estudos realizados com crianças (24,76%). Com menor frequência, as pesquisas utilizaram, concomitantemente, crianças e adolescentes como amostras (18,09%).

Ainda sobre a caracterização da amostra, dos 105 artigos analisados nesta revisão, apenas 1,9% foram compostos por participantes que não apresentavam desenvolvimento típico, 4,76% foram realizados com adolescentes e adultos infratores e 3,80% dos estudos foram realizados com professores. Com relação ao sexo, a maioria dos estudos (94,28%) contou com amostras mistas.

O tipo de estudo mais frequente foi o transversal (83,80%), seguido do longitudinal (16,20%); a estratégia metodológica mais utilizada foi a quantitativa (97,14%), seguida da mista (1,91%); e o delineamento adotado na maior parte dos artigos foi o correlacional (84,76%), seguido do experimental (12,38%). Quanto aos instrumentos, 54 instrumentos diferentes foram utilizados nos 105 artigos da revisão para mensurar a empatia (ver Tabela 1) e 78 diferentes instrumentos foram utilizados para mensurar a agressão (ver Tabela 2). Os instrumentos que tiveram frequência de uso acima ou próximo de 5% estão apresentados nas tabelas a seguir.

Tabela 1

Instrumentos utilizados com maior frequência para mensurar empatia nos artigos revisados

Instrumento	Autor	F/%	Alpha	Objetivo
Índice de Reatividade Interpessoal (IRI)	Davis (1980,	N=33 ou 31,42%	0.55 a 0.97	Avaliar quatro componentes da

(27 artigos usaram para avaliar apenas duas dimensões: Tomada de Perspectiva e Consideração Empática)	1983)			empatia: tomada de perspectiva, consideração empática, fantasia e angústia pessoal
Escala Básica de Empatia (BES)	Jolliffe e Farrington (2006)	N=13 ou 12,38%	0.65 a 0.85	Avaliar empatia cognitiva e afetiva
Índice de Empatia por Crianças e Adolescentes (IECA)	Bryant (1982)	N=8 ou 7,61%	0.62 a 0.82	Avaliar a empatia de crianças e adolescentes

Tabela 2

Instrumentos utilizados com maior frequência para mensurar agressão nos artigos revisados

Instrumento	Autor	F/%	Alpha	Objetivo
Questionário de Agressão de Buss-Perry (BPAQ)	Buss e Perry (1992)	N=8 ou 7,61%	0.71 a 0.90	Avaliar a agressão a partir de quatro dimensões: agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade
Questionário de agressão reativa-proativa (RPQ)	Raine et al. (2006)	N=6 ou 5,71%	0.75 a 0.91	Avaliar os subtipos da agressão: agressão reativa e agressão proativa
Child Behavior Checklist (CBCL)	Achenbach (1991)	N=5 ou 4,76%	0.71 a 0.88	Avaliar a agressão de crianças a partir da classificação dos pais ou professores

Conceitos utilizados para definir os diferentes tipos de empatia e agressão

A partir da análise dos dados obtidos na sistematização dos artigos, foi possível identificar diferentes tipos de empatia e os conceitos que os definem. O conceito utilizado com maior frequência foi o de empatia como um construto multidimensional, constituído de aspectos cognitivos, como a capacidade de compreender e entender o estado emocional de outra pessoa, e de aspectos afetivos, atrelados a capacidade de compartilhar e experimentar as emoções de outros (65,71%), propostos, na maior parte dos artigos, por Davis (1980), Hoffman (2000), Eisenberg e Strayer (1992) e Jolliffe e Farrington (2006).

Os demais conceitos identificados foram: empatia afetiva (3,8%), caracterizada como uma resposta vicária ao estado emocional de outra pessoa (Eisenberg, 2000); empatia cognitiva (3,8%), descrita como a capacidade de compreender e interpretar as experiências dos outros de uma maneira que permita a negociação hábil com os pares nas interações sociais (Galinsky, Ku & Wang, 2005); preocupação empática (3,8%), definida como a capacidade de sentir emoções negativas congruentes com outro indivíduo (Davis, 1983; Eisenberg, 2002); empatia positiva (0,95%), caracterizada como o afeto positivo eliciado em uma pessoa em resposta à sua percepção de afeto positivo em outra pessoa (Sallquist et al., 2009); e tendência empática (0,95%), caracterizada como a tendência ou capacidade da testemunha de empatizar e internalizar uma situação avaliada (Schrift & Amar, 2015). Salienta-se que em 21% dos artigos analisados a empatia não foi conceituada.

No que se refere a agressão, da mesma forma como aconteceu com a empatia, observou-se o uso de diferentes tipos e seus respectivos conceitos para defini-la. O *bullying* foi o tipo de agressão mais citado entre os estudos (19,04%), com destaque para a definição de Olweus (1993). A agressão também foi conceituada como um comportamento intencional (15,25%), avaliado de forma global e referenciada, principalmente, por Baron e Richardson (1994), Bandura (1973) e Anderson e Bushman (2002). Em 12,38% dos artigos, o conceito utilizado foi de *cyberbullying*, definido, na maior parte das vezes, de acordo com Patchin e Hinduja (2012). Com menor frequência apareceram os conceitos de agressão relacional (8,57%), agressão reativa (7,61%) e agressão proativa (6,6%). Por fim, é válido pontuar que em 37,14% dos artigos a agressão não foi conceituada.

Tipo de relação encontrada entre empatia e agressão

No tocante ao tipo de relação existente entre as variáveis analisadas, a maior parte dos artigos apresentaram relação negativa entre empatia e agressão (86,66%). Destaca-se que

esses artigos conceituaram e avaliaram tanto a empatia, quanto a agressão, de diferentes formas, conforme foi explicitado no tópico anterior.

Os artigos que não encontraram relação significativa entre empatia e agressão foram pouco frequentes (8,57%). Em três deles, essa ausência de relação ocorreu especificamente na investigação da empatia em relação à agressão física (Neale, 2018; Noten et al., 2020; Wang et al., 2012). Por fim, os estudos que apontaram relações positivas entre empatia e agressão foram ainda menos frequentes (4,77%), sendo a maioria direcionada à análise da empatia em contextos de cyberbullying (Athanasiaides et al., 2016; Chan & Wong, 2019; Leemis et al., 2019).

No que concerne a força da relação, os resultados foram analisados tomando como base os tamanhos de efeito postulados por Cohen (1988), para quem os efeitos de tamanho 0,00 a 0,10 são considerados nulos ou irrisórios, de 0,11 a 0,29 são considerados fracos, de 0,30 a 0,49 são moderados e acima de 0,50 fortes. Com base nesse critério, dos artigos que apresentaram relação negativa (86,66%), 44,7% demonstraram uma relação fraca, com tamanhos de efeito variando de -0,12 a -0,28; 15,2% relações moderadas, com tamanhos de efeito variando de -0,30 a -0,46; 10,4% tanto relações fracas como moderadas, variando de -0,12 a -0,44; e, por último, um artigo apresentou forte relação negativa ao avaliar a relação entre empatia e agressão (0,95%), com tamanhos de efeito $r = 0,51$ e $r = 0,61$. Também se observou que em 13,3% dos artigos a relação foi negativa, porém a força da relação não foi apresentada. Quanto aos artigos que apresentaram relação positiva (4,77%), dessas relações, 1,9% eram fracas $r = 0,12$ e 2,8% demonstraram relação moderada, que variou de 0,32 a 0,36.

Importante ressaltar que dos artigos com tamanho de efeito moderado, alguns estudos se assemelharam por terem encontrado esse efeito na relação da empatia afetiva com diferentes tipos de agressão em crianças (Batanova & Loukas, 2014; Carreras et al., 2014; Noten et al., 2019; Pouw et al., 2013).

Já o estudo cuja relação negativa apresentou tamanho de efeito forte se refere à pesquisa de Garner, Moses e Waajid (2013), que investigou quais características de 112 futuros professores estavam associadas às suas atitudes para intervir em situações de bullying. Os resultados indicaram que a empatia expressa pelas vítimas (isto é, empatia específica da situação) foi um preditor positivo da probabilidade de intervir em casos de bullying verbal ($r = 0,51$) e relacional ($r = 0,61$), enquanto a empatia avaliada de forma global não se mostrou um preditor significativo.

Variáveis analisadas na relação entre empatia e agressão

Uma vasta quantidade de variáveis ($N = 239$) foi investigada nos artigos que compõem esta revisão, em relação aos diferentes tipos de empatia e de agressão. Entre as variáveis analisadas especificamente na interação entre esses construtos, as mais frequentes foram comportamentos pró-sociais ($N = 13$), desengajamento moral ($N = 9$), gênero ($N = 7$) e renda ($N = 5$).

Diante da quantidade de dados encontrados, o foco maior de atenção consistiu na verificação de variáveis que funcionaram como moderadoras ou mediadoras da relação entre empatia e agressão. Nesta direção, foram encontradas 14 variáveis moderadoras e 5 variáveis mediadoras.

Antes de apresentar os resultados, é válido enfatizar, partindo de Baron e Kenny (1986), que a variável moderadora é a que afeta a direção e/ou a força da relação entre uma variável independente e uma dependente, e a variável mediadora é a que explica a relação entre a variável independente e a dependente. Ou seja, enquanto a moderadora diz quando determinados efeitos são mantidos, a mediadora diz como ou por que aquele efeito acontece.

As variáveis moderadoras da relação entre os construtos foram: tomada de perspectiva (Li et al., 2015), relações familiares positivas (Batanova & Loukas, 2014), tipo de grupo com TEA ou DT (Pouw et al., 2013), objetivos agênticos (Van Hazebroek, Olthof & Goossens,

2017), crenças sobre a maleabilidade da empatia (Gandhi, Dawood & Schroder, 2017), desengajamento moral (Wang et al., 2017), exposição à violência (Su, Mrug & Windle, 2010), o tipo de personagem do jogo (Gao et al., 2017), sexo (Noten et al., 2019a), níveis de testosterona e de cortisol (Pascual-Sagastizabal et al., 2019), crenças normativas sobre a agressão (Ang, Li & Seah, 2017), controle inibitório (Noten et al., 2020), percepção de incomum (Liu, Huang & Tzeng, 2018) e atenção social (Noten et al., 2019).

Já as variáveis mediadoras foram: culpa (Stanger, Kavussanu, McIntyre & Ring, 2016; Stanger, Kavussanu & Ring, 2012), objetivos agênticos (Van Hazebroek, Olthof & Goossens, 2017), crenças normativas sobre a agressão (Ang, Li & Seah, 2017), desengajamento moral (Wang et al., 2017; Ouvrein, De Backer & Vandebosch, 2018) e comportamento pró-social (Spataro, Calabrò & Longobardi, 2020).

Nota-se que algumas variáveis funcionaram tanto quanto moderadoras como mediadoras dessa relação, sendo elas: objetivos agênticos, crenças normativas sobre a agressão e o desengajamento moral.

Discussão

Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a relação entre empatia e agressão em variados contextos, nos anos de 2010 a 2020, com participantes de diferentes faixas etárias. A busca efetuada resultou em 105 artigos científicos que tiveram seus dados sistematizados em quatro categorias de análise.

Na primeira categoria, intitulada aspectos gerais dos estudos, verificou-se um aumento no número de publicações nos anos de 2016 e 2019. Partindo da última revisão realizada (Vachon & Johnson, 2014), considera-se que o crescente número de estudos com esse foco ocorreu devido aos resultados contrastantes de pesquisas mostrando que a empatia podia funcionar ou não como inibidora da agressão, e ao incremento significativo dos casos de

agressividade em diversos contextos. Este aumento da agressão, provavelmente levou os estudiosos a analisarem formas possíveis de minimizá-la (Melo,2019).

No que diz respeito aos locais de realização dos estudos, nota-se que a concentração de publicações ainda se mantém predominantemente ocidentalizada, com os Estados Unidos e países europeus destacando-se. Contudo, especialmente nos últimos anos, outros contextos culturais, como China e Turquia, têm igualmente emergido como importantes contribuintes para a produção acadêmica nesta área.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que quase a totalidade dos artigos encontrados foram publicados em inglês, com nenhum registro em português e apenas dois em espanhol. Esse achado pode ser atribuído a diferentes fatores, como a predominância do inglês como idioma hegemônico na produção e disseminação científica internacional, a escassez de estudos sobre o tema realizados com participantes de países lusófonos, como Brasil e Portugal, ou ainda a valorização das publicações em periódicos de maior impacto, geralmente indexados em bases internacionais e redigidos em inglês. Além disso, essa predominância pode estar relacionada aos critérios adotados na estratégia de busca utilizada nesta revisão, o que configura uma possível limitação do estudo.

Uma observação adicional incluiu o notável interesse em explorar a relação entre empatia e agressão com crianças em idade escolar do ensino fundamental e adolescentes do ensino médio que apresentam desenvolvimento típico, o que mostra algumas lacunas a serem preenchidas ainda em relação a esse público, como com crianças e adolescentes que não frequentem escolas, além de adultos e pessoas com idades mais avançadas, principalmente idosos, assim como amostras com desenvolvimento atípico.

Uma limitação que já havia sido abordada por Vachon e Johnson (2014) e que também foi encontrada nesta revisão, foi o pequeno número de estudos longitudinais e de estudos com delineamento experimental. Em sua maioria, o delineamento adotado foi correlacional e os

estudos eram transversais, isto é, não ofereceram informações de causa e consequência, além de que os resultados encontrados só eram válidos para a verificação da relação em um único momento do desenvolvimento (Field, 2009), fatores que limitam a veracidade sobre uma influência longitudinal e causal da empatia na agressão. Entretanto, como o objetivo desta revisão foi verificar a relação entre empatia e agressão, os objetivos pleiteados foram alcançados por meio dos estudos correlacionais.

Observou-se, também, enorme diversidade de instrumentos para mensuração da agressão e da empatia. Especificamente, do total dos instrumentos, 44 instrumentos diferentes foram utilizados para avaliar empatia e 59 diferentes instrumentos para mensurar agressão, porém esses instrumentos só foram utilizados, cada um, uma única vez. Esse é outro fator que dificulta a validação psicométrica dos resultados encontrados, por não permitir uma comparação equivalente entre os trabalhos. Segundo Landim e Borsa (2017), a ausência de validade psicométrica pode colocar em xeque os resultados encontrados. Mas por outro lado, mostram que os resultados sobre a relação entre empatia e agressão, em sua maioria, não dependem do uso de um determinado instrumento.

Com relação a segunda categoria de análise, os conceitos utilizados para definir os diferentes tipos de empatia e agressão, observou-se uma multiplicidade de definições para ambos. Quanto a empatia, a perspectiva multidimensional foi a mais adotada, subdividindo a empatia entre afetiva e cognitiva, além de que, em muitos estudos era apontada a relevância de pesquisar dessa maneira, isto é, ao invés de usar os escores da empatia global, eram usados os escores dessas duas dimensões da empatia. Isto porque a operacionalização da empatia dessa forma evitava o estreitamento do conceito (Vachon & Lynam, 2016). Ademais, essa subdivisão da empatia permitiu observar que resultados diferentes eram encontrados quando se comparava a avaliação feita de forma global e a subdividida em seus diversos aspectos (Garner, Moses & Waajid, 2013).

No que diz respeito aos tipos de agressão, destacaram-se o *bullying* e o *cyberbullying*. Tal resultado pode ilustrar como as mudanças temporais e culturais diversificaram as formas de agredir e, portanto, as formas de avaliar a agressão (Patchin & Hinduja, 2012). Outro ponto a ser considerado foi a expressividade de artigos que não conceituaram os construtos, o que acarreta um problema para a identificação da perspectiva teórica adotada, além de dificultar a comparação com resultados de outros trabalhos da área.

Resultados de revisões anteriores sobre a relação entre a empatia e agressão evidenciaram uma relação negativa entre esses dois construtos (Jolliffe & Farrington, 2004; Lovett & Sheffield, 2007; Miller & Eisenberg, 1988). Entretanto, em alguns casos, essa relação era moderada (Jolliffe & Farrington, 2004) e fraca (Vachon & Johnson, 2014). A última revisão feita por Vachon e Johnson (2014) apontou para resultados mais alarmantes quanto a fraqueza da relação e ao pouco poder de explicação da empatia sobre a agressão.

No tocante ao tipo de relação encontrada entre empatia e agressão, a terceira categoria de análise da presente revisão mostrou que a maior parte dos artigos (86,66%) apresentaram relação negativa entre as variáveis. Contudo, consoante com Vachon e Johnson (2014), quando se considerou a força da relação, observou-se que essa relação era, na maior parte, fraca (44,7%) e, em alguns casos, moderada (15,2%). A relação moderada foi observada, com maior frequência, em estudos que avaliaram a empatia afetiva e tipos diferentes de agressão em crianças (Batanova & Loukas, 2014; Carreras et al., 2014; Noten et al., 2019; Pouw et al., 2013). Também foi identificado um estudo que obteve efeito forte, ao avaliar a empatia a partir de uma perspectiva situacional da vítima com preditora da probabilidade de intervir em casos de *bullying* (Garner, Moses & Waajid, 2013).

Acerca dos dados sobre o tipo de relação, observa-se que a frequência de estudos com relação fraca diminuiu em comparação com a revisão anterior realizada por Vachon e Johnson (2014). Este decréscimo pode ser atribuído à maior abrangência desta revisão, que incluiu

amostras de todas as faixas etárias e considerou todos os tipos de empatia e agressão. Ressalta-se que a análise de tipos diversos dessas variáveis corroborou para o estudo que encontrou efeito forte ao avaliar a empatia situacional direcionada a uma vítima (Garner, Moses & Waajid, 2013). Logo, sugere-se que novos estudos busquem investigar a empatia e a agressão em seus diferentes tipos e voltadas para contextos situacionais que envolvem diferentes perspectivas.

Os resultados supracitados fazem refletir sobre a existência de outras variáveis que poderiam estar influenciando a relação entre esses construtos (Haddock & Jimerson, 2017). Diante desses apontamentos, se questiona sobre quais seriam as variáveis que estariam moderando ou mediando a relação entre empatia e agressão. Com base nos 105 artigos aqui revisados, uma gama de variáveis poderiam estar fazendo esse papel, mais precisamente variáveis relacionadas ao sentimento de culpa (Stanger, Kavussanu, McIntyre & Ring, 2016; Stanger, Kavussanu & Ring, 2012), ausência de moralidade, como o desengajamento moral (Ouvrein, De Backer & Vandebosch, 2018; Wang et al., 2017), além de variáveis sociais como as crenças sobre agressão (Ang, Li & Seah, 2017; Liu, Huang & Tzeng, 2018) e exposição à violência (Su, Mrug & Windle, 2010).

Considerações Finais

Frente aos dados apresentados e discutidos, observa-se que aspectos encontrados em revisões anteriores se repetiram no presente estudo, como a relação negativa entre a empatia e a agressão, a força da relação entre esses construtos (fraca ou moderada), e a variabilidade de instrumentos que dificulta a validade dos achados. Porém, desta vez, os resultados apresentados fundamentam-se na análise de 105 artigos, que refletem dados amostrais de variadas faixas etárias (crianças, adolescentes e adultos) pertencentes a diferentes culturas (ocidentais e orientais) e, nesse sentido, apresentam uma maior amplitude. Salienta-se que a

última revisão realizada contemplou apenas a amostra de adultos e as anteriores foram realizadas com pequeno tamanho amostral.

Nesse sentido, espera-se que os resultados da presente revisão possam inspirar estudos que não apenas busquem indicar a existência de uma relação, mas, sobretudo, indiquem os fatores que poderiam estar interferindo na força dessa relação, para que se torne possível a realização de intervenções que visem a redução da agressão e o fomento de práticas que levem ao desenvolvimento empático e a uma maior harmonia social.

Referências

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Teacher's Report Form and 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135231>
- Ang, R. P., Li, X., & Seah, S. L. (2017). The role of normative beliefs about aggression in the relationship between empathy and cyberbullying. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 48(8), 1138–1152. <https://doi.org/10.1177/0022022116678928>
- Athanasiades, C., Baldry, A., Kamariotis, T., Kostouli, M., & Psalti, A. (2016). The “net” of the Internet: Risk Factors for Cyberbullying among Secondary-School Students in Greece. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 22(2), 301–317. <https://doi.org/10.1007/s10610-016-9303-4>
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. NJ: Prentice-Hall: Englewood Cliffs.
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). A distinção da variável moderador-mediador na pesquisa psicológica social: considerações conceituais, estratégicas e estatísticas. *Journal*

of Personality and Social Psychology, 51, (6): 1173–1182. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.51.6.1173>

Baron, R. A., & Richardson, D. R. (1994). *Human aggression* (2nd ed.). Plenum Press.

Batanova, M., & Loukas, A. (2014). Unique and interactive effects of empathy, family, and school factors on early adolescents' aggression. *Journal of youth and adolescence*, 43(11), 1890–1902. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0051-1>

Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452–459.

Carreras, M. R., Braza, P., Muñoz, J. M., Braza, F., Azurmendi, A., Pascual-Sagastizabal, E., Cardas, J., & Sánchez-Martín, J. R. (2014). Aggression and prosocial behaviors in social conflicts mediating the influence of cold social intelligence and affective empathy on children's social preference. *Scandinavian journal of psychology*, 55(4), 371–379. <https://doi.org/10.1111/sjop.12126>

Carvalho, L. F., Pianowski, G. & Santos, M. A. (2019). Guidelines for conducting and publishing systematic reviews in Psychology. *Estudos de Psicologia (Campinas)* [online]. 36, e180144. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180144>

Chan, H. C. (Oliver), & Wong, D. S. W. (2019). Traditional School Bullying and Cyberbullying Perpetration: Examining the Psychosocial Characteristics of Hong Kong Male and Female Adolescents. *Youth & Society*, 51(1), 3–29. <https://doi.org/10.1177/0044118X16658053>

Chaux, E., & Castellanos, M. (2014). Money and age in schools: Bullying and power imbalances. *Aggressive Behavior*, 41(3), 280–293. <https://doi.org/10.1002/ab.21558>

Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

- Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1996). Social information-processing mechanisms in reactive and proactive aggression. *Child Development*, 67, 993–1002. <https://doi.org/10.2307/1131875>
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Development*, 66, 710–722. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1995.tb00900.x>
- Davis, M. H. (1980). A multidimensional approach to individual differences in empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, 85.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113–126.
- Eisenberg, N. (2000). Emotion, regulation, and moral development. *Annual Review of Psychology*, 51, 665–697.
- Eisenberg, N. (2002). Empathy-related emotional responses, altruism, and their socialization. In R. J. Davidson & A. Harrington (Eds.), *Visions of compassion: western scientists and Tibetan Buddhists examine human nature* (pp. 131–164). London: Oxford University Press.
- Eisenberg, N., Eggum, N. D., & Di Giunta, L. (2010). Empathy-related responding: Associations with prosocial behavior, aggression, and intergroup relations. *Social Issues and Policy Review*, 4(1), 143–180. <https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2010.01020.x>
- Eisenberg, N., & Strayer, J. (1992). *Empathy and its development*. Bilbao, Espanha: Desclée de Brouwer.
- Field, A. (2009). *Descobrendo a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed, 2ed.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil* (2ª ed.). FBSP. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/relatorio-pesquisa-violencia-contr-a-mulher.pdf>

- Galinsky, A. D., Ku, G., & Wang, C. S. (2005). Perspective-taking and self-other overlap: Fostering social bonds and facilitating social coordination. *Group Processes & Intergroup Relations*, 8(2), 109–124. <https://doi.org/10.1177/1368430205051060>
- Gandhi, A. U., Dawood, S., & Schroder, H. S. (2017). Empathy Mind-Set Moderates the Association Between Low Empathy and Social Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), NP1679-1697NP. <https://doi.org/10.1177/0886260517747604>
- Gao, X., Weng, L., Zhou, Y., & Yu, H. (2017). The Influence of Empathy and Morality of Violent Video Game Characters on Gamers' Aggression. *Frontiers in psychology*, 8, 1863. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01863>
- Garner, P. W., Moses, L. K., & Waajid, B. (2013). Prospective teachers' awareness and expression of emotions: Associations with proposed strategies for behavioral management in the classroom. *Psychology in the Schools*, 50(5), 471–488. <https://doi.org/10.1002/pits.21688>
- Haddock, A. D., & Jimerson, S. R. (2017). An examination of differences in moral disengagement and empathy among *bullying* participant groups. *Journal of Relationships Research*, 8, Article e15. <https://doi.org/10.1017/jrr.2017.15>
- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 441-476. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2003.03.001>
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Examining the relationship between low empathy and *bullying*. *Aggressive Behavior*, 32, 540–550. <https://doi.org/10.1002/ab.20154>
- Landim, I., & Borsa, J. C. (2017). Revisão sistemática sobre programas de intervenção para redução de comportamentos agressivos infantis. *Contextos clínicos*, 10, 110-129.

- Leemis, R. W., Espelage, D. L., Basile, K. C., Mercer Kollar, L. M., & Davis, J. P. (2019). Traditional and *cyberbullying* and sexual harassment: A longitudinal assessment of risk and protective factors. *Aggressive behavior*, 45(2), 181–192. <https://doi.org/10.1002/ab.21808>
- Li, X., Bian, C., Chen, Y., Huang, J., Ma, Y., Tang, L., Yan, Q., Ye, X., Tang, J. & Yu, Y. (2015). Indirect aggression and parental attachment in early adolescence: Examining the role of perspective taking and empathetic concern. *Personality and Individual Differences*, 86, pp.499-503. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.008>
- Liu, C.-H., Huang, P.-S., & Tzeng, J.-Y. (2018). When an unfortunate individual in a social incident is cyberbullied by the public, even empathetic people can be bystanders: The role of perception of unusual behaviors. *Computers in Human Behavior*, 93. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.12.006>
- Lovett, B. J., & Sheffield, R. A. (2007). Affective empathy deficits in aggressive children and adolescents: A critical review. *Clinical Psychology Review*, 27, 1–13. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2006.03.003>
- Maibom, H. L. (2012). The many faces of empathy and their relation to prosocial action and aggression inhibition. *Wires Cognitive Science*, 3 (2). <https://doi.org/10.1002/wcs.1165>
- Melo, R. L. P. (2019). *Socialização infantil para o perdão: o lugar da empatia materna nesse processo*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 193p.
- Miller, P. A., & Eisenberg. N. (1988). The relation of empathy to aggressive and externalizing/ antisocial behavior. *Psychological Bulletin*, 103, 324-344. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.324>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. (2009). The PRISMA Group. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Med* 6(7): e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>

- Neale, A. (2018). A proactive targeted approach to preventing adolescent aggressive behaviours. *Pastoral Care in Education*, 1–21. <https://doi.org/10.1080/02643944.2018.1562494>
- Noten, M., van der Heijden, K., Huijbregts, S., Bouw, N., van Goozen, S., & Swaab, H. (2019). Empathic distress and concern predict aggression in toddlerhood: The moderating role of sex. *Infant Behavior and Development*, 54, 57–65. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2018.11.001>
- Noten, M., Van der Heijden, K., Huijbregts, S., Van Goozen, S., & Swaab, H. (2019). Indicators of affective empathy, cognitive empathy, and social attention during emotional clips in relation to aggression in 3-year-olds. *Journal of Experimental Child Psychology*, 185, 35–50. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2019.04.012>
- Noten, M., Van der Heijden, K. B., Huijbregts, S., Van Goozen, S., & Swaab, H. (2020). Associations between empathy, inhibitory control, and physical aggression in toddlerhood. *Developmental psychobiology*, 62(6), 871–881. <https://doi.org/10.1002/dev.21951>
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Ouvrein, G., De Backer, C. & Vandebosch, H. (2018). Online celebrity aggression: A combination of low empathy and high moral disengagement? The relationship between empathy and moral disengagement and adolescents' online celebrity aggression. *Computers in Human Behavior*, 89, pp.61-69. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.07.029>
- Pascual-Sagastizabal, E., Del Puerto, N., Cardas, J., Sánchez-Martín, J. R., Vergara, A. I., & Azurmendi, A. (2019). Testosterone and cortisol modulate the effects of empathy on aggression in children. *Psychoneuroendocrinology*, 103, 118–124. <https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2019.01.014>

- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bulies move beyond the schoolyard. A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4, 148–169. <https://doi.org/10.1177/1541204006286288>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2012). Cyberbullying prevention and intervention: Realistic strategies for schools. *Journal of School Violence*, 11(4), 289–311. <https://doi.org/10.1080/15388220.2012.704737>
- Pouw, L. B., Rieffe, C., Oosterveld, P., Huskens, B., & Stockmann, L. (2013). Reactive/proactive aggression and affective/cognitive empathy in children with ASD. *Research in developmental disabilities*, 34(4), 1256–1266. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2012.12.022>
- Raine, A., Dodge, K., Loeber, R., Gatzke-Kopp, L., Lynam, D., Reynolds, C., Stouthamer-Loeber, M., & Liu, J. (2006). The reactive–proactive aggression questionnaire: Differential correlates of reactive and proactive aggression in adolescent boys. *Aggressive Behavior*, 32, 159–171. <https://doi.org/10.1002/ab.20115>
- Sallquist, J., Eisenberg, N., Spinrad, T. L., Eggum, N. D., & Gaertner, B. M. (2009). Assessment of preschoolers' positive empathy: Concurrent and longitudinal relations with positive emotion, social competence, and sympathy. *The Journal of Positive Psychology*, 4(3), 223–233. <https://doi.org/10.1080/17439760902819444>
- Sahin, M. (2012). An investigation into the efficiency of empathy training program on preventing bullying in primary schools. *Children and Youth Services Review*, 34(7), 1325–1330. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2012.03.013>
- Schrift, R. Y., & Amar, M. (2015). Pain and preferences: Observed decisional conflict and the convergence of preferences. *Journal of Consumer Research*, 42(4), 515–534. <https://doi.org/10.1093/jcr/ucv041>

- Spataro, P., Calabrò, M., & Longobardi, E. (2020). Prosocial behaviour mediates the relation between empathy and aggression in primary school children. *European Journal of Developmental Psychology*, 17(5), 727–745. <https://doi.org/10.1080/17405629.2020.1731467>
- Stanger, N., Kavussanu, M., McIntyre, D., & Ring, C. (2016). Empathy Inhibits Aggression in Competition: The Role of Provocation, Emotion, and Gender. *Journal of sport & exercise psychology*, 38(1), 4–14. <https://doi.org/10.1123/jsep.2014-0332>
- Stanger, N., Kavussanu, M., & Ring, C. (2012). Put yourself in their boots: effects of empathy on emotion and aggression. *Journal of sport & exercise psychology*, 34(2), 208–222. <https://doi.org/10.1123/jsep.34.2.208>
- Staub, Ervin. (1975). Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão, in: Singer, Jerome L. (org.) *O controle da agressão e da violência*. SP, EPU/ EDUSP.
- Su, W., Mrug, S., & Windle, M. (2010). Social cognitive and emotional mediators link violence exposure and parental nurturance to adolescent aggression. *Journal of clinical child and adolescent psychology: the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53*, 39(6), 814–824. <https://doi.org/10.1080/15374416.2010.517163>
- Unesco. (2019). Violência escolar e *bullying*: relatório sobre a situação mundial. Organização das Nações Unidas para a Educação – UNESCO, *Assistant Director-General for Education, 2010-2018 (Qian Tang)*, pp.58.
- Vachon, D. D., & Lynam, D. R. (2016). Fixing the problem with empathy: Development and validation of the affective and cognitive measure of empathy. *Assessment*, 23, 135–149. <https://doi.org/10.1177/1073191114567941>

- Vachon, D. D., Lynam, D. R., & Johnson, J. A. (2014). The (non)relation between empathy and aggression: Surprising results from a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 140, 751-773. <https://doi.org/10.1037/a0035236>
- Van Hazebroek, B. C., Olthof, T., & Goossens, F. A. (2017). Predicting aggression in adolescence: The interrelation between (a lack of) empathy and social goals. *Aggressive behavior*, 43(2), 204–214. <https://doi.org/10.1002/ab.21675>
- Wang, F. M., Chen, J. Q., Xiao, W. Q., Ma, Y. T., & Zhang, M. (2012). Peer physical aggression and its association with aggressive beliefs, empathy, self-control, and cooperation skills among students in a rural town of China. *Journal of interpersonal violence*, 27(16), 3252–3267. <https://doi.org/10.1177/0886260512441256>
- Wang, X., Lei, L., Yang, J., Gao, L., & Zhao, F. (2017). Moral Disengagement as Mediator and Moderator of the Relation Between Empathy and Aggression Among Chinese Male Juvenile Delinquents. *Child psychiatry and human development*, 48(2), 316–326. <https://doi.org/10.1007/s10578-016-0643-6>

**Construção e Análise das Propriedades Psicométricas de Medidas para Avaliar
Julgamento Moral, Empatia e Agressão em um Caso da Vida Real**

**Construction and Analysis of Psychometric Properties of Measures used to Assess Moral
Judgment, Empathy and Aggression in a Real-Life Case**

**Construcción y Análisis de las Propiedades Psicométricas de Medidas para Evaluar el
Juicio Moral, la Empatía y la Agresión en un Caso de la Vida Real**

Resumo: Este trabalho versa sobre a construção de instrumentos para mensurar níveis de julgamento moral, empatia e agressão, frente a um caso da vida real. Neste sentido, foram realizados dois estudos. O primeiro teve como objetivo verificar as evidências de validade de conteúdo das medidas construídas, e o segundo verificar as evidências de validade e confiabilidade dos instrumentos propostos. Em relação ao primeiro estudo, a amostra foi composta por 2 grupos: 5 juízes especialistas que fizeram uma análise de conteúdo dos itens das escalas propostas e 32 participantes da população geral que responderam a essas medidas: Medida de Avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - Caso Henry (MJMCH), Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry (ESECH), Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH) e Medida de agressão frente ao Caso Henry (MACH). Os resultados da análise do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) indicaram que todas as medidas construídas apresentaram valores adequados. No segundo estudo, participaram 300 adultos com idades de 18 a 78 anos ($M = 32,7$; $DP = 12,3$), que responderam aos instrumentos mencionados no primeiro estudo, além de outros três instrumentos já validados no Brasil, considerando a realização da validade convergente. De um modo geral, as escalas avaliadas apresentaram bons indicadores psicométricos e índices de ajustes adequados para fins de pesquisa. No que se refere à validade convergente, verificaram-se correlações, na maior parte dos casos, congruentes com as expectativas teóricas. Espera-se que esses resultados contribuam para o campo da avaliação do julgamento moral, empatia e agressão.

Palavras-chave: julgamento moral, empatia, agressão, construção, escala.

Abstract: This work approaches the construction of instruments to measure levels of moral judgment, empathy and aggression, in the face of a real-life case. In this sense, two studies were conducted. The first aimed to verify the evidence of content validity of constructed measures, and the second verified the evidence of validity and reliability of these instruments. In relation to the first study, the sample was composed of 2 groups: 5 expert judges who conducted a content analysis of the items in the proposed scales and 32 participants from the general population who responded to these scales: Moral Judgment Assessment Measure Based on a Real-Life Dilemma – Henry Case (MJMCH), Scale of Empathic Feelings towards the Henry Case (ESECH), Affective and Cognitive Empathy Scale towards the Henry Case

(EEACCH), and Measure of Aggression towards the Henry Case (MACH). The results of the Content Validity Coefficient (CVC) analysis indicated that all constructed measures presented adequate values. In the second study, 300 adults aged 18 to 78 years ($M = 32.7$; $SD = 12.3$) responded to the instruments mentioned above, in addition to three others already validated in Brazil, considering the achievement of convergent validity. In general, the scales evaluated presented good psychometric indicators and adjustment indices suitable for research purposes. Regarding convergent validity, correlations were found, in most cases, congruent with theoretical expectations. These results are expected to contribute to the field of assessing moral judgment, empathy and aggression.

Keywords: moral judgment, empathy, aggression, construction, scale.

Resumen: Este trabajo trata de la construcción de instrumentos para mensurar niveles de juicio moral, empatía y agresión, frente a un caso de la vida real. En este sentido, se realizaron dos estudios. El primer tuvo como objetivo verificar las evidencias de la validez de contenido de las medidas construidas, y el segundo de verificar las evidencias de validez y confiabilidad de los instrumentos propuestos. En relación al primer estudio, la muestra estaba compuesta de dos grupos: cinco jueces expertos que hicieron un análisis de contenido de los ítems de las escalas propuestas y 32 participantes de la población general que constataron a esas escalas: Medida de Evaluación del Juicio Moral basado en un Dilema de la Vida Real – Caso Henry (MJMCH), Escala de Sentimientos empáticos frente al Caso Henry (ESECH), Escala de empatía afectiva y cognitiva frente al Caso Henry (EEACCH) y la Medida de agresión frente al Caso Henry (MACH). Los resultados de los análisis del Coeficiente de Validez de Contenido (CVC) indicaron que todas las medidas construidas presentaban valores adecuados. En el segundo estudio, participaron 300 adultos con edades de 18 hasta 78 años ($M = 32,7$; $DP = 12,3$), que contestaron a los instrumentos citados en el primer estudio, además de otros tres instrumentos ya validados en Brasil, considerando la realización de la validez convergente. En general, las escalas evaluadas presentaron buenos indicadores psicométricos e índices de ajustes adecuados para fines de investigación. Con relación a la validez convergente, verificaron correlaciones, en la mayor parte de los casos, congruentes con las expectativas teóricas. Se espera que estos resultados contribuyan al campo de la evaluación del juicio moral, la empatía y la agresión.

Palabras-clave: juicio moral, empatía, agresión, construcción, escala.

Introdução

A agressão pode ser definida como um comportamento que procura infligir dor ou sofrimento ao outro (Staub, 1975). Esse comportamento tem, de forma crescente, se mostrado como um problema social que impacta negativamente diferentes âmbitos, como o familiar (Barreto & Mour, 2023), escolar (Henrique, 2023; Kionek & Romani, 2019), interpessoal (Borsa & Bandeira, 2011) e intergrupar (Gomes *et al.*, 2012).

Frente a esses impactos, diversas pesquisas têm sido realizadas para identificar formas de reduzir os mais diversos tipos de agressão. Algumas áreas de estudo têm se destacado, de forma teórica e empírica, na formulação de estratégias eficazes na redução da agressividade, como a área da empatia e a do julgamento moral (Dutra, 2020; Galvão, 2010).

A empatia, de acordo com Coplan e Goldie (2011), é uma variável que pode ser compreendida em suas várias formas. Hoffman (2011) destaca que existem dois tipos de empatia amplamente definidos na literatura: a empatia cognitiva, como a consciência dos sentimentos do outro, e a empatia afetiva, como a capacidade de sentir o que o outro sente. Neste estudo, define-se a empatia como “a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar do outro, inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada à situação do outro do que para sua própria situação” (Hoffman, 1989, p. 285).

Além desses tipos elencados acima, a depender da situação de socialização que o indivíduo esteja inserido, a empatia pode ser moldada pela atribuição causal em vários afetos, incluindo angústia empática, raiva empática, culpa empática, injustiça empática e tristeza empática, que podem motivar a ação em certas situações. Acerca desses afetos, a raiva empática, por exemplo, ocorre direcionada a um agressor em defesa de uma vítima de agressão e a injustiça empática emerge quando se vê alguém considerado bom sendo submetido a um sofrimento não merecido (Hoffman, 2003).

No que se refere ao julgamento moral, este é definido, de acordo com Kohlberg (1976), como aquilo que se conhece, acha e/ou julga como certo e errado. Essa teoria também apresenta a subdivisão do julgamento moral em três níveis que refletem formas de raciocinar moralmente, a saber: nível pré-convencional, nível convencional e nível pós-convencional. No nível pré-convencional, encontram-se indivíduos que ainda não compreendem nem respeitam normas morais, considerando as regras como externas a si mesmo. O nível

convencional é característico de indivíduos que internalizaram as normas morais e as consideram como necessárias para as relações de cooperação, assim como as expectativas dos outros, especialmente aquelas impostas por autoridades. No nível pós-convencional, o mais evoluído dos três, os indivíduos compreendem as normas sociais, mas as avaliam de acordo com seus próprios princípios, ocorre também uma consideração maior pela defesa dos direitos humanos e do bem-estar social (Biaggio, 1998; Kohlberg, 1976).

Compreensões teóricas, como as esboçadas por Staub (1975) e Hoffman (2003), coadunam a ideia de que tanto a empatia quanto os níveis de desenvolvimento moral mais evoluídos, são potenciais inibidores internalizados da agressão que, diferente de inibidores situacionais (como, por exemplo, o medo do castigo ou punição), podem fornecer ao indivíduo roteiros antecipados, de como suas ações podem impactar e gerar sofrimento ao outro, principalmente em culturas guiadas pela moral do cuidado e da justiça. Entretanto, para que essas compreensões teóricas possam ser aplicadas em estratégias de intervenção e serem testadas a sua eficácia, é preciso ter disponível instrumentos válidos e fidedignos que avaliem os construtos (Pasquali, 2003).

No tocante a agressão, alguns instrumentos têm sido utilizados na psicologia para avaliá-la. Dentre esses, se destaca o Aggression Questionnaire (BPAQ) formulado por Buss e Perry (1992). O BPAQ foi validado em uma versão reduzida por Bryant e Smith (2001) e adaptado para diversos contextos, como, por exemplo, para o brasileiro, no qual Paiva et al. (2020) enfatizaram a mensuração da agressão de forma global e por fatores separados (raiva, hostilidade, agressão física e agressão verbal).

Outros instrumentos foram sendo produzidos para fins investigativos acerca desse tema. Entretanto, conforme Bustamante (2014), a literatura tem evidenciado resultados insatisfatórios quanto aos índices de validade dessas medidas e ressaltado a escassez de estudos para mensurar a agressão na população adulta. Segundo Borsa e Bandeira (2011), um

dos motivos para essa escassez é a concentração de pesquisas voltadas para a agressão provocada por crianças e adolescentes, principalmente no contexto escolar.

Diante dos pontos apresentados, torna-se saliente a necessidade de aprofundar as pesquisas investigativas sobre a agressão, bem como buscar formas de avaliá-la em diferentes populações, como a adulta. Isso se deve aos crescentes índices de agressividade nesse público, os quais podem tomar proporções que se configurem em violências e resultar em consequências danosas para a sociedade (Barreto & Mour, 2023).

Outra lacuna observada quanto aos instrumentos de avaliação da agressão na população adulta, é a escassez de medidas que avaliem comportamentos agressivos relacionados a situações reais. A maior parte dos instrumentos disponíveis avalia a disposição das pessoas para agredir em situações hipotéticas, que nem sempre correspondem a conflitos reais (Dutra, 2024). Para solucionar essa questão é necessário, antes de tudo, ter instrumentos que avaliem a agressão de adultos frente a contextos da vida real, o que se configura em um dos objetivos deste trabalho.

Além da avaliação da agressão, considera-se relevante, neste estudo, criar instrumentos que avaliem outros processos psicológicos que podem estar relacionados com os comportamentos agressivos, como a empatia e o julgamento moral (Dutra, 2020; Galvão, 2010; Hoffman, 1989; Kohlberg, 1976; Staub, 1975).

Geralmente, quando se estuda os construtos agressão e empatia em situações hipotéticas, tende-se a encontrar resultados que demonstram que quanto mais empático, menos agressivo é o participante (Dutra, Galvão, Camino & Bezerra, 2023). Mas, será que esse resultado se repete quando essas variáveis são exploradas em relação a uma história real que envolve agressão? Por exemplo, se o contexto a ser explorado tem uma narrativa que envolve um agressor e uma vítima, diante de um caso que gerou comoção na sociedade e foi amplamente divulgado na mídia, será que a alta empatia pela vítima estará relacionada a uma

maior disposição para agredir ou linchar o agressor? Nesse caso, acredita-se que quando se explora a relação da empatia com a agressão frente a uma situação real, pode-se encontrar resultados diferentes dos encontrados em pesquisas que avaliam essas variáveis em situações hipotéticas.

E por que estudar o julgamento moral diante de uma situação real junto a variável agressão? Conforme um estudo realizado por Galvão e Camino (2011), o uso de dilemas morais da vida real propicia ao participante uma análise mais próxima da realidade, diferente do que ocorre em estudos com dilemas hipotéticos sobre o julgamento moral, os quais são respondidos pelos participantes de forma mais abstrata e, de certo modo, distante de contextos reais.

Nesse tocante, espera-se que instrumentos baseados em um dilema da vida real que explore a agressão, a empatia e o julgamento moral, favoreçam uma compreensão mais aprofundada da relação entre essas variáveis e inspire a implementação de ações eficazes para redução de atos agressivos.

Em relação a casos de agressões efetuadas por adultos, em contextos reais, são vastas as informações dadas diariamente nos meios de comunicação. Dentre esses casos, uma notícia que teve impacto nacional e internacional foi a morte do menino brasileiro Henry Borel de 4 anos de idade, assassinado por meio de agressões e torturas, efetuadas supostamente pelo seu padrasto, dentro do apartamento onde morava, tendo a sua mãe sido conivente com o ocorrido (Ferrari, 2021).

Por se tratar de um caso com tamanha repercussão e por envolver uma criança e seus cuidadores, diferentes reações emocionais, como sentimentos empáticos de raiva e injustiça, assim como a favorabilidade a comportamentos agressivos e julgamentos sobre o certo e o errado, foram suscitadas na população que teve acesso a essa informação, resultando em

comoção social (Moura, 2023), o que fez com que esse dilema fosse escolhido para ser explorado no instrumento construído.

Frente ao exposto, o presente artigo teve como objetivo principal construir e testar a adequação de instrumentos para mensurar níveis de julgamento moral, empatia e agressão, de forma contextual, frente a um caso da vida real. Para tanto, foram conduzidos dois estudos: no primeiro, foram verificadas as evidências de validade de conteúdo das medidas construídas; no segundo, foram investigadas as evidências de validade e confiabilidade dos instrumentos propostos.

Estudo 1: Construção e Evidências de Validade de Conteúdo de medidas para avaliar Julgamento Moral, Empatia e Agressão frente a um Caso Real

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo, descritivo, com amostra de corte transversal, realizado em três etapas fundamentais: (1) revisão da literatura, visando identificar os aspectos constitutivos e operacionais dos construtos adotados neste trabalho; (2) elaboração de itens, nos quais os elementos foram construídos para representar os fenômenos estudados; e (3) avaliação das evidências de validade, englobando diferentes tipos de validade — neste caso, a de conteúdo (Borsa & Seize, 2018).

Participantes

Estudo composto por dois grupos, o primeiro, destinado a avaliação do conteúdo de cada item das escalas, formado por 5 juízes especialistas, profissionais da Psicologia (quatro do sexo feminino e um do sexo masculino), com mestrado e/ou doutorado na área dos instrumentos propostos, com idades variando de 26 a 39 anos ($M_{idade} = 32,9$; $DP = 5,24$). O segundo grupo foi formado por 32 participantes da população geral que responderam aos itens

propostos nos instrumentos, sendo 75% do sexo feminino, com idades de 18 a 70 anos ($M_{idade} = 29,6$; $DP = 10,81$) e escolaridade entre Ensino Fundamental Incompleto e Pós-Graduação Completa, predominando o Ensino Médio.

Instrumentos de coleta de dados

Medida de avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real

- **Caso Henry (MJMCH).** Esse instrumento foi constituído, apenas por um item, referente ao dilema frente ao caso Henry Borel, construído pela autora deste artigo:

“Na Barra da Tijuca - RJ, em 8 de março de 2021, chega ao hospital o menino de 4 anos de idade, chamado Henry Borel, acompanhado por sua mãe e seu padrasto, para ser atendido. O que não se esperava era que, segundo os médicos que o atenderam, Henry já chegara morto ao hospital. O laudo realizado demonstrou que o menino sofreu lesões no crânio, ferimentos internos e hematomas nos membros superiores, o que segundo os peritos indicava uma morte violenta. Posteriormente, com as investigações realizadas, tornou-se evidente que Henry foi assassinado com emprego de tortura e sem chance de defesa pelo seu padrasto e tendo a sua mãe sido cúmplice do crime. Diante disso, os dois respondem por homicídio qualificado, tortura e ameaças no curso do processo. Quando o caso se tornou público, gerou comoção nacional e muita revolta contra o padrasto e a mãe de Henry. O caso foi julgado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) que acusou os dois pela morte de Henry. A decisão foi de prisão preventiva tanto do padrasto, quanto da mãe. Em agosto de 2022, a decisão do STJ foi de negar a soltura do padrasto e revogar a prisão preventiva da mãe de Henry. Dessa forma, ela saiu da prisão e voltou para casa. A mãe de Henry relata que tem recebido ameaças de ser apedrejada pela população, além de que todos os dias recebe gritos insinuando que ela será morta. Tomando como base o caso apresentado, responda as questões abaixo. É importante lembrar que não há respostas certas ou erradas, então responda de

acordo com o que você esteja sentindo verdadeiramente”.

A formulação do item e do dilema apresentado teve como base instrumentos anteriores que avaliaram o julgamento moral apoiado em dilemas hipotéticos (Bzuneck 1979; Camino & Luna, 1989; Rest, 1975) e em dilemas da vida real (Galvão & Camino, 2011). Desse modo, o item foi construído para ser respondido em uma escala nominal, com possibilidades de respostas: “sim”, “não” e “não sei”, seguido do: “por que?”, para obter a justificativa da resposta e servir de base para avaliar o nível de raciocínio moral do participante frente a uma situação de agressão, podendo ser enquadrado entre os níveis de julgamento moral: pré-convencional, convencional e pós-convencional. O item avaliado foi: “Você concorda com a atitude da população de querer apedrejar a mãe de Henry?”.

Salienta-se que o “Caso Henry” foi utilizado para embasar os itens dos instrumentos descritos a seguir.

Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry (ESECH). Para compor essa escala foram construídos quatro itens, tendo como base os sentimentos empáticos apresentados pela teoria da empatia de M. Hoffman (2003). Sendo assim, os itens da Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry buscaram avaliar a intensidade dos sentimentos: culpa empática, raiva empática, angústia empática, injustiça empática e tristeza empática, pela vítima da agressão, sendo formulados para serem respondidos em uma escala *likert* de 5 pontos que varia de 1 (Pouquíssimo) a 5 (Muitíssimo). De modo que quanto mais próximo de 5, maior a intensidade de determinado sentimento empático no participante. Os itens avaliados foram: “O quanto você sente angústia ao se colocar no lugar de Henry?”; “O quanto você sente raiva ao se colocar no lugar de Henry?”; “O quanto você sente injustiça ao se colocar no lugar de Henry?”; “O quanto você sente tristeza ao se colocar no lugar de Henry?”.

Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH). Para a

formulação dessa escala foram construídos quatro itens com base nos postulados teóricos mais recentes da teoria de Hoffman (2011) e em revisão sistemática realizada (Dutra, 2024), os quais destacam a relevância de investigar a empatia por meio dos seus aspectos afetivos e cognitivos. Os itens formulados foram construídos para serem respondidos em uma escala *likert* de 5 pontos que varia de 1 (Pouquíssimo) a 5 (Muitíssimo). Quanto mais próximo de 5, maior o nível de empatia afetiva ou cognitiva. O objetivo da escala é avaliar a empatia afetiva e cognitiva da população tanto pela vítima da agressão, como também pelo agressor. Os itens avaliados foram: “Você consegue se colocar no lugar de Henry e imaginar o que ele sentiu, diante da situação vivenciada por ele?”; “Você consegue sentir o que Henry pode ter sentido, diante da situação vivenciada por ele?”; “Você consegue se colocar no lugar da mãe de Henry e imaginar o que ela sentiu, diante da situação vivenciada por ela?”; “Você consegue sentir o que a mãe de Henry pode ter sentido, diante da situação vivenciada por ela?”.

Medida de agressão frente ao Caso Henry (MACH). Essa medida foi composta por dois itens, construídos para avaliar a resposta a agressão e o nível de agressão dos participantes, com base na situação específica de agressão do caso Henry. A construção dessa escala foi feita com base na teoria da agressão de Staub (1975). Desse modo, o primeiro item indagava: “Se você tivesse a oportunidade, responderia com agressividade a mãe de Henry?”, para ser respondido em uma escala nominal, do tipo: Sim”, “Não” e “Não sei”, com o sim indicando agressividade no sujeito; o segundo indagava: “Se a resposta foi sim, o quão agressivo(a) você seria?”. A resposta a esse item foi feita com base em uma escala *likert* de 5 pontos que varia de 1 (Pouquíssimo) a 5 (Muitíssimo), de forma que quanto mais próximo de 5, maior o nível de agressão. Cabe destacar que a formulação do item voltado exclusivamente à mãe de Henry decorreu de um estudo piloto prévio. Inicialmente, os itens abordavam tanto o padrasto quanto a mãe como possíveis alvos da agressividade dos participantes. No entanto, os resultados indicaram que, quando a pergunta era direcionada ao padrasto, as respostas eram

homogêneas, revelando elevados níveis de agressividade independentemente de outras variáveis. Já em relação à mãe, observou-se maior variabilidade nas respostas, sugerindo a presença de julgamentos morais mais ambivalentes. Assim, optou-se por focalizar a figura materna na medida final, visando capturar com maior sensibilidade as nuances das reações dos participantes.

Protocolo de Avaliação para os Especialistas. Esse protocolo buscou avaliar os itens das escalas propostas a partir de três aspectos: a clareza da linguagem de cada item, o quanto o item era pertinente para a faceta e o quanto era relevante para a medida. Além de solicitar que fosse indicado, caso houvesse, a necessidade de modificação do item. A avaliação foi feita a partir de uma escala do tipo *Likert* que variou de 1 (nada claro/pertinente/relevante) a 5 (totalmente claro/pertinente/relevante).

Protocolo de Avaliação para a População-alvo. Esse protocolo procurou avaliar os itens quanto à clareza da linguagem (1 = nada clara a 5 = totalmente clara), adequação da linguagem para a população-alvo – pessoas de 18 a 70 anos (1 = nada adequada a 5 = totalmente adequada), e compreensão do item (1 = não entendi nada a 5 = entendi completamente). Também era solicitado que os participantes indicassem se os itens precisavam de modificações para serem melhor compreendidos.

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente, foi realizada a revisão da literatura na área dos construtos de cada escala para os itens serem construídos. Após a construção, os itens foram enviados para um revisor especialista na língua portuguesa. Posteriormente, os itens foram encaminhados, através de um formulário online via *Google Forms*, para os juízes especialistas fazerem a avaliação. Finalizada a avaliação pelos juízes, as sugestões e considerações pertinentes foram realizadas nos itens das escalas. Em seguida, o mesmo procedimento foi efetuado com a população-alvo.

Esta foi contactada através de redes sociais (*Facebook, Instagram, WhatsApp*). Caso aceitasse participar dessa etapa da pesquisa, eram enviados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e em seguida o protocolo de avaliação dos itens via *Google Forms*. Após a avaliação pela população-alvo, as sugestões indicadas foram discutidas, e quando pertinentes, incorporadas aos itens das escalas. Este procedimento de avaliação dos itens pelos juízes especialistas e pela população-alvo durou 25 dias.

Análise de Dados

Os dados coletados foram analisados por meio do *Microsoft Excel*. A análise realizada foi a do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), seguindo as normativas de Hernández-Nieto (2002). Para calcular o CVC e interpretar os índices, foi considerado o valor de 0,80 como ponto de corte, de modo que quanto mais próximo de 1, maior a concordância da avaliação entre os juízes especialistas e a população alvo. Esse cálculo foi realizado para cada item das escalas e também foi calculado de forma global para visualizar o CVC do instrumento de acordo com cada critério analisado.

Aspectos Éticos

Os estudos aqui apresentados, assim como toda a tese, foram realizados de acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que trata da pesquisa com seres humanos (Brasil, 2016). As diretrizes éticas foram respeitadas e os procedimentos foram realizados após a homologação da aprovação da realização da pesquisa pelo referido Comitê de Ética em Pesquisas (CAAE: 58167522.0.0000.5188).

Resultados

Os resultados da análise de juízes mostraram que, de modo geral, todos os instrumentos avaliados apresentaram valores adequados de CVC ($>0,92$) nos três aspectos avaliados (clareza; pertinência e relevância). Apenas na Escala de Sentimentos Empáticos frente ao Caso Henry, um item (“O quanto você sente culpa ao se colocar no lugar de Henry?”), apresentou valor de CVC abaixo do recomendado (CVC= 0,76) no critério pertinência e no critério relevância, sendo então retirado do instrumento. Discute-se que isso tenha ocorrido pela situação inerente ao caso Henry, por se tratar de uma criança que foi espancada até a morte. Sendo assim, não faria tanto sentido sentir culpa, ao se colocar no lugar de uma criança que não teve possibilidade de se defender.

Com relação a análise realizada pela população-alvo, visualizou-se que a avaliação dos itens, construídos para as escalas, foi positiva para os 32 participantes, de forma que a análise resultou em valores adequados de CVC ($>0,97$) nos três aspectos avaliados (clareza; adequação e compreensão). Vale ressaltar que não houve sugestões de alterações na redação dos itens, indicando que participantes de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade puderam compreender bem os itens das escalas propostas.

Frente ao exposto, evidencia-se que este estudo demonstrou que os instrumentos construídos possuem evidências de validade de conteúdo, com base nos valores de CVC decorrentes da avaliação por juízes especialistas e pela população-alvo. Entretanto, sabe-se que essa etapa é apenas uma das tantas necessárias para a validação de instrumentos, necessitando ainda da validação das propriedades psicométricas, para que as medidas possam ser aplicadas de forma adequada na população brasileira. Para verificar os índices da validação psicométrica das escalas propostas, foi realizado o Estudo 2.

Estudo 2: Evidências de Validade e Confiabilidade de instrumentos para avaliar

Julgamento Moral, Empatia e Agressão frente a um Caso Real

Método

Participantes

Participaram deste estudo 300 sujeitos provenientes das cinco regiões do Brasil, com idades de 18 a 74 anos ($M_{idade} = 32,7$; $DP = 12,3$), predominantemente do sexo feminino (75%), brancos (55,7%), solteiros(as) (68,7%), a maior parte não possui filhos (67,7%), da região Nordeste (74%), com graduação completa (26,3%), católicos (51%), renda familiar de até 2 salários-mínimos (19%) e posicionamento político de esquerda (62,7%).

Crítérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos os participantes que: eram maiores de 18 anos, concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídos os participantes que: desistiram de participar do estudo e aqueles que aceitaram participar do estudo, mas não completaram as respostas ao instrumento.

Instrumentos de Coleta de Dados

Foram utilizados os instrumentos descritos no Estudo 1, além das medidas descritas a seguir, que serviram de base para a realização das análises das propriedades psicométricas das escalas.

Versão adaptada do *Defining Issues Test* (DIT) (Rest, 1975), traduzido por Bzuneck (1979) e reformulado por Camino e Luna (1989). O DIT é um instrumento que investiga o estágio de desenvolvimento do raciocínio moral dos sujeitos, a partir de dilemas morais hipotéticos. Na sua versão completa, possui seis dilemas, porém, neste estudo, foi realizada uma adaptação, utilizando apenas um, o “Dilema do Prisioneiro Foragido”. Os participantes deveriam ler o dilema e responder uma questão sobre este, a partir de uma escala nominal com as seguintes possibilidades de respostas: “sim”, “não” ou “não sei”. Nessa

adaptação, os participantes também deveriam responder o “por que” de sua resposta anterior, de modo que a justificativa serviria como o conteúdo a ser analisado para averiguar o nível de julgamento moral do participante.

Interpersonal Reactivity Index (IRI) de Davis (1983) traduzido e adaptado por Sampaio et al. (2011). Instrumento que considera a empatia como construto multidimensional e a avalia através de suas quatro dimensões: tomada de perspectiva – TP, fantasia – FS (componentes cognitivos), consideração empática - CE e angústia pessoal - AP (componentes afetivos). Esta escala é composta por 26 itens para serem respondidos em uma escala de 5 pontos de tipo *Likert* que varia de 1 (discordo totalmente) até o 5 (concordo totalmente). Pontuações mais altas podem indicar níveis mais elevados em cada uma das dimensões apresentadas. A soma dos escores das dimensões, resulta no nível global de empatia. Neste estudo, essa escala apresentou boa consistência interna de seus itens ($\omega = 0,87$; $\alpha = 0,86$).

Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R) (Paiva et al., 2020). A agressão foi mensurada a partir deste questionário, que é uma versão mais curta do Questionário de Agressão de Buss-Perry, composto por 29 itens (Buss & Perry, 1992). Este foi reduzido por Bryant e Smith (2001) chegando a compor 12 itens distribuídos em 4 fatores: Agressão Física; Agressão Verbal; Raiva e Hostilidade. Posteriormente, essa versão reduzida foi validada para o Brasil por Paiva et al. (2020), que validou a estrutura de 12 itens dispostos em uma escala *Likert* de 5 pontos, variando de 1 (não é extremamente minha característica) até o 5 (é extremamente minha característica) e constatou que a consistência interna dos itens foi estatisticamente satisfatória, além de apresentar $\omega = 0,81$ e $\alpha = 0,80$. No presente estudo, o instrumento também apresentou boa consistência interna ($\omega = 0,78$; $\alpha = 0,74$) e bons índices de ajuste: $\chi^2/g.l. = 1,56$; $p < 0,007$; CFI = 0,97; TLI = 0,96; RMSEA = 0,04 ([IC90% = 0,02 – 0,06]).

Questionário Sociodemográfico. Foi aplicado um questionário com informações sociodemográficas referentes à idade, ao gênero com o qual o participante se identifica, estado civil, cor da pele, se possui filhos, nível de escolaridade, região federativa em que reside, à religião, nível socioeconômico e posicionamento político.

Procedimento de Coleta de Dados

A plataforma *Google Forms* foi utilizada para coletar os dados. Nela foi elaborado um formulário com a inserção dos instrumentos apresentados anteriormente. Foi disponibilizado e divulgado o *link* deste formulário em diferentes redes sociais, como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. O *link* ficou disponível para a coleta durante 15 dias.

Análise de Dados

Para verificar a validade da Medida de avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - Caso Henry foi realizada a análise dos níveis de julgamento moral das justificativas dadas nas respostas de cada participante ao instrumento. Em seguida, essas respostas foram comparadas as respostas dadas pelos mesmos participantes ao Dilema do Prisioneiro Foragido (Camino & Luna, 1989), visando atestar a convergência das respostas e a validade do primeiro instrumento para avaliar níveis de raciocínio de julgamento moral.

Para analisar a estrutural fatorial da Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry, assim como da Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry, e da Medida de agressão frente ao Caso Henry, foi utilizado o *software Factor*, versão 12.04.05. Neste, foi verificado a fatorabilidade da matriz de correlação por meio do Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), o Teste de Esfericidade de Bartlett, e a Análise Fatorial Exploratória (AFE) para verificar o número de dimensões das medidas, considerando como critério a Análise Paralela (AP) (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011). O índice UniCo também foi usado como

um indicador para unidimensionalidade das escalas. Valores maiores que 0,95 sugerem que as escalas podem ser tratadas como unidimensionais (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Alguns indicadores de ajuste e confiabilidade foram considerados nas análises: razão qui-quadrado por graus de liberdade (χ^2/gl), que considera adequados valores que variam de 2 a 3; *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Coeficiente* (TLI), nos quais os valores devem ser iguais ou superiores a 0,90 (Hair et al., 2015); *Root Mean Square Error Approximation* (RMSEA), para verificar a quantidade de resíduos do modelo, em que os valores devem variar entre 0,05 e 0,08, podendo ser considerado até 0,10 como aceitável; WRMR (*Weighted Root Mean Square Residual*), que indica o ajuste de dados ordinais, nos quais os valores adequados devem ser abaixo de 1. A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice *H*, indicando quão bem um conjunto de itens representa um fator comum (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Os valores de *H* variam de 0 a 1. Valores altos de *H* (> 0,80) sugerem uma variável latente bem definida, que é mais provável que seja estável em diferentes estudos.

O Ômega de McDonald (ω) e o Alpha de Cronbach (α) também foram calculados para analisar a consistência interna dos instrumentos.

Como indicadores de confiabilidade do escore fatorial, foram utilizados os índices FDI e ORION marginal reliability. O FDI deve ficar acima de 0,90 enquanto o ORION marginal reliability deve ser maior que 0,80 (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Além disso, realizou-se estatísticas descritivas para descrição da amostra e análises de correlação bivariada para buscar evidências de validade convergente através do coeficiente *r* de Pearson. Para isso, utilizou-se o programa JASP, versão 0.14.1.0. Para interpretação da magnitude das correlações, seguiu-se os pontos sugeridos por Field (2009): nula = 0,00; fraca = |0,10 - 0,29|; moderada = |0,30 - 0,49|; forte = |0,50 - 0,99|; e perfeita = 1,00.

Resultados

Medida de avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - Caso Henry (MJMCH)

Para avaliar as respostas ao Dilema da Vida Real – Caso Henry, foram considerados os três níveis de moralidade preconizados por Kohlberg (1976): nível 1 – pré-convencional, nível 2 – convencional e nível 3 – pós-convencional. A análise de conteúdo realizada buscou avaliar a frequência do uso de cada um desses níveis diante das respostas dadas, a fim de averiguar o tipo de pensamento moral incidente nos adultos brasileiros. As respostas poderiam ser: “sim”, “não sei” e “não”, em seguida o participante dava a sua justificativa, deixando evidente o raciocínio moral utilizado.

Os resultados das análises revelaram que o maior índice de respostas a pergunta: “Você concorda com a atitude da população de querer apedrejar a mãe de Henry?” foi a resposta “não” (N=225), seguido da resposta “sim” (N=40) e, por fim, “não sei” (N=35).

No que se refere aos 225 participantes que responderam de forma negativa, observou-se que os raciocínios morais de suas respostas estavam, majoritariamente, no nível de julgamento moral convencional – nível 2 (N= 170), bem como no nível pós – convencional – nível 3 (N = 39), além de 16 respostas nulas. Algumas das justificativas categorizadas no nível convencional foram: “O julgamento de um crime cabe ao Estado. O Julgamento "com as próprias mãos" seria a ausência de respeito ao poder estatal.”; “Precisamos fazer cumprir a legislação vigente e aguardar que um devido processo legal faça justiça, e, não nós, coletivo ou individualmente.”; “Não fazemos mais justiça com as próprias mãos. Há leis a cumprir. Temos um código penal. Quero acreditar que somos civilizados.”. Exemplos de justificativas categorizadas no nível pós-convencional são: “Sou uma pessoa humana, luto pela vida.”; “Porque reforça a ideia do uso da violência como combate à violência.”; “Pois essa atitude fere os direitos humanos básicos que todos devem ter.”.

Já no que concerne aos 40 participantes que responderam de forma positiva ao dilema,

concordando com a atitude da população de apedrejar a mãe de Henry, suas respostas foram, com maior frequência, do nível de julgamento moral pré-convencional – nível 1 (N= 30), seguidas daquelas do nível convencional – nível 2 (N = 8), e de 2 respostas nulas. Alguns exemplos das justificativas pré-convencionais são: “E ainda perguntam? Uma crueldade com uma criatura indefesa, no mínimo é bala na testa!”; “Pra ela sentir na pele o que Henry sentiu.”; “Diante de agora ser mãe eu iria querer fazer justiça com as próprias mãos.”. Como exemplos das justificativas convencionais tem-se: “Ambos ela e o companheiro tem que serem julgados e pagar por tudo, sobre a população apedrejar a população está apenas omitindo retribuindo o ódio causado pelo crime que eles mesmo cometeram.”; “Porque é revoltante uma mãe não proteger um filho de 4 anos mesmo sabendo que é errado o sentimento, o certo é condená-la.”.

Com respeito aos 35 participantes que deram respostas “não sei”, estas foram categorizadas em: nível convencional (N=11), nível pré-convencional (N=8), respostas nulas (N=14) e nível pós-convencional (N=2). Exemplos dessas respostas ao nível convencional foram: “Mesmo diante de tamanha raiva, devemos deixar a justiça tomar de conta.”, “É entendível o motivo da revolta (violência física), mas eu prefiro que a Justiça Brasileira cuide disto.”; “É algo que acho de julgamento, apesar de ser algo terrível”. Quanto ao nível pré-convencional temos: “A mãe está colhendo o que plantou.”; “Uma mãe que é capaz de fazer isso tem que “aprender” na rua... se a justiça dos tribunais é falha para família rica, a população julga (bate) esse tipo de gente.”; “Porque não sei o que eu faria no lugar no pai, e também tive vontade de apedrejar”. Já as respostas nulas foram respostas nas quais o seu conteúdo não foi passível de ser categorizado, exemplo: “Não saberia qual seria minha reação sobre.”; “Não sei.”; “Não tenho conhecimento do caso”. Por fim, no nível pós-convencional temos: “O apedrejamento pode ser uma atitude em reação a uma ação imoral previamente executada pela mãe. Porém, não se paga violência com violência.”; “Entendo a revolta da

população, talvez estejam apenas querendo fazer que ela pague por algo, já que pela justiça nada foi feito. Mas seria uma outra tragédia e as pessoas envolvidas também teriam que arcar com as consequências.”; “Embora o que fizeram foi uma atitude EXTREMAMENTE terrível, não acredito que a violência seja uma ferramenta para punir violentos.”.

Para verificar a validade do instrumento apresentado acima (MJMCH), também foi aplicado aos participantes o “Dilema do Prisioneiro Foragido”, no intuito de observar a convergência entre as respostas válidas (N=268) dadas aos dois dilemas, podendo, assim, observar se o instrumento apresentava evidência de validade.

Os resultados desta análise evidenciaram que, com relação as respostas “não” dadas ao dilema do caso Henry, dentre os 170 participantes com respostas com nível de julgamento moral convencional, 145 respostas do dilema do Prisioneiro Foragido também foram convencionais, ou seja, houve 85,29% de convergência entre os dilemas; com relação aos respondentes das 39 respostas do nível pós-convencional, 29 apresentaram respostas pós-convencionais ao dilema do Prisioneiro Foragido, ou seja, 74,35% de concordância entre ambos.

Com relação as respostas “sim” ao dilema do caso Henry, dentre os 30 participantes com respostas do nível pré-convencional, 9 deram respostas pré-convencionais ao dilema do Prisioneiro Foragido, gerando 30% de concordância entre os dilemas; já entre os 8 respondentes do nível convencional, 7 apresentaram respostas convencionais ao dilema do Prisioneiro Foragido, fornecendo 87,5% de concordância entre os dois.

Quanto as respostas “não sei” ao dilema do caso Henry, dos 11 respondentes categorizados no nível convencional, 9 deram respostas convencionais no dilema do Prisioneiro Foragido, ou seja, 81,81% de convergência entre os dilemas; 8 participantes deram respostas pré-convencionais e apenas 1 também deu resposta nesse nível ao dilema do Prisioneiro Foragido, gerando 12,5% de concordância e, 2 respondentes pontuaram como pós-

convencionais, tendo somente 1 sido categorizado como pós-convencional no segundo dilema, totalizando 50% de convergência entre ambos.

De modo geral, considerando os 300 participantes dessa amostra, 201 deram respostas que convergiram entre os dois dilemas aplicados, 67 divergiram (22,33%) e 32 deram respostas nulas (10,66%). Logo, entre as 268 respostas válidas para a análise de níveis de julgamento moral, observou-se que 201 respostas apresentavam concordância entre os dois dilemas investigados, totalizando 75% de convergência entre ambos, o que denota evidência de validade da escala construída para avaliar os níveis de raciocínio de julgamento moral de adultos a partir de um dilema da vida real, o caso Henry.

Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry (ESECH)

No que tange aos resultados da estrutura fatorial da Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry, o Teste de Esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (6) = 464$; $p < 0,001$) e o Kaiser - Meyer-Olkin ($KMO = 0,76$ [IC 95% = 0,66-0,80]) mostraram a fatorabilidade da matriz de correlação. Dando andamento as análises, a AFE por meio do critério da Análise Paralela (AP) indicou a unidimensionalidade da escala. O resultado do índice UniCo (0,951 [IC 95% 0,870 - 0,984]) também indicou unidimensionalidade. Esse fator único indicou 74,06% da variância explicada. A escala também apresentou consistência interna adequada ($\omega = 0,87$), bons índices de ajuste: $\chi^2 = 5,44$; g.l. = 2; $p = 0,065$; CFI = 0,99; TLI = 0,98; RMSEA = 0,076 [IC 95% = 0,00 - 0,16] e cargas fatoriais acima de 0,30, o que torna os itens adequados para fins de pesquisa.

Tabela 1.

Estrutura fatorial da Escala de Sentimentos Empáticos

Itens	Carga Fatorial
-------	----------------

Angústia Empática	0,821
Raiva Empática	0,542
Injustiça Empática	0,745
Tristeza Empática	0,837
<i>H</i> -latente	0,858
<i>H</i> -Observado	0,620

A medida de replicabilidade da estrutura fatorial (H-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) sugeriu que o fator poderá ser replicável em estudos futuros ($H > 0,80$). Os indicadores de confiabilidade do escore fatorial FDI e ORION foram satisfatórios para a Escala Sentimentos Empáticos, 0,926 e 0,858 respectivamente.

Tabela 2.

Estimativas de eficácia e qualidade do escore fatorial para a Escala de Sentimentos Empáticos.

	F1 (Sentimentos Empáticos)
Factor Determinacy Index (FDI)	0,926
ORION marginal reliability	0,858

No que tange a validade convergente dessa escala com a *Interpersonal Reactivity Index* (IRI) observou-se que 3 itens de sentimentos empáticos se correlacionaram de forma

positiva e significativa com todos os fatores da IRI versão Sampaio *et al.* (2011) ($p < 0,05$), exceto o sentimento de injustiça empática com a dimensão fantasia, que apresentou uma correlação marginalmente significativa, como pode ser observado nos valores a seguir: Raiva empática e TP ($r = 0,12$; $p = 0,035$), FS ($r = 0,11$; $p = 0,048$), CE ($r = 0,15$; $p = 0,011$), AP ($r = 0,20$; $p < 0,001$); Angústia empática e TP ($r = 0,22$; $p < 0,001$), FS ($r = 0,21$; $p < 0,001$), CE ($r = 0,41$; $p < 0,001$), AP ($r = 0,16$; $p = 0,005$); Injustiça empática e TP ($r = 0,16$; $p = 0,006$), FS ($r = 0,11$; $p = 0,063$), CE ($r = 0,25$; $p > 0,001$), AP ($r = 0,14$; $p = 0,015$); Tristeza empática e TP ($r = 0,20$; $p < 0,001$), FS ($r = 0,18$; $p = 0,002$), CE ($r = 0,35$; $p < 0,001$), AP ($r = 0,12$; $p = 0,034$). Com base nos valores apresentados, verifica-se que a magnitude das correlações entre as duas medidas foi de fraca a moderada.

Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH)

Quanto aos resultados da estrutural fatorial da Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry, vale ressaltar que foi considerada a empatia pela vítima (Henry) como uma dimensão e pelo agressor (mãe de Henry) como outra dimensão. Analisando a dimensão da empatia afetiva e cognitiva pela vítima, o Teste de Esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (6) = 802,4$; $p < 0,001$) e o Kaiser -Meyer – Olkim (KMO = 0,48 ([IC95% 0,38 – 0,52])) demonstraram a fatorabilidade da matriz de correlação. A AFE por meio do critério da Análise Paralela (AP) indicou a presença de 2 fatores, a variância explicada do fator Empatia Vítima foi 52,51%, e do fator Empatia Agressor foi 42,89%.

Tabela 3.

Estrutura fatorial da Escala de Empatia Afetiva e Cognitiva

Itens	Empatia Vítima	Empatia Agressor
Empatia Cognitiva Henry	0,694	0,069

Empatia Afetiva Henry	1,170	0,000
Empatia Cognitiva Mãe	-0,098	1,317
Empatia Afetiva Mãe	0,000	0,677
<hr/>		
<i>H</i> -latente	1,588	2,857
<i>H</i> -observado	0,984	1,096
<hr/>		

A medida de replicabilidade da estrutura fatorial (H-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) obteve um resultado além do máximo, pois o H-latente foi maior que 1, indicando que houve um problema para calcular esta medida. Os indicadores de confiabilidade do escore fatorial FDI e ORION não foram satisfatórios para o fator de empatia pela vítima, 0,642 e 0,412 respectivamente, e para a empatia pela mãe (agressora), não pode ser calculado e -0,857 respectivamente.

Tabela 4.

Estimativas de eficácia e qualidade do escore fatorial para a Escala de Empatia Afetiva e Cognitiva

	F1 (Empatia Vítima)	F2 (Empatia Agressor)
Factor Determinacy Index (FDI)	0,642	-nan(ind)
ORION marginal reliability	0,412	-0,857

Em seguida, foram realizadas três análises fatoriais: a primeira considerando apenas um fator. Depois, foram feitas as duas últimas AFEs, considerando apenas os itens de empatia com a vítima e com a agressora, separadamente.

A primeira teve alguns resultados melhores, os índices de ajuste foram calculados, mas não foram adequados ($\chi^2 = 242,67$; g.l. = 2; $p < 0,001$; CFI = 0,72; TLI = 0,16; RMSEA = 0,634 (IC95% = 0,50 – 0,99)). A AP continuou indicando dois fatores, o MSA novamente recomendou a exclusão dos 4 itens, o UniCo = 0,740, ECV = 0,553 e MIREAL = 0,615 não indicaram unidimensionalidade. A consistência interna do fator geral foi $\omega = 0,69$.

As AFEs dos fatores de empatia para a vítima e agressor também não obtiveram bons resultados. Para empatia para a vítima, a Esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (1) = 333,6$; $p < 0,001$) e o Kaiser -Meyer – Olkim (KMO = 0,500), MSA recomendou a retirada dos 2 itens e AP não identificou nenhum fator. Para empatia contra a agressora a Esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (1) = 454,3$; $p < 0,001$) e o Kaiser -Meyer – Olkim (KMO = 0,500), mas MSA não recomendou a retirada dos itens e AP identificou um fator.

Desta forma, observa-se que não é recomendado utilizar esses itens em conjunto. Por isso, nas análises subsequentes eles serão considerados separados.

Quanto a validade convergente dessas medidas, na dimensão da empatia pela vítima, com a *Interpersonal Reactivity Index* (IRI) de Davis (1983) traduzido e adaptado por Sampaio *et al.* (2011), observou-se que a empatia cognitiva pela vítima se correlacionou de forma positiva e significativa com todos os fatores da IRI versão Sampaio *et al.* (2011) ($p < 0,05$): TP ($r = 0,22$; $p < 0,001$) e FS ($r = 0,15$; $p = 0,008$), CE ($r = 0,33$; $p < 0,001$) e AP ($r = 0,13$; $p = 0,029$). Já a empatia afetiva pela vítima se correlacionou de forma positiva e significativa, apenas, com os fatores CE ($r = 0,24$; $p < 0,001$) e AP ($r = 0,12$; $p = 0,039$) e marginalmente significativa para TP ($r = 0,11$, $p = 0,063$) da IRI versão Sampaio *et al.* (2011). Nota-se que a magnitude da correlação entre as duas medidas foi de fraca a moderada.

A dimensão empatia cognitiva pelo agressor (mãe de Henry) se relacionou negativamente com o fator FS ($r = -0,149$; $p = 0,010$), e não obteve resultado significativo

para AP ($r = -0,096$; $p = 0,095$). Já para Empatia afetiva pelo agressor (mãe de Henry) não apresentou nenhuma das correlações significativas com as dimensões da IRI.

Medida de agressão frente ao Caso Henry (MACH)

Com relação as análises realizadas com esta medida, por ser tratar de um único item que buscou avaliar o nível de agressão, a AFE não pôde ser executada. Desse modo, foi realizada a Análise de validade convergente com o Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R) (Paiva et al., 2020). Os resultados da análise de convergência mostraram que o item criado “nível de agressão” se correlacionou de forma positiva e significativa ($p < 0,05$) com três das quatro dimensões da escala: raiva ($r = 0,15$; $p < 0,001$), hostilidade ($r = 0,16$; $p < 0,001$) e agressão física ($r = 0,23$; $p < 0,001$), bem como com a agressão de forma global ($r = 0,18$; $p < 0,001$). Apenas com a dimensão agressão verbal não houve correlação ($r = -0,04$; $p = 0,450$). Ressalta-se, entretanto, que a magnitude da correlação entre as duas medidas foi fraca.

Discussão

Este artigo objetivou, em seu primeiro estudo, demonstrar evidências de validade de conteúdo referentes as seguintes medidas: Medida de Avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - caso Henry, Escala de Sentimentos empáticos frente ao caso Henry, Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao caso Henry e Medida de agressão frente ao caso Henry. Esses instrumentos privilegiam avaliar esses construtos frente a um caso da vida real.

No que se refere às primeiras análises realizadas, os resultados demonstraram clareza, pertinência e relevância nas avaliações feitas por juízes especialistas, assim como evidenciaram clareza, adequação e compreensão por parte da população-alvo dos instrumentos construídos. Os bons índices de CVC obtidos indicam evidências de validade de

conteúdo. Destaca-se que tais resultados podem estar relacionados à adoção criteriosa das diretrizes metodológicas recomendadas na literatura para a construção e validação de instrumentos psicológicos (Borsa & Seize, 2018), especialmente no que se refere ao uso de linguagem acessível e à atenção à clareza dos itens.

Após realizar a validação de conteúdo dos instrumentos, visou-se verificar as evidências de validade com base na estrutura interna dos instrumentos construídos. Essa etapa foi marcada pelos resultados que se seguem.

No que tange a Medida de Avaliação do Julgamento Moral, o resultado acerca do tipo de raciocínio moral utilizado com maior frequência foi congruente com os achados de pesquisas anteriores (Biaggio, 1988, 1998; Koller, 1990; Rique et al., 2013), neste caso, uma prevalência do raciocínio moral de nível convencional. É válido salientar que as justificativas dadas pelos participantes do nível convencional, do presente estudo, foram voltadas, principalmente, para a ideia de justiça interligada com a noção de respeito às leis e ao poder estatal. Também se observou uma incidência de respostas nulas, que podem ter sido decorrentes da aplicação feita no formato *online*, a qual gerou, em alguns participantes, pouca motivação para detalhar sua resposta. Entretanto, ressalta-se que a aplicação *online* pode ter favorecido a sensação de maior anonimato aos participantes, contribuindo para a elaboração de respostas que condiziam com aquilo que, de fato, pensavam, como mostra os resultados das respostas categorizadas nos demais níveis. Quanto a validade convergente do instrumento construído, com o *Definig Issues Test* (DIT), os resultados indicaram bons índices, principalmente entre as respostas categorizadas como convencionais.

Com relação a Escala de Sentimentos Empáticos, observou-se que os itens propostos obtiveram saturação adequada ($> 0,30$). Quanto a sua estrutura, os resultados indicaram que os quatro itens construídos formaram um único fator, ou seja, uma estrutura unidimensional. Acredita-se que essa unidimensionalidade ocorreu porque todos os itens estavam direcionados

a um mesmo dilema, o que permitiu uma maior convergência dos sentimentos (o sofrimento sentido e imaginado diante da situação vivida por Henry). Além disso, acredita-se que, pela forma como foram escritos os itens, eles tenham se tornado fáceis, ou seja, prováveis de serem respondidos, de modo que não impactou na variância dos dados.

Ainda com relação a validade convergente com a *Interpersonal Reactivity Index* (IRI), embora o sentimento de injustiça tenha apresentado correlação marginalmente significativa com a dimensão fantasia ($p = 0,063$), o valor foi bem próximo do esperado. Nesse caso, salienta-se que o IRI não se propõe a analisar sentimentos empáticos, mas sim, níveis de empatia afetiva e cognitiva, o que pode explicar essa baixa convergência entre os instrumentos. De qualquer forma, é importante registrar que a Escala de Sentimentos Empáticos construída apresentou consistência interna adequada, indicadores de confiabilidade satisfatórios e bons índices de ajuste.

No que diz respeito a Escala de Empatia Afetiva e Cognitiva, na dimensão dirigida à vítima, os índices de ajustes da estrutura interna não foram bons, assim como os indicadores de confiabilidade não foram satisfatórios, indicando a necessidade de mais estudos e análises. Entretanto, a validade convergente com a IRI versão validada por Sampaio (2011), indicou a presença de alguns resultados estatisticamente significativos: a empatia cognitiva se correlacionou positivamente e significativamente com todos os fatores da IRI e a empatia afetiva se correlacionou, do mesmo modo, com os dois fatores que compõem a dimensão afetiva da IRI.

Com relação a empatia voltada para a dimensão do agressor, os índices de ajuste da estrutura interna e os indicadores de confiabilidade não foram bons, ademais, na validade convergente, poucas foram as correlações significativas com as dimensões da IRI. Deste modo, nota-se que não é aconselhável usar os 4 itens dessa escala em conjunto. Sendo assim,

nas análises subsequentes, realizadas no capítulo 3 da presente tese, eles serão considerados separados.

Quanto a Medida de Agressão frente ao caso Henry, por ser constituída de, apenas, um item escalar, não se pôde realizar a AF. Na análise de convergência com o Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R) (Paiva et al., 2020), a medida de agressão analisada apresentou correlação positiva e significativa com todas as dimensões do QA-R, com exceção da dimensão agressão verbal, o que não significa que a escala construída não tenha a capacidade de mensurar a intenção de ser agressivo do participante dentro do contexto analisado.

Essa ausência de correlação com a dimensão da agressão verbal pode ser interpretada com base no próprio conteúdo do item, que descreve uma situação envolvendo uma tomada de decisão com possíveis implicações morais e emocionais mais intensas. Assim, é possível que a medida esteja mais relacionada a formas de agressividade com carga emocional elevada (como a agressão física, hostilidade ou raiva), e menos a manifestações verbais mais sutis. Além disso, o formato situacional do item pode evocar uma resposta mais comportamental ou atitudinal, diferenciando-se das autoavaliações de traços, como é o caso da dimensão agressão verbal do QA-R.

Ademais, apesar das contribuições que este estudo possa oferecer ao campo de pesquisas sobre julgamento moral, empatia e agressão, especialmente na avaliação desses construtos de forma contextual, em uma situação da vida real, é importante reconhecer que ele apresenta limitações. A principal limitação refere-se à escala utilizada para avaliar empatia afetiva e cognitiva sob a perspectiva da vítima e do agressor. Essa limitação aponta para a necessidade de novas investigações, a fim de que se possa verificar as evidências de validade dos instrumentos propostos.

De modo geral, espera-se que os resultados apresentados possam contribuir para a compreensão e a mensuração de processos que geram agressão e, posteriormente, permitam a elaboração de intervenções para redução desse tipo de comportamento, considerando o papel do julgamento moral e da empatia.

Referências

- Barreto, A. P. M. & Mour, C. S. (2023). Pesquisa Nacional da Situação de Violência contra as Crianças no Ambiente Doméstico - 1. ed. - Belo Horizonte, MG: *Fundo Para Crianças*.
- Berkowitz, L. (1993). *Aggression: its causes, consequences, and control*. Nova York: McGraw-Hill.
- Baggio, A. (1988). Desenvolvimento moral: Vinte anos de pesquisa no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 1, 60-69.
- Biaggio, A. (1998). Introdução à teoria de julgamento moral de Kohlberg. In Nunes MLT. (org.). *Moral & TV*. Porto Alegre: Evangraf.
- Borsa, J. C. & Bandeira, D. R. (2011) Uso de instrumentos psicológicos de avaliação do comportamento agressivo infantil: análise da produção científica brasileira. *Avaliação Psicológica*, v. 10, n. 2, p. 193-203.
- Borsa, J. C. & Seize, M. M. (2018). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: Dois caminhos possíveis. Em Damásio, B. F., & Borsa, J. C. (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 15-38). São Paulo: Vetor.
- Brasil, Ministério da saúde. (2016). Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gob.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 17 de jan. 2019.

- Bryant, F. B., & Smith, B. D. (2001). Refinando a arquitetura de agressão: um modelo de mensuração para o questionário agressão Buss-Perry. *Journal of Research on Personality*, 35, 138-167.
- Buss, A. H., & Durkee, A. (1957). An inventory for assessing different kinds of hostility. *Journal of Consulting Psychology*, 21, 343-34.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459.
- Bustamante, M. I. (2014). *Busca de evidências de validade: escala para avaliação de tendência à agressividade*. (Tese de Doutorado), Universidade São Francisco, Itatiba, 99 p.
- Bzuneck, J. A. (1979). *Julgamento moral de adolescentes delinquentes e não-delinquentes em relação à ausência paterna*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, Universidade de São Paulo, 174pp.
- Camino, C. & Luna, V. (1989). Reformulação e adaptação do Defining Issues Test (DIT). In: *Anais do XXII Congresso Interamericano de Psicologia* (p. 72). Buenos Aires, Argentina.
- Coplan, A. & Goldie, P. (2011). *Empathy: Philosophical and Psychological Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113–126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- Dutra, M. P., Galvão, L. K. S., Camino, C. P. S., & Bezerra, V. A S. (2023). Avaliação de estratégias para a redução de comportamentos agressivos em crianças. *Revista da SPAGESP*, 23(2), 192–206. <https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n2a13>

- Dutra, M. P. (2020). *Avaliação de estratégias para a redução de comportamentos agressivos em crianças de 9 a 12 anos*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 116 p.
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78, 762-780. doi:10.1177/001316441771930
- Ferrari, M. (2021). Caso Henry Borel: O que se sabe sobre a morte do garoto de 4 anos. *CNN Brasil*. 21 abril 2021, São Paulo. Recuperado em 12 de abril, 2024, de <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caso-henry-borel-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-garoto-de-4-anos/>
- Field, A. (2009). *Descobrendo a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed, 2ed.
- Galvão, L. K. S. (2010). *Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 299 p.
- Galvão, L. K. S. & Camino, C. P. S. (2011). Julgamento moral sobre pena de morte e redução da maioria penal. *Psicologia & Sociedade*, 23 (2): 228-236.
- Gomes, L. B.; Crepald, M. A. Vieira, M. L. & Bigras, M. (2012). A percepção de professores acerca da agressividade em pré-escolares. *Barbarói (Unisc Impresso)*, v.37, p. 88-104.
- Hair, J. F. J., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2015). *Multivariate Data Analysis* (7ª Ed.). Upper Saddle River.
- Henrique, L. (2023). Por que os casos de violência escolar têm aumentado? Disponível em: <https://www.politize.com.br/violenciaescolar/#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20de,5.000%20escolas%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>. Acesso em: 2 set. 2023.
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to Statistical Analysis*. Mérida.

- Hoffman, M. L. (1989). Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In: N. Eisenberg, J., Roykowski, & E. Staub, E. (Eds), *Social and moral values: individual and societal perspectives* (pp. 139-152). Hillsdale: N. J. Erlbaum.
- Hoffman, M. L. (2003). *Empathy and moral development: implications for caring and justice*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Hoffman, M. Empathy, Justice, and the Law. In: Coplan, A., & Goldie, P. (Eds.). (2011). *Empathy: Philosophical and psychological perspectives*. Oxford University Press.
- Kionek, A. & Romani, A. (2019). Líder na agressão de professores, Brasil convive com violência nas escolas. *Revista Veja*. 13 mar 2019, São Paulo. Recuperado em 16 de jun, 2019, de <https://veja.abril.com.br/brasil/lider-na-agressao-de-professores-brasil-convive>
- Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization: the cognitive-developmental approach. In: T. Lickona (Ed.), *Moral Development and Behavior: theory, research and social issues* (pp. 198-218). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Koller, S. H. (1990). Diferenças de julgamento moral entre adolescentes de alto e baixo nível socioeconômico. In: *Anais do I ISSBD Interamerican Symposium*. Recife, PE, Brasil: ISSBD, v. 1. p. 153-153.
- Moura, B. (2023). ‘Linha Direta’ sobre caso do menino Henry gera comoção nas redes sociais. *UOL – Ana Maria*. 19 mai, 2023, Rio de Janeiro. Recuperado em 12 de maio, 2023, de <https://anamaria.uol.com.br/noticias/programacao-da-tv/linha-direta-sobre-caso-do-menino-henry-gera-comocao-nas-redes-sociais.phtml>
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., Menezes, T. S. B., Costa, A. C.R., Costa, D. G. C., & Vasconcelos, M. H. V. (2020). Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R): análises estruturais. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 10(3), 96-113.

- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rest, J. (1975). Recent research on an objective test of moral judgement: how the important issues of a moral dilemma are defined. In D. Palma & J. Foley (Orgs.), *Moral development*. New York: Loyola University.
- Rique, J., Camino, C. P. S., Moreira, P. L., & Abreu, E. L. (2013). Julgamento moral de jovens em diferentes contextos políticos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(2), 243-257.
- Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. dos S., Formiga, N. S., & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do InterpersonalReactivity Index (IRI). *Psico*, 42(1).
- Staub, E. (1975) Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão, in: Singer, Jerome L. (org.) *O controle da agressão e da violência*. SP, EPU/ EDUSP.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16(2), 209–220.
<https://doi.org/10.1037/a0023353>

Papel Mediador do Julgamento Moral na Relação entre Empatia e Agressão

Mediating Role of Moral Judgment in the Relationship between Empathy and Aggression

Papel Mediador del Juicio Moral en la Relación entre Empatía y Agresión

Resumo: O objetivo primordial deste estudo foi verificar o papel mediador do julgamento moral na relação entre empatia e agressão, diante de um caso da vida real. Para tanto, realizou-se uma pesquisa da qual participaram 1023 brasileiros com idades variando de 18 a 75 anos ($M_{idade} = 29,96$; $DP = 11,20$), que responderam ao Instrumento de Avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida Real - Caso Henry, a Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry, a Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry, a Medida de agressão frente ao Caso Henry e a um questionário sociodemográfico. Para alcançar o objetivo estabelecido, realizaram-se análises de regressão e análises de mediação utilizando o *software Jamovi*. Os resultados das regressões mostraram que a raiva empática ($\beta = -0,052$; $p = 0,011$), a empatia cognitiva pelo agressor ($\beta = 0,062$; $p = 0,001$) e a empatia afetiva pelo agressor ($\beta = 0,050$; $p = 0,011$) foram preditoras significativas do julgamento moral. Já os resultados das análises de mediação demonstraram que o julgamento moral mediou parcialmente as relações da raiva empática com a agressão, da empatia cognitiva pelo agressor com a agressão e da empatia afetiva pelo agressor com a agressão. O modelo integrativo com as variáveis que foram mediadas significativamente pelo julgamento moral evidenciou que, quando analisados em conjunto, o julgamento moral se mantinha como mediador apenas da relação entre raiva empática e agressão. De um modo geral, esses resultados demonstraram que o papel do julgamento moral parece ser ambivalente enquanto mediador, pois quando combinado com a empatia cognitiva e afetiva pelo agressor, promove menor agressão, mas quando associado a raiva empática pode aumentar a agressão. Neste sentido, considera-se que estudos futuros são necessários para melhor investigarem essa relação.

Palavras-chave: julgamento moral, empatia, agressão, raiva empática, mediação.

Abstract: The primary objective of this study was to verify the mediating role of moral judgment in the relationship between empathy and aggression, in a real-life case. To this end, a survey was carried out in which 1023 Brazilians participated, aged between 18 and 75 years ($M_{age} = 29.96$; $SD = 11.20$), who responded to the Moral Judgment Assessment Instrument based on a Real-Life Dilemma - Henry Case, the Scale of Empathic Feelings towards the Henry Case, the Affective and Cognitive Empathy Scale towards the Henry Case, the Measure of Aggression towards the Henry Case and a sociodemographic questionnaire. To achieve the established objective, regression analyzes and mediation analyzes were carried out using the Jamovi software. The results of the regressions showed that empathic anger ($\beta = -0.052$; $p = 0.011$), cognitive empathy for the aggressor ($\beta = 0.062$; $p = 0.001$) and affective empathy for the aggressor ($\beta = 0.050$; $p = 0.011$) were significant predictors of moral judgment. The results of the mediation analyzes demonstrated that moral judgment partially mediated the relationships between empathic anger and aggression, cognitive empathy for the

aggressor with aggression and affective empathy for the aggressor with aggression. The integrative model with the variables that were significantly mediated by moral judgment showed that, when analyzed together, moral judgment remained a mediator only of the relationship between empathic anger and aggression. In general, these results demonstrated that the role of moral judgment appears to be ambivalent as a mediator, as when combined with cognitive and affective empathy for the aggressor, it promotes less aggression, but when associated with empathic anger it can increase aggression. In this sense, it is considered that future studies are necessary to better investigate this relationship.

Keywords: moral judgment, empathy, aggression, empathic anger, mediation.

Resumen; El objetivo principal de este estudio fue verificar el papel mediador del juicio moral en la relación entre empatía y agresión, en un caso de la vida real. Para ello, se realizó una encuesta en la que participaron 1.023 brasileños, con edades entre 18 y 75 años (Medad = 29,96; DE = 11,20), que respondieron al Instrumento de Evaluación del Juicio Moral basado en un Dilema de la Vida Real - Caso Henry, la Escala de Sentimientos empáticos frente al Caso Henry, la Escala de empatía afectiva y cognitiva frente al Caso Henry, la Medida de agresión frente al Caso Henry y un cuestionario sociodemográfico. Para lograr el objetivo establecido se realizaron análisis de regresión y análisis de mediación mediante el software Jamovi. Los resultados de las regresiones mostraron que la ira empática ($\beta = -0,052$; $p = 0,011$), la empatía cognitiva hacia el agresor ($\beta = 0,062$; $p = 0,001$) y la empatía afectiva hacia el agresor ($\beta = 0,050$; $p = 0,011$) fueron predictores significativos del juicio moral. Los resultados de los análisis de mediación demostraron que el juicio moral mediaba parcialmente las relaciones entre ira empática y agresión, empatía cognitiva por el agresor con agresión y empatía afectiva por el agresor con agresión. El modelo integrador con las variables que estaban significativamente mediadas por el juicio moral mostró que, cuando se analizaba en conjunto, el juicio moral seguía siendo un mediador únicamente de la relación entre la ira empática y la agresión. En general, estos resultados demostraron que el papel del juicio moral parece ser ambivalente como mediador, ya que cuando se combina con empatía cognitiva y afectiva hacia el agresor, promueve menos agresión, pero cuando se asocia con ira empática puede aumentar la agresión. En este sentido, se considera que son necesarios futuros estudios para investigar mejor esta relación.

Palabras-clave: juicio moral, empatía, agresión, ira empática, mediación.

Introdução

Corriqueiramente, a agressão, comportamento que procura infligir dor ou sofrimento em outra pessoa (Staub, 1975), tem impactado negativamente várias esferas da vida social (Barreto & Mour, 2023). Nesse contexto, indivíduos se defrontam, frequentemente, com notícias de agressões ou presenciam situações de agressividade as quais despertam, de acordo com Hoffman (2003), diferentes sentimentos empáticos, a depender da atribuição causal feita

frente ao caso, como angústia empática, raiva empática, tristeza empática e/ou injustiça empática.

Nesse tocante, os múltiplos sentimentos empáticos que podem ser despertados frente às agressões, compartilham, como base motivadora, a empatia, definida como “a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar do outro, inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada à situação do outro do que para sua própria situação” (Hoffman, 1989, p. 285). Em consonância com a perspectiva apresentada por Hoffman (2003), é vasta a literatura que apresenta a capacidade empática como uma possível redutora da agressão (Jolliffe & Farrington, 2011; Pavarino, Del Prette & Del Prette, 2005; Pires, 2019), podendo, inclusive, funcionar como uma inibidora internalizada desse comportamento (Dutra, 2020; Staub, 1975).

Entretanto, revisões da literatura acerca desses construtos têm demonstrado que a força da relação entre a empatia e a agressão é, na maior parte das vezes, fraca, além de indicarem que outras variáveis poderiam estar interferindo nessa relação (Dutra, 2024, *in prep*; Vachon & Johnson, 2014). Ademais, estudos empíricos alertam que a empatia excessiva pode gerar riscos e prejuízos significativos, como, por exemplo, motivar as pessoas a prejudicarem outras (Bloom, 2017; Buffone & Poulin, 2014; Coplan, 2011; Iekes, 2003).

Hoffman (2003) também esclarece que há circunstâncias nas quais a força motivadora da empatia pode ser afetada por vieses empáticos, como os vieses de familiaridade (favorecer amigos, parentes e pessoas semelhantes a si) e do aqui e agora (favorecer vítimas presentes em situações imediatas), bem como por situações em que os esforços para um comportamento de ajuda sejam elevados, haja rivalidades intergrupais ou práticas culturais severas. Segundo esse teórico, essas situações podem ser sanadas com o vínculo da empatia a um princípio moral com o qual ela seja congruente, tendo em vista que isso geraria estrutura e estabilidade

para a empatia. Logo, o desenvolvimento moral teria o potencial para incidir e fortalecer a resposta empática.

Salienta-se que o debate acerca da relação entre essas instâncias - empatia e moralidade – apresenta um longo percurso histórico e filosófico marcado por influências significativas e controvérsias, tendo sido iniciado com David Hume e Adam Smith em seus primeiros postulados acerca da empatia, a qual denominavam como “simpatia”, para se referir a transmissão de emoções de uma pessoa para outra (Coplan & Goldie, 2011). Essa trajetória permeou diferentes campos teóricos, como a Fenomenologia, a Psicologia Clínica, a Psicologia do Self, a Psicologia Social e a Psicologia do Desenvolvimento (Wispé, 1987). Nestas duas últimas, foi desenvolvido o campo de estudos acerca da moralidade, no qual destacam-se as teorias de Daniel Batson (1991) com o desenvolvimento da hipótese empatia-altruísmo e Martin Hoffman (1989), citado anteriormente, com a construção de uma teoria acerca do papel da empatia no desenvolvimento moral.

Batson (1991) definiu a empatia como preocupação empática, ou seja, uma emoção voltada para alguém com necessidade de compaixão. Frente a isso, o autor revelou o significado moral da empatia evidenciando seu conteúdo ético substancial. Entretanto, os inúmeros estudos empíricos realizados por ele e seus colaboradores, na tentativa de entender o que determina os motivos subjacentes ao comportamento de ajuda, associado à empatia, deixaram claro que nem todos esses comportamentos são motivados pelo benefício ao outro; em alguns casos, a motivação é egoísta, ajuda-se para aumentar o próprio bem-estar, ou, ainda, para diminuir o próprio sofrimento (Coplan & Goldie, 2011). Sendo assim, esses estudos contribuíram para entender que a empatia pode motivar os indivíduos tanto de forma altruísta, quanto de maneira egoísta.

Hoffman (1989; 2003; 2011), por sua vez, cuja definição teórica da empatia é adotada neste trabalho, apresentou que a capacidade empática se desenvolve no indivíduo desde a

tenra infância até a fase adulta, concomitantemente ao desenvolvimento cognitivo, e enfatizou o papel da empatia enquanto uma motivação, emoção e comportamento, atrelado ao componente da moralidade. Ele também defendeu a ideia de que os vieses da empatia podem impactar certas decisões frente as questões morais, como foi explicitado anteriormente. Porém, de acordo com este autor, esse impacto também dependeria do nível de empatia gerado e para quem essa empatia estaria sendo direcionada, ou seja, se seria para a vítima ou para o transgressor da situação.

Ainda na esfera da moralidade, conforme Coplan e Goldie (2011), a área da Ética do Cuidado desenvolveu a hipótese de que a empatia seria uma ferramenta essencial para capacitar o indivíduo a determinar qual o melhor a se fazer em situações do mundo real. No entanto, como foi supracitado, a empatia não teria força suficiente para lidar com algumas situações reais, como em alguns casos de agressão, precisando estar conectada aos princípios morais (Iekes, 2003; Coplan, 2011).

A aplicação prática dos princípios morais, em situações específicas, diz respeito ao julgamento moral do indivíduo. No que se refere a este construto, a teoria desenvolvida por Lawrence Kohlberg (1976) define o julgamento moral como o processo pelo qual as pessoas raciocinam sobre aquilo que se conhece, acha e/ou julga como certo e errado. Esses raciocínios de justiça estão amparados em conteúdos do pensamento que buscam alcançar o equilíbrio entre o self do indivíduo e o seu meio social. Esse modelo teórico esboça três níveis que representam a evolução do julgamento moral: nível pré-convencional, nível convencional e nível pós-convencional (Kohlberg, 1971, 1976).

De acordo com a tipologia Kohlberguiana (Kohlberg, 1971), o nível pré-convencional é caracterizado pelo egocentrismo e o ideal de justiça guiado pela obediência heterônoma, sendo as regras externas ao indivíduo e o comportamento focado, principalmente, em evitar

punições e obter recompensas, de tal maneira que não há, ainda, implicações atreladas ao respeito pelas normas morais.

No nível convencional, as opiniões morais são, inicialmente, baseadas nas expectativas do grupo social do qual o indivíduo é membro, ocorrendo, posteriormente, a internalização do sistema de regras morais e das normas que são compartilhadas socialmente, o que resulta em uma maior orientação pela lei e pela ordem, que devem ser respeitadas e seguidas pelo bem dos valores da comunidade (Coll et al., 2004; Kohlberg, 1971).

Já no nível pós-convencional, as regras e normas sociais são entendidas, entretanto, passam a ser julgadas com base em princípios próprios, assim como nos direitos humanos e em princípios éticos universais. O que faz o sujeito construir princípios pessoais que predominam sobre aqueles socialmente estabelecidos, tendo em vista que o indivíduo se reconhece enquanto um agente moral, consciente dos seus direitos, deveres e valores (Coll et al., 2004; Kohlberg, 1971).

Fundamentado nas proposições que relacionam empatia, agressão e julgamento moral, no presente estudo hipotetiza-se que a relação entre a empatia e a agressão pode ser explicada por uma variável mediadora: o julgamento moral. A variável mediadora é aquela que explica a relação entre a variável independente e a dependente, ou seja, diz como ou por que o efeito entre essas variáveis acontece (Baron & Kenny, 1986). Neste estudo, a variável independente seria a empatia e os diferentes sentimentos empáticos, e a variável dependente seria a agressão.

Argumenta-se que a empatia pode influenciar o julgamento moral de si ou do outro, diretamente ou indiretamente, por meio dos princípios morais que ela ativa (Hoffman, 2003). Essa moral empática pode se relacionar com o aumento ou a diminuição da agressão (Buffone & Poulin, 2014), a depender da situação vivenciada (Iekes, 2003; Coplan, 2011), das emoções despertadas (Prinz, 2011), ou da perspectiva adotada, se é da vítima ou do agressor (Hoffman,

2003). Dado o que foi apresentado, este estudo tem como objetivo primordial verificar o papel mediador do julgamento moral na relação entre empatia e agressão, diante de um caso da vida real. Supõe-se que o aprofundamento teórico e empírico da relação entre as variáveis investigadas (empatia, julgamento moral e agressão) possibilitará a proposição de estratégias de intervenção que poderão contribuir com a minimização dos índices de agressão que assolam a sociedade.

Método

Delineamento

Realizou-se um estudo exploratório, correlacional, de corte transversal e abordagem quantitativa.

Participantes

A partir da especificação das hipóteses a serem testadas, neste estudo, e da identificação do modelo, estimou-se o tamanho mínimo da amostra necessário baseado na análise de mediação simples no software *WebPower* (Zhang & Yuan, 2018), com as seguintes especificações: 1 variável preditora, 1 mediadora e uma de critério, tamanho de efeito baixo de 0,15, probabilidade de erro (α) = 0,05 e poder estatístico $(1 - \beta) = 0,80$ (Cohen, 1998), variância = 1 e tamanhos de efeito para o caminho a baixo (0,10) e para o caminho b moderado (0,50), o que resultou em uma amostra mínima de 808 participantes.

Com base nessa recomendação, participaram do presente estudo 1023 pessoas, com idades variando de 18 a 75 anos ($M_{idade} = 29,96$; DP = 11,20). A maior parte dos participantes declararam ser do sexo feminino, solteiras, não possuir filhos(as), identificaram-se como pessoas brancas e estudantes de graduação. Com relação a região de residência, a maior parte dos respondentes foi oriunda da região Nordeste do Brasil. No que se refere a renda mensal

familiar e a crença religiosa, os participantes, em sua maioria, informaram, respectivamente, possuir renda de até 2 salários-mínimos e não possuir religião. Quanto ao posicionamento político, a maioria assumiu posicionamento político de esquerda. As características detalhadas da amostra podem ser observadas na Tabela 1.

Tabela 1.

Características da amostra (N=1023)

Variável		(%)
Gênero de identificação	Feminino	65,5
	Masculino	33,2
	Não-Binário	1,3
Estado Civil	Solteiro(a)	72,4
	Casado(a)	23,4
	Separado(a)	1,4
	Divorciado(a)	2,4
	Viúvo(a)	0,4
Escolaridade	Ensino Fundamental	1,2
	Ensino Médio	13,9
	Estudante de Graduação	32,4
	Graduação Completa	17,3
	Estudante de Pós-Graduação	10,2
	Pós-Graduação Completa	23,9
	Outro	1,2
Cor autodeclarada	Branco	58,7
	Pardo	30,9
	Preto	9,1
	Amarelo	1,1
	Indígena	0,3
Religião	Católica	30,3
	Evangélica	11,3
	Espírita	6,6
	Umbandista	3,8
	Candomblecista	0,9
	Budista	0,9
	Outro	4,1
	Não possui religião	42,0
Região de residência	Nordeste	29,7
	Norte	13,7
	Centro-Oeste	13,2
	Sul	20,8
	Sudeste	22,6
Possui filhos(as)	Sim	22,7
	Não	77,3

Renda familiar	Até 1 salário mínimo	16,7
	Até 2 salários mínimos	20,4
	Até 3 salários mínimos	15,3
	Até 4 salários mínimos	12,7
	Até 5 salários mínimos	11,7
	Entre 5 e 9 salários mínimos	13,1
	Acima de 9 salários mínimos	10,0
Posicionamento político	Esquerda	67,7
	Centro	21,6
	Direita	10,7

**Nota.* O valor do salário-mínimo no período da coleta era de R\$ 1.212,00.

Crítérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos os participantes que: eram maiores de 18 anos, concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídos os participantes que: desistiram de participar do estudo em qualquer momento e aqueles que aceitaram participar do estudo, mas não completaram as respostas ao instrumento (Borsa, Damásio & Bandeira, 2012).

Instrumentos de coleta de dados

As medidas utilizadas privilegiaram avaliar os construtos de modo contextual, frente a uma situação da vida real.

Medida de avaliação do Julgamento Moral com base no Dilema da Vida Real - Caso Henry (MJMCH). A MJMCH foi construída por Dutra et al. (2024), para avaliar o nível de julgamento moral frente ao seguinte dilema: “Na Barra da Tijuca - RJ, em 8 de março de 2021, chega ao hospital o menino de 4 anos de idade, chamado Henry Borel, acompanhado por sua mãe e seu padrasto, para ser atendido. O que não se esperava era que, segundo os médicos que o atenderam, Henry já chegara morto ao hospital. O laudo realizado demonstrou que o menino sofreu lesões no crânio, ferimentos internos e hematomas nos membros superiores, o que segundo os peritos indicava uma morte violenta. Com as investigações

realizadas, tornou-se evidente que Henry foi assassinado com emprego de tortura e sem chance de defesa pelo seu padrasto e tendo a sua mãe sido cúmplice do crime. Diante disso, os dois respondem por homicídio qualificado, tortura e ameaças no curso do processo. Quando o caso se tornou público gerou comoção nacional e muita revolta contra o padrasto e a mãe de Henry. O caso foi julgado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) que acusou os dois pela morte de Henry. A decisão foi de prisão preventiva tanto do padrasto, quanto da mãe. Em agosto de 2022, a decisão do STJ foi de negar a soltura do padrasto e revogar a prisão preventiva da mãe de Henry. Dessa forma, ela saiu da prisão e voltou para casa. A mãe de Henry relata que tem recebido ameaças de ser apedrejada pela população, além de que todos os dias recebe gritos insinuando que ela será morta. Tomando como base o dilema apresentado, responda as questões abaixo. É importante lembrar que não há respostas certas ou erradas, então responda de acordo com o que você esteja sentido verdadeiramente”. O instrumento é composto pelo item: “Você concorda com a atitude da população de querer apedrejar a mãe de Henry?”, que deve ser respondido em uma escala nominal, com possibilidades de respostas: “sim”, “não” e “não sei”, seguido do: “por que?”. A justificativa da resposta pode ser enquadrada entre os níveis de julgamento moral: 1) pré-convencional, 2) convencional, e 3) pós-convencional, de modo que quanto mais próximo do 3, mais elevado o nível de julgamento moral.

Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry (ESECH). Instrumento desenvolvido por Dutra et al. (*in prep.*) para avaliar os sentimentos empáticos – raiva empática, angústia empática, injustiça empática e tristeza empática – despertados frente a um caso de agressão da vida real, por meio de 4 itens. Estes são respondidos em uma escala *likert* de 5 pontos que varia de 1 (Pouquíssimo) a 5 (Muitíssimo). De modo que quanto mais próximo de 5, maior a intensidade de determinado sentimento empático no participante. A

escala apresentou consistência interna adequada para a amostra deste estudo ($\alpha = 0,746$; $\omega = 0,76$).

Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH). A EEACCH foi elaborada por Dutra et al. (*in prep.*) para mensurar níveis de empatia afetiva e cognitiva, tanto pela vítima de uma situação de agressão, como pelo agressor, a partir de 4 itens, construídos para serem respondidos em uma escala *likert* de 5 pontos que varia de 1 (Pouquíssimo) a 5 (Muitíssimo). Quanto mais próximo de 5, maior o nível de empatia afetiva ou cognitiva do participante do estudo. Para o presente estudo, observou-se que a consistência interna da escala foi satisfatória (itens relacionados a Henry – vítima: $\alpha = 0,854$; $\omega = 0,855$; itens relacionados a mãe – agressor: $\alpha = 0,911$; $\omega = 0,911$).

Medida de agressão frente ao Caso Henry (MACH). Desenvolvida por Dutra et al. (*in prep.*), a MACH é constituída por 2 itens – o primeiro item: “Se você tivesse a oportunidade, responderia com agressividade a mãe de Henry?”, respondido em uma escala nominal, do tipo: Sim”, “Não” e “Não sei”, com o sim indicando agressividade no sujeito; e o segundo: “Se a resposta foi sim, o quão agressivo(a) você seria?”, avalia o nível de agressão com base em uma escala *likert* de 5 pontos que varia de 1 (Pouquíssimo) a 5 (Muitíssimo), de forma que quanto mais próximo de 5, maior o nível de agressão. Para a presente amostra, os resultados da análise de convergência com a BPAQ mostraram que o item criado se correlacionou de forma positiva e significativa ($p < 0,05$) com 2 das 4 dimensões da escala: raiva ($r = 0,091$; $p = 0,030$) e agressão física ($r = 0,19$; $p < 0,001$), bem como com a agressão de forma global ($r = 0,115$; $p < 0,001$).

Questionário Sociodemográfico. Para caracterização da amostra, utilizou-se este questionário, com perguntas referentes ao gênero de identificação do participante, idade, estado civil, nível de escolaridade, cor autodeclarada, religião, à região de residência, a possuir filhos(as), à renda familiar e ao posicionamento político.

Procedimentos de coleta de dados

O aplicativo *Google Forms* foi utilizado para elaborar um formulário *online* com a inserção dos instrumentos apresentados anteriormente, assim como para coletar os dados, através de um *link* fornecido pela plataforma. O *link* deste formulário apresentava, na primeira página, um texto informando os objetivos do estudo, o número de aprovação no comitê de ética e demais informações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que ao término da leitura, pudesse ser dado o consentimento livre e esclarecido e, apenas assim, seguir para as demais páginas do formulário, contendo os instrumentos. Salienta-se que este *link* foi disponibilizado e divulgado em diferentes redes sociais, como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*, ficando disponível para a coleta durante 45 dias.

De forma detalhada, com relação ao *WhatsApp*, o link foi compartilhado entre contatos e grupos de estudantes, amigos, caronas e trabalho. Ao ser divulgado, era solicitado que, quem pudesse, compartilhasse com possíveis participantes do estudo. No *Facebook*, o link foi publicado em perfis de diversas comunidades, visando alcançar um público generalista. No tocante ao *Instagram*, foram realizadas postagens que pudessem ser compartilhadas entre seguidores, viabilizando uma ampla divulgação, além de impulsionar as publicações através da ferramenta de anúncios pagos, a qual permitiu atingir adultos com idades variadas e de todas as regiões do Brasil.

Análise de Dados

Para analisar os dados coletados, foram feitas análises de regressão linear simples e de mediação utilizando o *software Jamovi* versão 2.3.28. Foram utilizados procedimentos de *bootstrapping* para trazer uma maior confiabilidade a análise e para apresentar um intervalo de confiança de 95%.

Destaca-se que, incluiu-se como VD o nível de agressão, como VI o escore de empatia afetiva e cognitiva tanto pela vítima, quanto pelo agressor, assim como os sentimentos empáticos, e como mediadora o nível de julgamento moral, entretanto, cada medida dessas, foi testada separadamente nos modelos e, por fim, de maneira integrada.

Aspectos Éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP), sob o número CAAE: 58167522.0.0000.5188. Suas etapas foram conduzidas de acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que trata da pesquisa com seres humanos (Brasil, 2016).

Resultados

Inicialmente, foram realizadas análises prévias de regressão linear simples para verificar quais medidas de empatia, separadamente, predizem os níveis de julgamento moral. Salienta-se que, embora a escala de sentimentos empáticos tenha apresentado estrutura unidimensional, neste estudo os quatro itens foram analisados separadamente, considerando-se que, em medidas com foco mais comportamental, itens isolados podem ter maior capacidade preditiva do que o escore total.

Conforme pode ser observado na Tabela 2, apenas a raiva empática ($b = -0,052$, $p = 0,011$), a empatia cognitiva pelo agressor (mãe) ($b = 0,062$, $p = 0,001$) e a empatia afetiva pelo agressor (mãe) ($b = 0,050$, $p = 0,011$) predisseram os níveis de julgamento moral de forma significativa.

Tabela 2.

Coefficientes do Modelo de regressão para a predição do nível Julgamento Moral

Preditores	B	EP	T	p-valor
------------	---	----	---	---------

Tabela 2.*Coefficientes do Modelo de regressão para a predição do nível Julgamento Moral*

Preditores	B	EP	T	p-valor
Angústia empática Henry	0,001	0,026	0,058	0,954
Raiva empática Henry	-0,052	0,020	-2,54	0,011
Injustiça empática Henry	-0,020	0,027	-0,752	0,452
Tristeza empática Henry	0,015	0,029	0,515	0,607
Empatia cognitiva Henry	-0,012	0,017	-0,703	0,482
Empatia afetiva Henry	-0,028	0,016	-1,80	0,073
Empatia cognitiva Mãe	0,062	0,019	3,25	0,001
Empatia afetiva Mãe	0,050	0,020	2,55	0,011

Nota. b – coeficiente de regressão não padronizado; EP – erro padrão.

Em seguida, foram realizadas três análises de mediação simples, usando as medidas de empatias como VI (raiva empática, empatia cognitiva pelo agressor, empatia afetiva pelo agressor), níveis de agressão como VD e julgamento moral como variável mediadora. Foram realizados procedimentos de *bootstrapping* para trazer uma maior confiabilidade a análise e para apresentar um intervalo de confiança de 95%.

Raiva Empática

Primeiramente, foi realizada uma mediação simples tendo a raiva empática como VI, níveis de JM como mediadora e níveis de agressão como VD. Os resultados mostraram que houve mediação parcial, pois o caminho indireto foi significativo ($b = 0,028$, $p = 0,025$), mas o caminho direto continuou sendo significativo ($b = 0,182$; $p < 0,001$). A porcentagem da mediação foi 14,5%. Assim, os resultados indicam que quanto maior a raiva empática que o participante sente, maior o nível de agressão. A raiva empática, entretanto, reduz o julgamento moral e essa redução aumenta a agressão, em uma complexa relação. Quando o caminho b é

avaliado separadamente, compreende-se que quanto maior o julgamento moral, menor a agressão. Porém, quando se avalia o processo como um todo, observa-se que o efeito indireto positivo sugere que parte do impacto da raiva empática na agressão é mediado pelo julgamento moral, de maneira que quanto menor o julgamento moral (causado pela raiva empática), maior é a agressão. Ou seja, a raiva empática, quando combinada com o julgamento moral, pode aumentar a agressão, por meio da redução dos níveis de julgamento moral. Na Tabela 3 é possível observar que as regressões entre as variáveis analisadas foram significativas o que demonstra que o pressuposto para a ocorrência de mediação parcial foi cumprido. A Figura 1 detalha os caminhos do modelo.

Tabela 3.

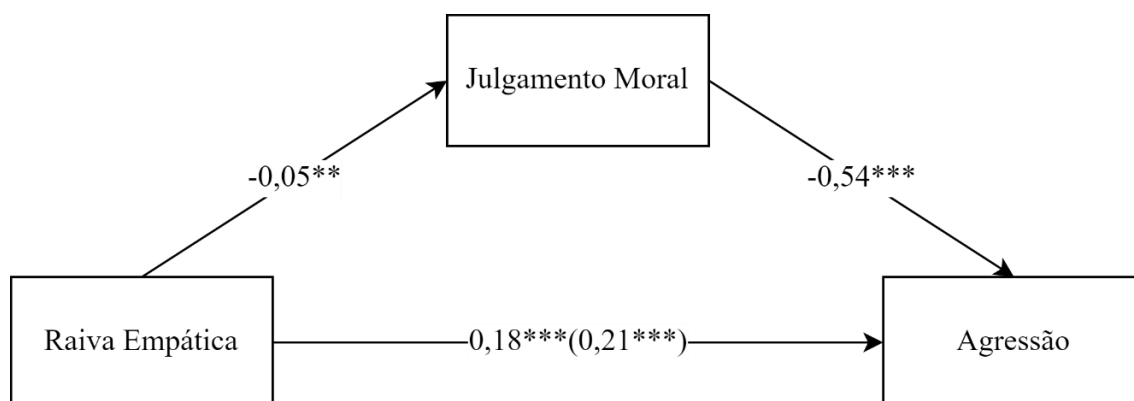
Estimativas de Mediação para Raiva Empática

Caminhos	B	EP	p-valor	IC 95% Bootstrapping	
				Inferior	Superior
a: RE → JM	-0,052	0,022	0,016	-0,096	-0,006
b: JM → Agressão	-0,541	0,084	<0,001	-0,714	-0,376
c': RE → Agressão	0,182	0,051	<0,001	0,081	0,283
a*b: RE → JM → Agressão	0,028	0,012	0,025	0,003	0,051
c: Efeito Total	0,210	0,052	<0,001	0,109	0,314

*Nota. b – coeficiente de regressão não padronizado; EP – erro padrão; a*b – caminho indireto; c' – caminho direto; RE – raiva empática; JM – nível de julgamento moral.*

Figura 1

Modelo de mediação do JM na relação entre raiva empática e agressão



Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Empatia Cognitiva (Mãe)

Quanto a mediação tendo a empatia cognitiva pelo agressor (mãe) como VI, os resultados mostraram que houve mediação parcial, pois o caminho indireto foi significativo ($b = -0,033$; $p = 0,005$), enquanto o caminho direto continuou significativo ($b = -0,190$; $p < ,001$). A porcentagem da mediação foi 18%. Os resultados revelaram que quanto maior o nível de empatia cognitiva com a mãe de Henry, menor a disposição para agir de forma agressiva contra ela. O julgamento moral também mediou essa relação, mantendo uma relação negativa com o nível de agressão, mas em menor intensidade do que quando não mediou a relação (efeito total). Observando as regressões entre as variáveis, percebe-se que todas as regressões foram significativas, cumprindo o pressuposto da mediação parcial (Tabela 4). O desenho do modelo é apresentado na Figura 2.

Tabela 4. *Estimativas de Mediação para Empatia Cognitiva (Mãe)*

Caminhos	b	EP	p-valor	IC 95% Bootstrapping	
				Inferior	Superior
a: ECM → JM	0,062	0,019	0,001	0,025	0,099
b: JM → Agressão	-0,531	0,085	<,001	-0,692	-0,364

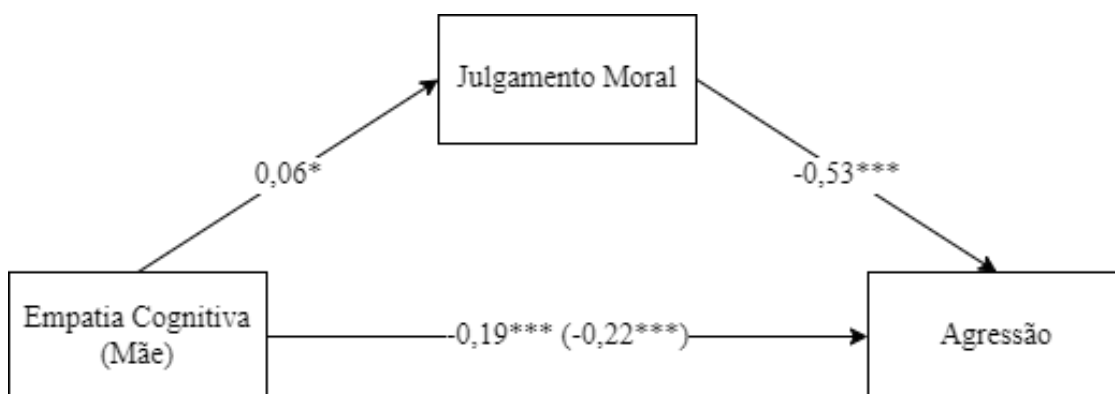
Tabela 4. Estimativas de Mediação para Empatia Cognitiva (Mãe)

c': ECM → Agressão	-0,190	0,043	<,001	-0,273	-0,106
a*b: ECM → JM → Agressão	-0,033	0,012	0,005	-0,056	-0,012
c: Efeito Total	-0,223	0,044	<,001	-0,310	-0,136

Nota. *b* – coeficiente de regressão não padronizado; *EP* – erro padrão; *a*b* – caminho indireto; *c'* – caminho direto; *ECM* – empatia cognitiva (mãe); *JM* – nível de julgamento moral.

Figura 2

Modelo de mediação do JM na relação entre empatia cognitiva (Mãe) e agressão



Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Empatia Afetiva (Mãe)

Quanto a mediação tendo a empatia afetiva pelo agressor (mãe) como VI, os resultados mostraram que houve mediação parcial, pois o caminho indireto foi significativo ($b = -0,027$; $p = 0,019$), enquanto o caminho direto continuou significativo ($b = -0,171$; $p < ,001$). A porcentagem de mediação foi 18,6%. Os resultados revelaram que quanto maior o nível de empatia afetiva com a mãe de Henry, menor será o nível de agressão contra ela. O julgamento

moral também mediou essa relação, mantendo uma relação negativa com o nível de agressão, mas em menor intensidade do que quando não mediou a relação. Observando as regressões entre as variáveis, percebe-se que todas as regressões foram significativas, cumprindo o pressuposto da mediação parcial (Tabela 5). A Figura 3 detalha o resultado graficamente.

Tabela 5.

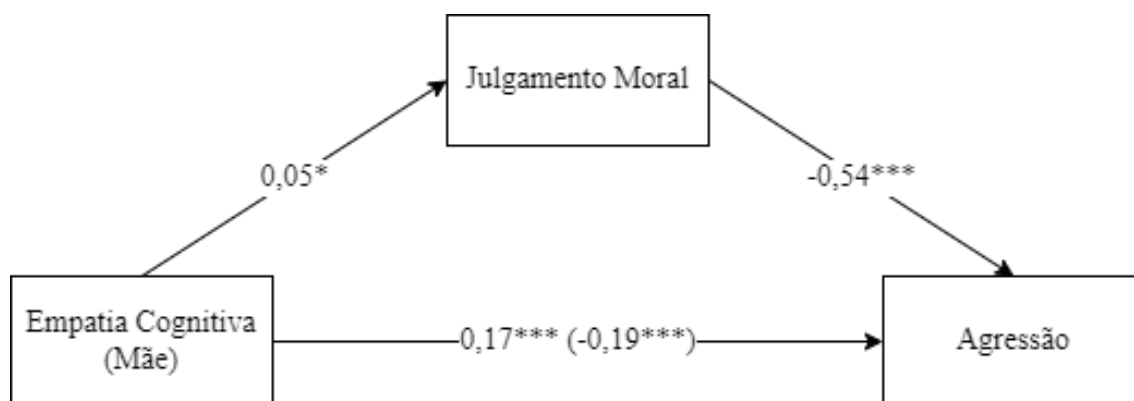
Estimativas de Mediação para Empatia Afetiva (Mãe)

Caminhos	b	EP	p-valor	IC 95% Bootstrapping	
				Inferior	Superior
a: EAM → JM	0,050	0,019	0,008	0,013	0,087
b: JM → Agressão	-0,541	0,084	<,001	-0,703	-0,374
c': EAM → Agressão	-0,171	0,048	<,001	-0,263	-0,073
a*b: EAM → JM → Agressão	-0,027	0,011	0,019	-0,051	-0,007
c: Efeito Total	-0,198	0,048	<,001	-0,291	-0,101

*Nota. b – coeficiente de regressão não padronizado; EP – erro padrão; a*b – caminho indireto; c' – caminho direto; EAM – empatia afetiva (mãe); JM – nível de julgamento moral.*

Figura 3

Modelo de mediação da JM na relação entre empatia afetiva (Mãe) e agressão



Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Modelo Integrativo

Um modelo integrativo com as variáveis que foram mediadas, significativamente, pelo julgamento moral foi construído, para estimar coeficientes em conjunto na predição da agressão. O resultado indicou que, juntas em um mesmo modelo, o nível de julgamento moral mediou, significativamente, somente a relação entre raiva empática e níveis de agressão (Efeito indireto: $b = 0,02$; $EP = 0,01$; $p = 0,050$). As demais mediações não foram significativas, como indicam as relações com linhas tracejadas (Figura 4). A Tabela 6 detalha todos os caminhos do modelo.

Tabela 6.

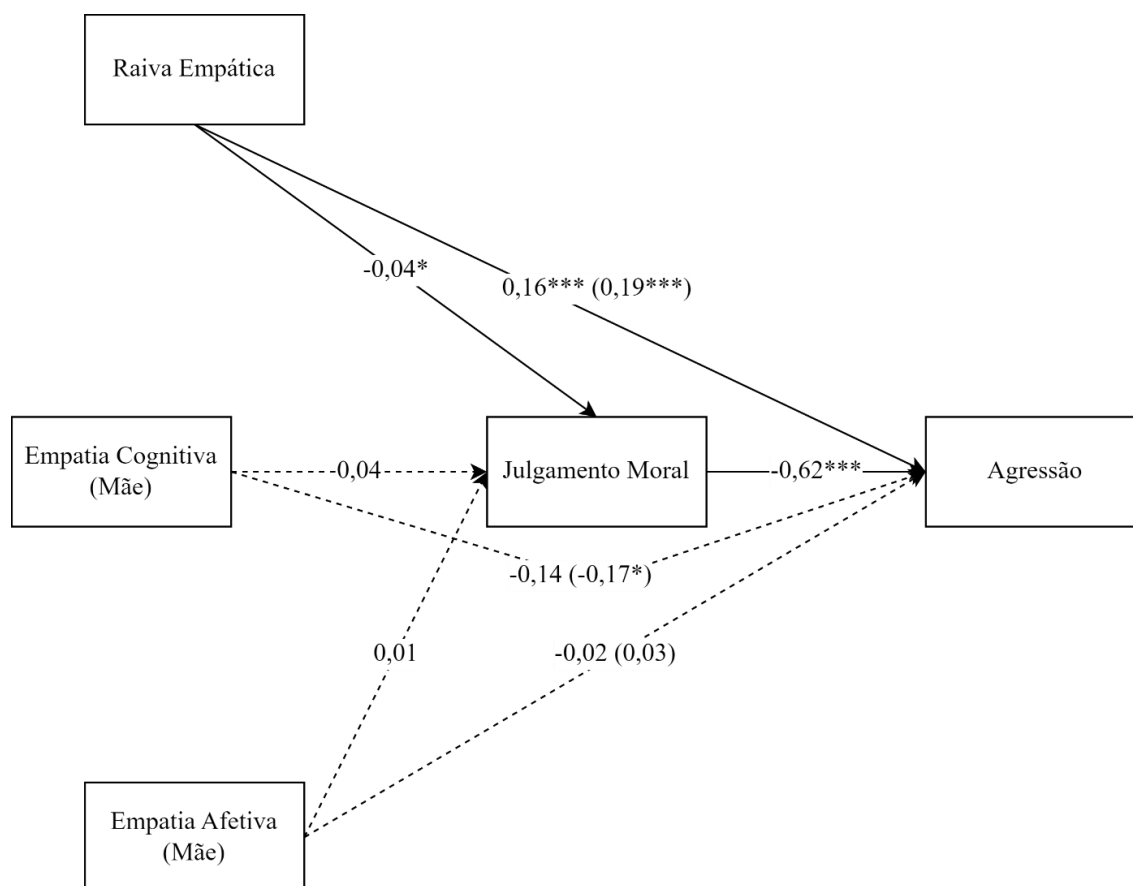
Estimativas do Modelo Integrativo

	IC 95%				
	b	EP	Inferior	Superior	p-valor
Efeito Indireto					
RE→JM→ Agressão	0,025	0,013	0,004	0,016	0,050
ECM→JM→ Agressão	-0,028	0,019	-0,069	-0,019	0,128
EAM→JM→ Agressão	-0,008	0,019	-0,048	-0,005	0,642
Caminho					

RE→JM	-0,041	0,019	-0,082	-0,072	0,035
JM→Agressão	-0,621	0,095	-0,819	-0,219	<,001
ECM→JM	0,046	0,029	-0,010	0,087	0,111
EAM→JM	0,014	0,030	-0,042	0,026	0,633
Efeito Direto					
RE→Agressão	0,168	0,051	0,065	0,103	0,001
ECM→Agressão	-0,146	0,084	-0,317	-0,096	0,085
EAM→Agressão	-0,028	0,089	-0,196	-0,018	0,752
Efeito Total					
RE→Agressão	0,191	0,050	0,093	0,11778	<,001
ECM→Agressão	-0,178	0,085	-0,345	-0,11679	0,038
EAM→Agressão	-0,036	0,087	-0,207	-0,02366	0,673

Figura 4.

Modelo integrativo para a predição dos níveis de Agressão



Discussão

Este estudo teve como objetivo principal verificar o papel mediador do julgamento moral na relação entre empatia e agressão. Para tanto, os participantes desta pesquisa responderam a instrumentos que foram construídos frente a um caso real de agressão. Diante dos resultados apresentados, julga-se que esse objetivo foi alcançado.

Inicialmente, os resultados das análises de regressão realizadas demonstraram que a raiva empática, a empatia cognitiva pelo agressor e a empatia afetiva pelo agressor predisseram, significativamente, o julgamento moral. Tais resultados coadunam os pressupostos teóricos e filosóficos que apresentam o vínculo da empatia com a moralidade (Batson, 1991; Camino, Camino & Leyens, 1996; Coplan, 2011; Hoffman, 2003; Ickes, 2003; Sampaio, Monte, Camino & Roazzi, 2008).

Sobre esses resultados, chama a atenção o fato de, entre os sentimentos empáticos investigados, apenas a raiva empática ter se apresentado como uma variável preditora do julgamento moral. Isso pode ser atribuído aos fatos narrados no Caso Henry, utilizados como base no instrumento avaliativo, por serem potentes facilitadores de raiva empática, tendo em vista que é possível sentir raiva do culpado porque simpatizou-se com a vítima, ou por se sentir atacado vicariamente, ou seja, sentir-se pessoalmente afetado pela experiência de outra pessoa. Mais especificamente, supõe-se que a interpretação da causa da morte da criança influenciou o sofrimento empático gerado, seu nível e a forma como esse sofrimento foi transformado em afeto empático (Hoffman, 2003).

As outras variáveis que predisseram o julgamento moral foram a empatia cognitiva e a empatia afetiva, mas somente quando direcionadas ao agressor. Esse resultado faz refletir sobre a capacidade de empatizar com quem pratica atos cruéis e sobre a forma como o julgamento moral pode influenciar essa capacidade (Morton, 2011). Além do mais, esse resultado gera a indagação acerca do motivo pelo qual a empatia cognitiva e a empatia afetiva direcionadas a vítima não foram preditoras do julgamento moral.

Sobre essa questão, é válido salientar que existe naturalmente uma tendência para os indivíduos empatizarem com vítimas de infortúnios, independentemente dos seus níveis de desenvolvimento moral (Hoffman, 2003, 2011). E o que o presente estudo demonstra é que, quando o participante é questionado pela perspectiva da vítima e pela do agressor, ele precisa, de alguma forma, refletir sobre ambas. Nisso, o julgamento moral pareceu relevante apenas para favorecer a empatia quando direcionada ao agressor. Para um aprofundamento maior sobre essas relações, as análises de mediação foram feitas com essas variáveis apresentadas.

Diante dos resultados das análises de mediação realizadas, verificou-se que o julgamento moral mediou parcialmente as relações entre: raiva empática e agressão, empatia cognitiva pelo agressor e agressão, e empatia afetiva pelo agressor e agressão. Essa mediação

parcial denota que outras variáveis podem estar influenciando diretamente as relações entre a raiva empática, empatia cognitiva e empatia afetiva pelo agressor e a agressão, mas que o julgamento moral também contribui para explicar parte dessas relações, o que confirma a hipótese deste estudo.

Nesse sentido, no que refere à mediação do julgamento moral na relação entre raiva empática e agressão, observou-se que o julgamento moral mediou 14,5% dessa relação. Esse modelo de mediação indica que os caminhos negativos entre raiva empática e julgamento moral, e entre julgamento moral e agressão, implicam que a raiva empática reduz o julgamento moral e, o julgamento moral reduzido, por sua vez, por ter um efeito negativo com a agressão, age aumentando a agressão. Ou seja, quanto maior a raiva empática, menor o julgamento moral, e essa redução no julgamento moral impacta no aumento da agressão. Logo, indivíduos com elevados índices de raiva empática, apresentariam baixos níveis de julgamento moral e responderiam com maior agressão.

Esse resultado reflete o que Vitaglione e Barnett (2003) defendem acerca da raiva empática. Para esses autores, além do desejo de ajudar e promover os interesses das vítimas de infortúnios, a raiva empática, sendo uma emoção intensa dirigida a corrigir injustiças percebidas, aumenta a disposição para punir os agressores. O que se articula com os pressupostos teóricos apresentados por Batson et al. (2007) ao alertarem que a raiva empática tem sido chamada de indignação moral por isso lhe conferir legitimidade, mas esse tipo de raiva, provavelmente, não deveria ser considerada uma fonte de motivação moral, já que pode motivar ações nas quais o objetivo não é restaurar a justiça, mas sim obter vingança ou proteger os interesses da outra pessoa cuidada.

Hoffman (2003) ao apresentar a raiva empática como um sentimento que suscita no observador o desejo para agir em defesa das vítimas ofendidas, prejudicadas ou machucadas, dá margem a interpretações de que, essa ação em defesa da vítima pode ser um ato de

retaliação contra o ofensor. Logo, respostas agressivas podem ser estimuladas por esse sentimento empático.

Steinvik, Duffy e Zimmer-Gembeck (2023), a partir dos resultados de uma pesquisa empírica, confirmam essa possibilidade de a raiva empática estimular a agressão. O estudo desenvolvido por esses autores para investigar o papel da angústia empática, da raiva empática e da compaixão nas respostas dadas pelos espectadores ao testemunharem uma situação de *cyberbullying*, demonstrou que, no tocante a raiva empática, os participantes com maior raiva empática apresentaram mais respostas agressivas diante do testemunho do *cyberbullying*. Dessa forma, observou-se, de acordo com esse resultado, o papel da raiva empática como um motivador moral para comportamentos punitivos e agressivos dirigidos a pessoas que ofendem outras.

Nessa relação de instigação a atos danosos em defesa de uma vítima de agressão, os princípios morais podem ser “desativados” ou “manobrados”, para transformarem atos danosos em atos virtuosos, como postula Bandura (1999) em sua teoria sobre o desengajamento moral. De acordo com esse autor, o desengajamento faz com que indivíduos virtuosos apresentem, confortavelmente, comportamentos prejudiciais aos outros, através do mecanismo de justificação moral. Neste caso, poderia se justificar a resposta agressiva direcionada a mãe de Henry, como uma resposta legítima e moralmente correta, dado que ela pode ter sido cúmplice do assassinato do seu filho.

Em contraposição ao que foi supracitado acerca da mediação do julgamento moral na relação da raiva empática com a agressão, o resultado do segundo modelo de mediação testado revelou que a empatia cognitiva sentida pelo agressor aumentou o julgamento moral e, o julgamento moral elevado, por sua vez, por ter um efeito negativo com a agressão, agiu diminuindo a agressão. Ou seja, quanto maior o nível de empatia cognitiva pela mãe de

Henry, menor o nível de agressão contra ela, e o julgamento moral agiu mantendo uma relação negativa com a agressão, mediando 18% dessa relação.

Resultados semelhantes foram encontrados quando se considerou a empatia afetiva pelo agressor, no qual o julgamento moral mediou parcialmente 18,6% da relação desse tipo de empatia com a agressão. Nesse modelo de mediação observou-se que a empatia afetiva sentida pelo agressor aumentou o julgamento moral e, o julgamento moral elevado, por sua vez, por ter um efeito negativo com a agressão, agiu diminuindo a agressão. De maneira que, quanto maior o nível de empatia afetiva sentida pela mãe de Henry, menor o nível de agressão contra ela, e o julgamento moral se manteve como atenuador da agressão.

Os resultados desses modelos de mediação envolvendo a empatia cognitiva e afetiva pelo agressor são congruentes com os pressupostos teóricos desenvolvidos por Hoffman (2003), que afirmam que a empatia, quando vinculada a princípios morais internalizados, pode fornecer uma representação que permita a compreensão dos motivos pelos quais alguém pode ter agido de determinada forma, reduzindo, portanto, respostas agressivas. Além de que, indivíduos maduros e com princípios morais internalizados em seu sistema de motivação, são mais sensíveis às perspectivas de cuidado, bem como são mais vulneráveis ao sofrimento empático, à culpa antecipatória e a emoções empáticas mais profundas que se associam aos múltiplos requerentes de um dilema, ou seja, conseguem adotar várias perspectivas, como a da vítima e a do agressor (Hoffman, 2003, 2011).

Um autor que explora o tema de empatia pelo algoz é Adam Morton (2011). De acordo com ele, diante de atrocidades reais, como um estupro, assassinato de uma criança indefesa, ou na participação ativa de um genocídio, os indivíduos deparam-se com barreiras que dificultam a possibilidade de empatizar com os perpetradores. Minimizar essas barreiras seria possível ao buscar compreender que compartilhar uma emoção semelhante à do agressor, é diferente de aprovar a sua ação. Também seria possível empatizar com o algoz ao

conseguir vincular algo daquela situação dele, à sua própria vivência. Com relação ao caso Henry utilizado neste estudo, os participantes poderiam conseguir empatizar com a mãe da criança, ao vincular algo que acreditam que foi vivenciado por ela, com suas próprias vivências, como, por exemplo, já ter convivido ou saber histórias de padrastos agressivos que também violentavam e coagiam suas mulheres (Morton, 2011).

Ainda sobre os resultados dos modelos de mediação envolvendo a empatia cognitiva e afetiva pelo agressor, também é oportuno pontuar que o gênero pode ter influenciado esses achados, tendo em vista que as investigações focaram na mãe da vítima e não no padrasto. O estudo desenvolvido por Batista (1996), por exemplo, para verificar a influência da diferença de gênero no que se refere à empatia e ao julgamento moral, a partir de uma historietta sobre um crime cometido por um personagem fictício, encontrou que, quando o agressor do crime era do sexo feminino, isso despertava mais empatia do que quando era do sexo masculino, ou seja, o gênero do agressor interferiu na resposta empática. Complementarmente, em uma perspectiva teórica, Gilligan (1982) ao discutir as diferenças no desenvolvimento entre homens e mulheres, especificamente com relação a moralidade, explicitou que enquanto os homens veem a moralidade mais atrelada a justiça, as mulheres tendem a ver a moralidade em termos de compaixão. Como neste estudo, a maior parte dos respondentes foram do sexo feminino, pode ser que esse resultado reflita essa diferença nas respostas morais.

Ao considerar os resultados provenientes dos três modelos de mediação explicitados anteriormente, percebe-se que os achados acerca do papel do julgamento moral como mediador parecem ser contrastantes e ambivalentes, uma vez que, o julgamento moral quando combinado com a raiva empática gerou um aumento na agressão, mas quando associado com a empatia cognitiva e afetiva pelo agressor, promoveu redução na agressão. Somado a isso, quando se considerou as variáveis mediadas pelo julgamento moral (raiva empática, empatia

cognitiva pelo agressor e empatia afetiva pelo agressor) em um modelo integrativo, o julgamento moral se manteve mediando apenas a relação da raiva empática com a agressão.

De acordo com o modelo integrativo testado, o resultado da mediação do julgamento moral na relação entre raiva empática e agressão indica que embora a raiva empática já tenha, inicialmente, um efeito direto positivo na agressão, ela também influencia indiretamente a agressão, ao reduzir o julgamento moral. Essa redução do julgamento moral impacta aumentando ainda mais a agressão. Acredita-se que esse resultado reflete os achados da pesquisa realizada por Rique et al. (2013), na qual observou-se que diante da crescente violência e dos casos de agressividade que assolam a sociedade brasileira, a primeira resposta dada pela população a casos de violência, é a opressão e a punição aos criminosos. A transformação da justiça em um instrumento de vingança se torna um perigo, pois reflete o nível mais baixo de julgamento moral, o pré-convencional, caracterizado por um entendimento limitado das normas morais e pela orientação do comportamento de acordo com as consequências diretas para o próprio indivíduo. Devido ao seu foco egocêntrico nas consequências imediatas das ações, com pouca consideração pelo impacto moral ou ético mais amplo, esse tipo de raciocínio moral pode gerar respostas agressivas, uma vez que a agressão passa a ser vista como uma maneira rápida de resolver um conflito (Kohlberg, 1976; Rique et al., 2013).

Destarte, fica evidente que, com base nas análises de mediação, o julgamento moral pode tanto aumentar quanto diminuir a agressão, isso vai depender de com qual variável ele vai ser relacionado. Mas, considerando o modelo integrativo, parece que se sobressai o poder do julgamento moral em instigar a agressão, quando impulsionado pelo sentimento de raiva empática. Entretanto, esse efeito indireto foi fraco, evidenciando que essa relação não é conclusiva e que há necessidade de outros estudos para melhor investigá-la.

Sendo assim, estudos adicionais podem tentar responder a essa questão por meio de uma manipulação experimental da raiva empática, com uso de cenários ou situação problema diferentes da investigada neste estudo. Tais replicações podem ajudar a responder de forma mais abrangente as relações complexas entre essas variáveis aqui descritas.

Ressalta-se que outra limitação do presente trabalho se refere aos instrumentos utilizados, os quais precisam de mais estudos que explorem outras histórias da vida real, que tenham controladas variáveis importantes como o gênero dos personagens. Ademais, o fato de o estudo ter sido transversal, acaba limitando a possibilidade de inferir causalidade e a generalização dos dados.

Também diz respeito a uma limitação, a falta de análises que investigassem a influência das variáveis sociodemográficas sobre o nível de julgamento moral, níveis de empatia e os níveis de agressão dos participantes. A forma como foi feita a seleção dos participantes também é considerada uma limitação, pois, por mais que se tenha obtido uma amostra ampla de adultos brasileiros, representativos de todas as regiões do país, a amostra ainda se apresentou, predominantemente, constituída por mulheres solteiras com grau de escolaridade elevado - estudantes de graduação e com pós-graduação completa. Esses fatores limitam a aplicabilidade dos resultados para populações com menores graus de escolaridade e de outros gêneros. Sendo assim, sugere-se que novos estudos procurem superar essas limitações, utilizando novos delineamentos e fazendo estudos longitudinais com amostras mais diversificadas e heterogêneas.

Por último, perante o que foi exposto, considera-se que a proposta deste estudo tenha sido alcançada, tendo em vista que foi possível compreender o potencial do julgamento moral de mediar a relação entre alguns tipos de empatia (raiva empática, empatia cognitiva e empatia afetiva pelo agressor) e agressão.

Apesar da complexidade e ambivalência dos achados, espera-se que esses resultados possam contribuir para o campo de estudo da agressão, da moralidade e da empatia. Além de que, almeja-se que sirva de alerta para a implementação de intervenções focadas no desenvolvimento empático que, muitas vezes, a depender da estratégia utilizada, pode estar promovendo raiva empática e, conseqüentemente, impulsionando a favorabilidade a comportamentos agressivos, ao invés de promover outras formas de empatia que diminuem a agressão (Dutra, 2020) e favorecem o avanço do julgamento moral (Galvão, 2010).

Referências

- Bandura A. (1999). Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. *Personality and social psychology review: an official journal of the Society for Personality and Social Psychology, Inc*, 3(3), 193–209. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0303_3
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). A distinção da variável moderador-mediador na pesquisa psicológica social: considerações conceituais, estratégicas e estatísticas. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, (6): 1173–1182. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.51.6.1173>
- Barreto, A. P. M. & Mour, C. S. (2023). Pesquisa Nacional da Situação de Violência contra as Crianças no Ambiente Doméstico - 1. ed. - Belo Horizonte, MG: *Fundo Para Crianças*.
- Batista, J. (1996). Diferença de sexo e influência de gênero no julgamento moral e na empatia. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Batson, C. D., Eklund, J. H., Chermok, V. L., Hoyt, J. L., & Ortiz, B. G. (2007). An additional antecedent of empathic concern: Valuing the welfare of the person in need. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(1), 65–74. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.93.1.65>

- Batson, C.D. (1991) *The Altruism Question: Toward a Social-Psychological Answer*. Hove, UK: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bloom, P. (2017). Empathy and Its Discontents. *Trends In Cognitive Sciences*. 21, 24–31. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.11.004>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (ribeirão Preto)*, 22(53), 423–432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Brasil, Ministério da saúde. (2016). Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 17 de jan. 2019.
- Bringle, R.G., Hedgepath, A., & Wall, E. (2018). “I Am So Angry I Could . . . Help!”: The Nature of Empathic Anger. *International Journal of Research on Service-Learning and Community Engagement*, 6(1), Article 3. <https://doi.org/10.37333/001c.7000>
- Buffone, A. E., & Poulin, M. J. (2014). Empathy, target distress, and neurohormone genes interact to predict aggression for others-even without provocation. *Personality & social psychology bulletin*, 40(11), 1406–1422. <https://doi.org/10.1177/0146167214549320>
- Camino, C., Camino, L., & Leyens, J. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. In Z. Trindade & C. Camino (Orgs.), *Cognição social e juízo moral* (pp. 109-135). Coletâneas da ANPEPP. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação.
- Cohen, J. (1998). *Statistical Power Analysis for the Behavioural Sciences*. Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale.
- Coll, C., Marchesi, A. & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar*. Tradução de Fátima Nurad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Coplan, A. & Goldie, P. (2011). *Empathy: Philosophical and Psychological Perspectives*. Oxford University Press.

- Coplan, A. (2011). Understanding Empathy: Its Features and Effects. In: Coplan, A., & Goldie, P. (Eds.). *Empathy: Philosophical and psychological perspectives*. Oxford University Press.
- Dutra, M. P. (2020). *Avaliação de estratégias para a redução de comportamentos agressivos em crianças de 9 a 12 anos*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 116 p.
- Dutra, M. P. Empatia e Agressão: Revisão Sistemática desses conceitos e de suas relações. *Manuscrito em Preparação*.
- Galvão, L. K. S. & Camino, C. P. S. (2011). Julgamento moral sobre pena de morte e redução da maioria penal. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 228-236.
- Gilligan, C. (1982). Uma voz diferente. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro.
- Hoffman, M. L. (1989). Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In: N. Eisenberg, J., Roykowski, & E. Staub, E. (Eds), *Social and moral values: individual and societal perspectives* (pp. 139-152). Hillsdale: N. J. Erlbaum.
- Hoffman, M. L. (2003). *Empathy and moral development: implications for caring and justice*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Hoffman, M. (2011) Empathy, Justice, and the Law. In: Coplan, A., & Goldie, P. (Eds.). *Empathy: Philosophical and psychological perspectives*. Oxford University Press.
- Ickes, W. (2003). *Everyday mind reading: Understanding what other people think and feel*. Prometheus Books/Rowman & Littlefield.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2011). Is low empathy related to *bullying* after controlling for individual and social background variables? *Journal of adolescence*, 34(1), 59–71. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.02.001>

- Kohlberg, L. (1971). From is to ought: How to commit the naturalistic fallacy and get away within the study of moral development. In T. Mischel (Org.), *Cognitive Development and Genetic Epistemology*. New York: Academic Press, 151-235.
- Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization: the cognitive-developmental approach. In: T. Lickona (Ed.), *Moral Development and Behavior: theory, research and social issues* (pp. 198-218). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Morton, A. (2011). Empathy for the Devil. In: Coplan, A., & Goldie, P. (Eds.). *Empathy: Philosophical and psychological perspectives*. Oxford University Press.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). Agressividade e empatia na infância: Um estudo correlacional com pré-escolares. *Interação em Psicologia*, 9(2), 215-225.
- Pires, M. F. D. N. (2019). *PENSAR NO OUTRO: a influência da prática indutiva no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal do Pernambuco, Recife – PE, 250p.
- Pizarro, D. (2000). Nothing more than feelings? The role of emotions in moral judgement. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 30, 355-375.
- Prinz, J. J. (2011). Is Empathy Necessary for Morality? In: Coplan, A., & Goldie, P. (Eds.). *Empathy: Philosophical and psychological perspectives*. Oxford University Press.
- Rique, J., Camino, C. P. S., Moreira, P. L., & Abreu, E. L. (2013). Julgamento moral de jovens em diferentes contextos políticos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(2), 243-257.
- Sampaio, L. R., Monte, F. C., Camino, C., & Roazzi, A. (2008). Justiça distributiva e empatia em adolescentes do nordeste brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 275-282.
- Smith, A. (1759). *The Theory of Moral Sentiments*. K. Haakonssen (ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

- Staub, Ervin. (1975) *Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão*, in: Singer, Jerome L. (org.) *O controle da agressão e da violência*. SP, EPU/ EDUSP.
- Steinvik, H.R., Duffy, A.L. & Zimmer-Gembeck, M.J. (2023). Bystanders' Responses to Witnessing Cyberbullying: the Role of Empathic Distress, Empathic Anger, and Compassion. *Int Journal of Bullying Prevention*. <https://doi.org/10.1007/s42380-023-00164-y>
- Vachon, D. D., Lynam, D. R., & Johnson, J. A. (2014). The (non)relation between empathy and aggression: Surprising results from a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 140, 751-773. <https://doi.org/10.1037/a0035236>
- Vitaglione, G. D., & Barnett, M. A. (2003). Assessing a new dimension of empathy: Empathic anger as a predictor of helping and punishing desires. *Motivation and Emotion*, 27(4), 301–324. <https://doi.org/10.1023/A:1026231622102>
- Zhang, Z., & Yuan, K.-H. (2018). *Practical statistical power analysis using Webpower and R*. ISDSA Press. <https://doi.org/10.35566/power>
- Wispé, L. (1986). History of the concept of empathy. In N. Eisenberg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and its development* (pp. 17-37). New York: Cambridge University Press.

CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO GERAL E CONSIDERAÇÕES

A presente tese buscou compreender o papel de diferentes variáveis sociopsicológicas sobre a agressão. Para tanto, foram realizadas três pesquisas. A primeira, que está descrita no primeiro capítulo da tese, teve como objetivo geral realizar uma revisão sistemática dos estudos referentes a relação entre empatia e agressão publicados nos anos de 2010 a 2020. Os resultados desta revisão demonstraram que as pesquisas desenvolvidas sobre a relação entre empatia e agressão têm sido conduzidas, predominantemente, nos Estados Unidos e em países europeus, com amostras compostas principalmente por crianças e adolescentes. Além disso, a análise sistemática dos dados revelou que as correlações entre empatia e agressão são frequentemente negativas e de fraca magnitude, independentemente do tipo de empatia investigado. Ademais, foi observado que variáveis relacionadas à moralidade, como o desengajamento moral (Ouvrein, De Backer & Vandebosch, 2018; Wang et al., 2017), poderiam influenciar essa relação.

Diante desses resultados e considerando a visão teórica de Hoffman (2003, 2011) sobre a relação entre julgamento moral e empatia, optou-se por verificar se o julgamento moral seria uma variável capaz de mediar a relação entre empatia e agressão. Para responder a essa indagação era necessário instrumentos focados na mensuração dessas variáveis. Desse modo, foi desenvolvida uma segunda pesquisa, descrita no Capítulo II. Nesta, foram elaborados e validados instrumentos para avaliar a empatia (considerando os diferentes sentimentos empáticos, bem como os conceitos de empatia afetiva e empatia cognitiva tanto pela vítima como pelo agressor), o julgamento moral e a agressão. Esses instrumentos foram construídos a partir de um caso de agressão da vida real que envolvia a morte de uma criança de 4 anos pela mãe e seu padrasto que foram acusados de o terem assassinado como consequência de várias torturas e agressões.

Sobre os instrumentos construídos e validados, merece destaque a forma como a empatia foi explorada, por facilitar a avaliação de várias nuances dessa variável em um único

instrumento. Por exemplo, ao avaliar a empatia tanto pela vítima como pelo agressor, o instrumento se propõe a contribuir com o avanço do conhecimento sobre como os indivíduos empatizam pelo agressor, já que a grande maioria das escalas tradicionais mensuram a empatia apenas pela perspectiva da vítima, como mostra a revisão sistemática descrita no Capítulo I.

Os estudos atuais da neurociência indicam que cada faceta da empatia influencia e é influenciada pela moralidade de maneira diferente. Sendo assim, as investigações científicas precisariam abandonar uma abordagem genérica da “empatia”, para poder compreender melhor a complexa relação que existe entre os componentes dessa variável e a moralidade (Décety & Cowell, 2014). Neste sentido, no segundo capítulo, ao se propor a avaliação da empatia tanto pelo seu componente cognitivo, como pelo seu componente afetivo, com a inclusão dos sentimentos empáticos, pôde-se analisar essa variável de forma multidimensional, em consonância com os pressupostos teóricos de Hoffman (2003, 2011).

Diante da finalidade do segundo estudo, julgou-se pertinente que as medidas para avaliar o julgamento moral e a agressão considerassem um contexto real. Essa forma de avaliação proporcionou resultados interessantes sobre a interação dessas variáveis com a empatia. Diferentemente do que acontece em estudos que investigam a relação entre empatia e agressão em cenários hipotéticos, nos quais é comum encontrar uma associação inversamente proporcional entre empatia e agressão (Dutra, 2024, *in prep.*), a investigação feita nesta tese, a partir de uma situação real de agressão, permitiu observar que aspectos diferentes da empatia influenciaram a moralidade de forma diferente (Décety & Cowell, 2014), o que, por sua vez, impulsionava distintos níveis de agressão.

Contudo, apesar das vantagens elencadas sobre os instrumentos construídos e validados nesta tese, limitações também podem ser apontadas. Como mostra o Capítulo II, as evidências de validade encontradas são iniciais e, em alguns casos, inconsistentes,

especialmente no que se refere aos dados da Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH), necessitando de novos estudos que as confirmem. Além disso, os resultados apresentados são oriundos de um caso específico de agressão contra crianças. Logo, subtende-se que outros tipos de agressão precisam ser considerados em futuros estudos, para poder se aprofundar diferentes questões relativas à agressão.

Finalmente, a terceira pesquisa desenvolvida, descrita no Capítulo III, objetivou investigar o papel do julgamento moral na relação entre empatia e agressão – objetivo principal da tese. Esta, contou com um tamanho amostral de 1023 adultos brasileiros, representativos das cinco regiões do país. Uma análise de regressão indicou que os melhores preditores do julgamento moral eram: o sentimento de raiva empática, a empatia cognitiva pelo agressor e a empatia afetiva pelo agressor. A partir desses resultados, considerou-se que o julgamento moral seria uma variável mediadora da relação dessas variáveis com a agressão.

Assim, para atingir o objetivo principal da presente tese, foram testados modelos de mediação em que o julgamento moral foi apontado como mediador parcial das relações entre: raiva empática e agressão, empatia cognitiva pelo agressor e agressão, empatia afetiva pelo agressor e agressão. Após encontrar esses resultados, foi feita uma análise integrativa com todos os modelos de mediação significativos, a qual permitiu observar que quando analisados em conjunto, o julgamento moral se mantinha mediando apenas a relação da raiva empática com a agressão.

Esses resultados confirmaram a hipótese central levantada neste trabalho, uma vez que o julgamento moral mediou a relação entre a empatia e a agressão, porém é válido ressaltar que o impacto do julgamento moral variou em função do tipo de variável empática. A saber, na relação da empatia cognitiva ou afetiva pelo agressor, o julgamento moral mediou a relação impactando na diminuição da agressão, o que pode indicar que a moral contribui para empatizar com o agressor e diminuir o nível de agressão dirigida a ele. No entanto, na relação

da raiva empática com a agressão, o julgamento moral mediou a relação impactando no aumento da agressão, o que pode sugerir que quando a moral é associada a elevados níveis de raiva empática, essa alta raiva empática influi na redução do julgamento moral que, por sua vez, pode contribuir para o aumento da agressão. Desse modo, o que se observa é que o efeito do julgamento moral na agressão depende da variável empática com que esteja relacionado, podendo tanto inibir quanto contribuir para respostas agressivas.

Julga-se que a evidência acerca do papel ambivalente de redução ou aumento da agressão desempenhado pelo julgamento moral associado a empatia, pode significar um avanço teórico e empírico para o campo de estudo da agressividade, uma vez que na revisão sistemática realizada não foram verificados estudos que mostrassem essas funções do julgamento moral.

Julga-se também que o fato da empatia cognitiva e afetiva pelo agressor possibilitarem a ativação de princípios morais mais elevados, e esses princípios frearem ou inibirem a agressão, corrobora as ideias de Hoffman (2011) ao frisar que a empatia é necessária diante de situações de agressões, mas por ser limitada, potencialmente inconstante e vulnerável a vieses e a preconceitos, é preciso estar incorporada a princípios morais como os de cuidado e justiça, para que a sua tendenciosidade diminua. O que também coaduna com a teoria de Staub (1975) que evidencia a relevância da internalização de normas morais que mostre os malefícios da agressão, como forma de ajudar a reduzi-la.

Todavia, frente aos resultados do modelo integrativo de mediação, de que o julgamento moral se manteve como mediador somente da relação entre raiva empática e agressão, verifica-se que esse componente da moralidade está mais atrelado a situações que envolve mobilização afetiva de raiva empática, do que ao fomento da empatia por agressores. O que mostra o poder da raiva empática como um afeto moral sentido quando o observador se

coloca no lugar da vítima e deseja vingança ou retaliação contra o agressor, conforme pontua Hoffman (2003, 2011).

Acerca desse resultado atrelado a raiva empática, o estudo desenvolvido por Lerner e Tiedens (2006) aponta a raiva como uma emoção com potencial efusivo de impactar no julgamento e na tomada de decisões e dificultar a ponderação e a análise cuidadosa para agir com objetividade e racionalidade, o que pode resultar em respostas indesejáveis socialmente, como a agressão. Nota-se que, no tocante a raiva empática, o potencial para impactar o julgamento moral parece não se diferenciar tanto do que acontece com a raiva em si. Conforme Batson et al. (2007), a raiva empática é uma resposta afetiva que, na maior parte das vezes, leva a uma escalada de injustiça, na tentativa de retaliação contra aquele que fez a vítima sofrer. Logo, subentende-se que a raiva empática teria poder para reduzir o julgamento moral, ao justificar a agressão como uma resposta “moralmente correta” à uma injustiça, e essa redução do julgamento moral seria potencial para aumentar a motivação para agressão (Buffone & Poulin, 2014; Gao et al., 2017). Dessa forma, depreende-se que o sofrimento de inocentes, causado por agressores, pode ser, muitas vezes, uma motivação razoável para ações violentas contra o transgressor. Assim, a elevada raiva empática pode inclinar a direção do cuidado para vítimas específicas e fazer com que os empatizadores busquem retaliação contra aqueles que causaram o sofrimento (Bloom, 2017).

De certo modo, esses achados são preocupantes, dado que a redução do julgamento moral e, conseqüentemente, o aumento da agressão reflete o que pode ser esperado de indivíduos que apresentem níveis mais baixos de moralidade, como a minimização das conseqüências de suas ações e a desconsideração das normas sociais ou morais mais amplas (Kohlberg, 1976).

Frente ao exposto, parece provável que a punição atribuída a certas agressões seja influenciada na medida em que as pessoas sentem empatia pelas vítimas e estão

empaticamente zangadas com os autores das agressões. Porém, é relevante ressaltar que o efeito da mediação do julgamento moral na relação entre a raiva empática e a agressão foi fraco, logo, não é conclusivo e denota a necessidade de estudos adicionais para investigá-lo mais detalhadamente.

Além de que, frente aos resultados obtidos neste estudo é importante indagar-se sobre até que ponto a raiva empática e agressão mediada pelo julgamento moral e a empatia cognitiva ou afetiva pelo agressor mediada pelo julgamento moral, são afetadas pela idade, pelo sexo, etnia e outras variáveis sociodemográficas da vítima ou do agressor do caso investigado. Dessa forma, acredita-se que a influência de variáveis sociodemográficas sobre esses resultados deve ser analisada em pesquisas futuras para possibilitar maior compreensão.

Outro ponto que suscita questionamento refere-se as características da amostra utilizada no estudo apresentado no Capítulo III, uma vez que, apesar deste estudo abranger participantes de diferentes regiões do país, a amostra ainda se manteve majoritariamente constituída por respondentes do sexo feminino, sem filhos, de elevado nível de escolaridade e politicamente identificados com partidos políticos de esquerda. Além de que o caso apresentado no estudo possui alguns aspectos que precisam ser considerados, como o fato de ter gerado comoção nacional devido a agressão a uma criança e a vasta cobertura dada pela mídia. Sendo assim, indica-se que novas pesquisas incluam populações mais variadas e que os resultados do presente estudo sejam interpretados com cautela.

Diante do exposto, espera-se que esses resultados possam servir de recomendação para estudos que almejem desenvolver intervenções para evitar o aumento de agressão, ao advertir sobre os riscos de promover elevada raiva empática. Nesse sentido, sugere-se que, ao fomentar as estratégias de intervenção, considere-se tipos de empatia capazes de reduzir comportamentos agressivos (Dutra, 2020), desenvolvidos para considerar as perspectivas da vítima e do agressor.

Também é crucial que as intervenções considerem o contexto em que será desenvolvida, para conseguir inferir quais as principais formas de agressão que precisam ser atenuadas e averiguar o nível de julgamento moral dos participantes. A análise acerca do julgamento moral poderá permitir a elaboração de estratégias pautadas no avanço do raciocínio moral dos envolvidos, através da promoção de conhecimentos sobre os princípios morais de cuidado e justiça (Galvão, 2010).

Por fim, considera-se que esta tese constitui apenas um passo inicial que pode proporcionar dados relevantes para estudos empíricos visando o aprofundamento teórico no campo da empatia, do julgamento moral e da agressão, como também pode orientar a realização de propostas de intervenção que visem a diminuição da agressão.

REFERÊNCIAS

- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51.
- Athanasiades, C.; Baldry, A.C.; Kamariotis, T.; Kostouli, M. & Psalti, A. (2016). The “net” of the Internet: Risk Factors for Cyberbullying among Secondary-School Students in Greece. *Eur J Crim Policy Res* 22, 301–317. doi: <https://doi.org/10.1007/s10610-016-9303-4>.
- Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of moral thought and action. In W. M. Kurtines, & J. L. Gewirtz (Ed.), *Handbook of moral behavior and development* (Vol. 1, pp. 45-103). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bandura, A., Ross, [D], & Ross, [A] S. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582.
- Barreto, A. P. M. & Mour, C. S. (2023). Pesquisa Nacional da Situação de Violência contra as Crianças no Ambiente Doméstico - 1. ed. - Belo Horizonte, MG: *Fundo Para Crianças*.
- Batson, C. D., Eklund, J. H., Chermok, V. L., Hoyt, J. L., & Ortiz, B. G. (2007). An additional antecedent of empathic concern: Valuing the welfare of the person in need. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(1), 65–74. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.93.1.65>
- Berkowitz, L. (1993). *Aggression: its causes, consequences, and control*. Nova York: McGraw-Hill.
- Biaggio, A. (1998). Introdução à teoria de julgamento moral de Kohlberg. In Nunes MLT. (org.). *Moral & TV*. Porto Alegre: Evangraf.
- Bloom, P. (2017). Empathy and Its Discontents. *Trends In Cognitive Sciences*. 21, 24–31. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.11.004>

- Borsa, J. C. & De Sousa, D. A. (2018). Invariância de medida e evidências de validade da Peer Aggressive Behavior Scale (PAB -S). *Psico* (Porto Alegre), 49 (2), 178-186.
- Buffone, A. E., & Poulin, M. J. (2014). Empathy, target distress, and neurohormone genes interact to predict aggression for others-even without provocation. *Personality & social psychology bulletin*, 40(11), 1406–1422. <https://doi.org/10.1177/0146167214549320>
- Bushman, B. J., & Huesmann, L. R. (2010). Aggression. In S. T. Fiske, D. T. Gilbert, & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social psychology* (p. 833–863). John Wiley & Sons Inc. doi: 10.1002/9780470561119
- Bussey, K., Quinn, C. & Dobson, J. (2015). The Moderating Role of Empathic Concern and Perspective Taking on the Relationship Between Moral Disengagement and Aggression. *Journal of Developmental Psychology*, 61(1), pp.10. <https://doi.org/10.13110/merrpalmquar1982.61.1.0010>
- Cerqueira, D. & Bueno, S. (2024). Atlas da violência 2024. *Ipea*, FBSP. Brasília. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>
- Chan, H. C. (Oliver), & Wong, D. S. W. (2019). Traditional School Bullying and Cyberbullying Perpetration: Examining the Psychosocial Characteristics of Hong Kong Male and Female Adolescents. *Youth & Society*, 51(1), 3–29. <https://doi.org/10.1177/0044118X16658053>
- ChildFund Brasil. (2022). Pesquisa Nacional da Situação de Violência contra as Crianças no Ambiente Doméstico – Relatório Parcial, *Fundo para Crianças*, Belo Horizonte (MG).
- Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1994). A review and reformulation of social information processing mechanisms in children's social adjustment. *Psychological Bulletin*, 115, 74101.
- Decety, J., & Cowell, J. M. (2014). The complex relation between morality and empathy. *Trends in Cognitive Sciences*, 18(7), 337–339. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2014.04.008>

- Dollard, J., Doob, L. W., Miller, N. E., Nowrer, O. H. & Sears, R. R. (1939). *Frustration and aggression*. New Haven, Conn., Yale University Press.
- Dutra, M. P. (2020). *Avaliação de estratégias para a redução de comportamentos agressivos em crianças de 9 a 12 anos*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 116 p.
- Faria, C. E. (2024). Brasil já registra 11 casos de agressão contra crianças por hora em 2024. *Revista Tempo*. 19 jun, 2024. Recuperado em 26 de jun, 2024, de <https://revistatempodigital.com.br/brasil-ja-registra-11-casos-de-agressao-contra-criancas-por-hora-em-2024/>
- Ferreira, L. (2021). Quem é quem no caso Henry Borel, menino de 4 anos morto no Rio. *Notícias UOL*, 8 out, 2021. Recuperado em 26 jun, 2024, de <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/10/08/quem-e-quem-caso-henry.htm>
- Galvão, L. K. S. (2010). *Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 299 p.
- Gao, X.; Weng, L.; Zhou, Y. & Yu, H. (2017). The Influence of Empathy and Morality of Violent Video Game Characters on Gamers' Aggression. *Front. Psychol.* 8:1863. doi: 10.3389/fpsyg.2017.01863
- Garaigordobil, M. & Galdeano, P. G. (2006). Empatía em niños de 10 a 12 años. *Psicothema*, 18; (2): 180-186 p.
- Garner, P. W., & Dunsmore, J. C. (2011). Temperament and maternal discourse about internal states as predictors of toddler empathy- and aggression-related behavior. *Journal of Early Childhood Research*, 9(1), 81–99. <https://doi.org/10.1177/1476718X10366778>

- Haddock, A. D., & Jimerson, S. R. (2017). An examination of differences in moral disengagement and empathy among *bullying* participant groups. *Journal of Relationships Research*, 8, Article e15. <https://doi.org/10.1017/jrr.2017.15>
- Hassan, T. (2024). O Sistema de Direitos Humanos está sob ameaça: um chamado à ação. *Relatório Mundial 2024*. Recuperado em 26 de jun, 2024, de <https://www.hrw.org/pt/world-report/2024>
- Hoffman, M. L. (2003). *Empathy and moral development: implications for caring and justice*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Hoffman, M. L. (1989). Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In N. Eisenberg, J. Roykowski, & E. Staub, E. (Eds.), *Social and moral values: individual and societal perspectives* (pp. 139-152). Hillsdale: N. J. Erlbaum.
- Hoffman, M. Empathy, Justice, and the Law. In: Coplan, A., & Goldie, P. (Eds.). (2011). *Empathy: Philosophical and psychological perspectives*. Oxford University Press.
- Jolliffe, D. & Farrington, D. P. (2011). Is low empathy related to bullying after controlling for individual and social background variables? *Journal of Adolescence*. p. 59-71.
- Kohlberg, L. (1971). From is to ought: How to commit the naturalistic fallacy and get away with in the study of moral development. In t. S. Mischel (Ed. K.). *Cognitive Development and Epistemology*. New York: Academic Press.
- Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization: the cognitive-developmental approach. In: T. Lickona (Ed.), *Moral Development and Behavior: theory, research and social issues* (pp. 198-218). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Kohlberg, L. & Candee, D. (1984). The relationship of moral judgment and moral action. In W. Kurtines & J. Gewirtz (Eds.), *Morality, Moral Behavior, and Moral Development*. New York: Wiley.

- Leemis, R. W.; Espelage, D. L.; Basile, K. C; Kollar, L. M. M. & Davis, J. P. (2018). Traditional and cyberbullying and sexual harassment: A longitudinal assessment of risk and protective factors. *Aggressive Behavior*. Volume 45, Issue 2. doi: <https://doi.org/10.1002/ab.21808>
- Lerner, J. S., & Tiedens, L. Z. (2006). Portrait of The Angry Decision Maker: How Appraisal Tendencies Shape Anger's Influence on Cognition. *Journal of Behavioral Decision Making*, 19(2), 115–137. <https://doi.org/10.1002/bdm.515>
- Moreno, J. E. & Fernandes, C. (2011). Empatia y flexibilidade yoica, su relación com la agressividade y la prosocialidad. *Limite: Revista de Filosofia y Psicologia*, 6(23), 41-55.
- Nickerson, A. B.; Mele, D. & Princiotta, D. (2008). Attachment and empathy as predictors of roles as defenders or outsiders in bullying interactions. *Journal of School Psychology*, v. 46, n. 6, p. 687-703.
- O Globo. (2024). Caso Henry: morte de menino completa três anos sem previsão de data para julgamento de Monique e Jairinho. *O Globo – Rio de Janeiro*. 8 mar, 2024. Recupera em 26 jun, 2024, de <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/03/08/caso-henry-morte-de-menino-completa-tres-anos-sem-previsao-de-data-para-julgamento-de-monique-e-jairinho.ghtml>
- Ouvrein, G., De Backer, C. & Vandebosch, H. (2018). Online celebrity aggression: A combination of low empathy and high moral disengagement? The relationship between empathy and moral disengagement and adolescents' online celebrity aggression. *Computers in Human Behavior*, 89, pp.61-69. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.07.029>
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). Agressividade e empatia na infância: Um estudo correlacional com pré-escolares. *Interação em Psicologia*, 9(2), 215-225.
- Piaget, J. (1932). *Le Jugement Moral Chez l'Enfant*. Paris: Z. Alcan.

- Pires, M. F. D. N. (2019). *PENSAR NO OUTRO: a influência da prática indutiva no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal do Pernambuco, Recife – PE, 250p.
- Renati, R., Berrone, C., & Zanetti, M. A. (2012). Morally disengaged and unempathic: do cyberbullies fit these definitions? An exploratory study. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, 15(8), 391–398. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0046>
- Sampaio, L. R.; Moura, M. A. R.; Guimarães, P. R. B; Santana, L. B. & Camino, C. P. S. (2013). Sentimentos empáticos em crianças, adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2013, v. 29, n. 4 [Acessado 24 Março 2022] pp. 393-401. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000400005>>.
- Scrimgeour, M. (2007). *Empathy and aggression: a study of the interplay between empathy and aggression in preschoolers*. (Trabalho de conclusão de curso), Faculty of Wheaton College, Norton, Massachusetts, Estados Unidos da América. 36 p.
- Staub, Ervin. (1975). Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão, in: Singer, Jerome L. (org.) *O controle da agressão e da violência*. SP, EPU/ EDUSP.
- Unicef. (2023). Unicef: nos últimos 18 meses, houve 315 mil violações graves contra crianças. *ONU News*. 5 jun 2023. Recuperado em 26 de jun, 2024, de <https://news.un.org/pt/story/2023/06/1815362>
- Wang, X., Lei, L., Yang, J., Gao, L., & Zhao, F. (2017). Moral Disengagement as Mediator and Moderator of the Relation Between Empathy and Aggression Among Chinese Male Juvenile Delinquents. *Child psychiatry and human development*, 48(2), 316–326. <https://doi.org/10.1007/s10578-016-0643-6>

Apêndice I – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE para o Artigo 2

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa tem como objetivo primordial desenvolver uma medida para avaliar sentimentos empáticos, julgamento moral e agressão frente a situações de agressão, e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Marília Pereira Dutra, aluna do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Cleonice Pereira dos Santos Camino.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Através dos resultados desta pesquisa acredita-se também que será possível ter uma medida para mensurar sentimentos empáticos em situações de agressão, bem como pensar estratégias para a prevenção da agressão a partir do construto pesquisado.

Este projeto de pesquisa está identificado no Comitê de Ética em Pesquisa/CCS/UFPB por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº (58167522.0.0000.5188) e recebeu parecer favorável do referido Comitê para a sua execução.

O convidamos para participar de nossa pesquisa. Sua participação consiste em responder a alguns instrumentos. Pedimos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, nem indicam possibilidades de danos à integridade física, intelectual e/ou moral dos participantes. Aponta-se apenas, como um possível risco, que o participante se sinta constrangido e/ou em uma situação desconfortável diante do conteúdo dos instrumentos a serem respondidos tendo em vista que é comum sentir timidez em situações que se tem que expor a opinião.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (*se for o caso*).

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Consentimento:

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Marília Pereira Dutra (Pesquisadora Responsável)

Marília Pereira Dutra

E-mail: mdutraccg@gmail.com

Psicóloga (UFCG)/Doutoranda em Psicologia Social (PPGPS-UFPB)

Telefone: (83) 99604-2470

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba
Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Apêndice II – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE para o Artigo 3

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa tem como objetivo primordial entender como a relação entre as variáveis empatia e agressão pode ser influenciada pela variável julgamento moral, e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Marília Pereira Dutra, aluna do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Cleonice Pereira dos Santos Camino.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Através dos resultados desta pesquisa acredita-se também que será possível pensar estratégias para a prevenção da agressão a partir do construto pesquisado.

Este projeto de pesquisa está identificado no Comitê de Ética em Pesquisa/CCS/UFPB por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº (58167522.0.0000.5188) e recebeu parecer favorável do referido Comitê para a sua execução.

O convidamos para participar de nossa pesquisa. Sua participação consiste em responder a alguns instrumentos. Pedimos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, nem indicam possibilidades de danos à integridade física, intelectual e/ou moral dos participantes. Aponta-se apenas, como um possível risco, que o participante se sinta constrangido e/ou em uma situação desconfortável diante do conteúdo dos instrumentos a serem respondidos tendo em vista que é comum sentir timidez em situações que se tem que expor a opinião.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (*se for o caso*).

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Consentimento:

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Marília Pereira Dutra (Pesquisadora Responsável)

Marília Pereira Dutra

E-mail: mduetracg@gmail.com

Psicóloga (UFCG)/Doutoranda em Psicologia Social (PPGPS-UFPB)

Telefone: (83) 99604-2470

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba
Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Apêndice III - Questionário Sociodemográfico dos Artigos II e III

1. Qual a sua idade? _____

2. Com que gênero você se identifica?

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Outro

3. Qual o seu estado civil?

☐ Solteiro(a)

☐ Casado(a)

☐ Separado(a)

☐ Divorciado (a)

☐ Viúvo(a)

4. Em relação a sua cor de pele, você se identifica como?

☐ Branco

☐ Pardo

☐ Preto

☐ Amarelo

☐ Indígena

5. Você tem filhos?

☐ Sim

☐ Não

6. Em que região federativa do país você mora?

☐ Nordeste

☐ Norte

☐ Centro - oeste

☐ Sul

☐ Sudeste

7. Qual seu nível de escolaridade?

☐ Ensino fundamental

☐ Ensino médio

☐ Estudante de graduação

☐ Graduação completa

- ☐ Estudante de pós-graduação
- ☐ Pós-graduação completa
- ☐ Outro

8. Qual a sua religião?

- ☐ Católica
- ☐ Evangélica
- ☐ Espírita
- ☐ Umbandista
- ☐ Candomblecista
- ☐ Budista
- ☐ Outra
- ☐ Não possuo religião

9. Qual a sua renda familiar?

- ☐ Até um salário mínimo (até 1.212 reais)
- ☐ Até dois salários mínimos (até 2.424 reais)
- ☐ Até três salários mínimos (até 3.636 reais)
- ☐ Até quatro salários mínimos (até 4.848 reais)
- ☐ Até cinco salários mínimos (até 6.060 reais)
- ☐ Entre 5 e 9 salários mínimos (até 10.908 reais)
- ☐ Acima de 9 salários mínimos (acima de 10.908 reais)

10. Em política é costume se falar de esquerda e direita. Como é que você se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Esquerda

Direita

Anexo I – Medida de Avaliação do Julgamento Moral com base em um Dilema da Vida

Real - Caso Henry (MJMCH)

Pedimos que você leia o relato a seguir, baseado em fatos reais, para responder as questões abaixo.

DILEMA DA VIDA REAL – O CASO DO MENINO HENRY (RJ)

“Na Barra da Tijuca - RJ, em 8 de março de 2021, chega ao hospital o menino de 4 anos de idade, chamado Henry Borel, acompanhado por sua mãe e seu padrasto, para ser atendido. O que não se esperava era que, segundo os médicos que o atenderam, Henry já chegara morto ao hospital. O laudo realizado demonstrou que o menino sofreu lesões no crânio, ferimentos internos e hematomas nos membros superiores, o que segundo os peritos indicava uma morte violenta. Posteriormente, com as investigações realizadas, tornou-se evidente que Henry foi assassinado com emprego de tortura e sem chance de defesa pelo seu padrasto e tendo a sua mãe sido cúmplice do crime. Diante disso, os dois respondem por homicídio qualificado, tortura e ameaças no curso do processo. Quando o caso se tornou público gerou comoção nacional e muita revolta contra o padrasto e a mãe de Henry. O caso foi julgado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) que acusou os dois pela morte de Henry. A decisão foi de prisão preventiva tanto do padrasto, quanto da mãe. Em agosto de 2022, a decisão do STJ foi de negar a soltura do padrasto e revogar a prisão preventiva da mãe de Henry. Dessa forma, ela saiu da prisão e voltou para casa. A mãe de Henry relata que tem recebido ameaças de ser apedrejada pela população, além de que todos os dias recebe gritos insinuando que ela será morta. Tomando como base o caso apresentado, responda as questões abaixo. É importante lembrar que não há respostas certas ou erradas, então responda de acordo com o que você esteja sentido verdadeiramente”.

- Você concorda com a atitude da população de querer apedrejar a mãe de Henry?

() Sim () Não () Não Sei

- Por quê?

Anexo II - Escala de Sentimentos empáticos frente ao Caso Henry (ESECH)

1 - O quanto você sente angústia ao se colocar no lugar de Henry?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

2 - O quanto você sente raiva ao se colocar no lugar de Henry?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

3 - O quanto você sente injustiça ao se colocar no lugar de Henry?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

4 - O quanto você sente tristeza ao se colocar no lugar de Henry?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

Anexo III - Escala de empatia afetiva e cognitiva frente ao Caso Henry (EEACCH)

1 - Você consegue se colocar no lugar de Henry e imaginar o que ele sentiu, diante da situação vivenciada por ele?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

2 - Você consegue sentir o que Henry pode ter sentido, diante da situação vivenciada por ele?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

3 - Você consegue se colocar no lugar da mãe de Henry e imaginar o que ela sentiu, diante da situação vivenciada por ela?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

4 - Você consegue sentir o que a mãe de Henry pode ter sentido, diante da situação vivenciada por ela?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

Anexo IV - Medida de agressão frente ao Caso Henry (MACH)

1 - Se você tivesse a oportunidade, responderia com agressividade a mãe de Henry?

() Sim () Não () Não Sei

2 - Se a resposta foi sim, o quão agressivo(a) você seria?

1	2	3	4	5
Pouquíssimo	Pouco	Nem muito, nem pouco	Muito	Muitíssimo

Anexo V – Versão adaptada do *Defining Issues Test* (DIT) – Dilema do Prisioneiro Foragido

O Prisioneiro Foragido

Um homem foi condenado à prisão por 10 anos. Depois de um ano, porém, ele fugiu da cadeia, mudou-se para uma região nova do País, e tomou o nome de Simões. Durante oito anos ele trabalhou duro, tanto que conseguiu economizar dinheiro suficiente para ter seu próprio negócio. Ele era muito gentil com seus fregueses, pagava altos salários a seus empregados e dava muito dos seus lucros pessoais para obras de caridade. Um certo dia, dona Cida, uma velha vizinha, reconheceu-o como o homem que tinha fugido da prisão, e a quem a polícia estava procurando.

- Dona Cida deveria entregar o Sr. Simões a polícia? () Sim () Não () Não Sei

- Por quê?

Anexo VI – *Interpersonal Reactivity Index (IRI)*

As seguintes afirmações questionam seus sentimentos e pensamentos em uma variedade de situações. Para cada item, indique quanto você concorda ou discorda com a afirmação escolhendo sua posição na escala abaixo (1- Discordo Totalmente; 2- Discordo Parcialmente; 3- Nem Discordo e nem concordo; 4- Concordo Parcialmente; 5- Concordo Totalmente). Quando você tiver decidido sua resposta marque o número apropriado ao lado da afirmação. Leia cada item com muito cuidado antes de responder. Responda o mais honesto possível.

1. Habitualmente me envolvo emocionalmente com filmes e/ou livros.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

2. Sou neutro quando vejo filmes.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

3. Incomodo-me com as coisas ruins que acontecem aos outros.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

4. Tento compreender os argumentos dos outros.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

5. Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

6. Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

7. Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

8. Antes de tomar alguma decisão procuro avaliar todas as perspectivas.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

9. Tento compreender meus amigos imaginando como eles veem as coisas.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

10. Fico comovido com os problemas dos outros.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

11. Preocupo-me com as pessoas que não têm uma boa qualidade de vida.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

12. Descrevo-me como uma pessoa de “coração mole” (muito sensível).

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

13. Costumo fantasiar com coisas que poderiam me acontecer.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

14. Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

15. Depois de ver uma peça de teatro ou um filme sinto-me envolvido com seus personagens.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

16. Costumo me emocionar com as coisas que vejo acontecer aos outros.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

17. Fico apreensivo em situações emergenciais.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

18. Quando vejo uma história interessante, imagino como me sentiria se ela estivesse acontecendo comigo.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

19. Tendo a perder o controle durante emergências.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

20. Coloco-me no lugar do outro se eu me preocupo com ele.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

21. Escuto os argumentos dos outros, mesmo estando convicto de minha opinião.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

22. Fico tenso em situações de fortes emoções.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

23. Sinto-me indefeso numa situação emotiva.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

24. Sinto emoções de um personagem de filme como se fossem minhas próprias emoções.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

25. Tenho facilidade de assumir a posição de um personagem de filme.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

26. Habitualmente fico nervoso quando vejo pessoas feridas.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem discordo e nem concordo	Concordo Parcialmente	Concordo totalmente

Anexo VII – Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R)

Por favor, marque conforme sua característica. Não existe resposta certa ou errada.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

1. Existem pessoas que me enfrentaram e chegamos às vias de fato.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

2. Não posso deixar de entrar em discussões quando as pessoas não concordam comigo.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

3. Meus amigos dizem que sou um tanto argumentativo.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

4. Eu fico irritado rapidamente, mas também supero isso rapidamente.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

5. Muitas vezes eu discordo das pessoas.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

6. Eu me pergunto por que às vezes me sinto tão amargo sobre certas coisas.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

7. As outras pessoas sempre parecem levar vantagem sobre mim.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

8. Às vezes eu perco a razão sem nenhum motivo.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

9. Se eu for provocado o suficiente, posso bater em outra pessoa.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

10. Algumas vezes eu sinto que sou tratado injustamente na vida.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

11. Tenho dificuldades em controlar meu temperamento.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica

12. Eu já ameacei pessoas que conheço.

1	2	3	4	5
Não é minha característica	Pouca característica minha	Indeciso	Muita característica minha	Extremamente minha característica